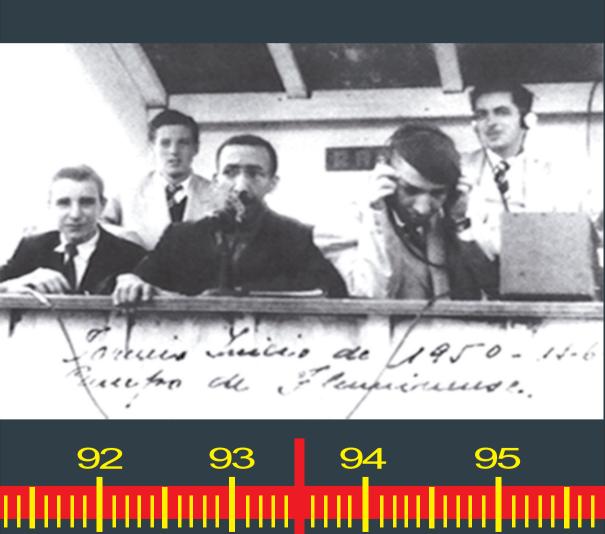
#### Marcos Fernando Kirst



## Rádio Caxias 70 anos: VOZ E IDENTIDADE



Rádio Caxias 70 anos: voz e identidade

# Rádio Caxias 70 anos: voz e identidade

Marcos Fernando Kirst



Foto capa: Equipe da Rádio Caxias durante transmissão esportiva direto do Estádio da Colina Fantasma, onde atualmente é o Centro Administrativo de Caxias do Sul, em 11 de junho de 1950. Da esquerda para a direita: Pedrinho Machado, Darci Tissot, Osvaldo de Assis, Nestor Gollo e Eloy Fritsch. Foto: Studio Tomazoni Caxias do Sul. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

Coordenação editorial: Alessandro Valim Pesquisa e redação: Marcos Fernando Kirst

Revisão: Izabete Polidoro Lima Editoração: Traço Diferencial Produção Cultural: Claudio Troian

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Universidade de Caxias do Sul

UCS – BICE – Processamento Técnico

#### K61r Kirst, Marcos Fernando

Rádio Caxias : 70 anos de voz e identidade / Marcos Fernando Kirst. – Caxias do Sul, RS : Educs, 2017.

160p.; 23 cm.

Apresenta bibliografia ISBN 978-85-7061-875-7

1. Rádio Caxias (RS) - História. 2. Caxias do Sul (RS) - História. I. Título.

CDU 2. ed.: 654.195(816.5)(091)

#### Índice para o catálogo sistemático:

1. Rádio Caxias (RS) -História

654.195(816.5)(091)

2. Caxias do Sul (RS) - História

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária Paula Fernanda Fedatto Leal – CRB 10/2291

#### FINANCIAMENTO:





Direitos reservados à:



#### EDUCS - Editora da Universidade de Caxias do Sul

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil Telefone / Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR: (54) 3218 2197 www.ucs.br – *E-mail*: educs@ucs.br



### Sumário

Sete décadas aglutinando aspirações regionais / 7 Mobilização para implantar a primeira rádio em Caxias / 11 Três homens de visão / 17 Nestor Rizzo: figura decisiva / 23 A estreia da Voz da Metrópole do Vinho / 27 Novo endereço / 41 Sede própria no edifício Estrela / 55 O adeus aos fundadores / 61 Paulo Triches e a criação do STC / 65 O novo milênio e a despedida dos ícones / 79 A migração para FM e os dias atuais / 87 A Rádio Caxias e a história da cidade / 95 Gentes e fatos / 103 Vozes que ficam / 127 Linha do tempo / 155 Painel / 158 Referências / 159

### Sete décadas aglutinando aspirações regionais

Fundada em 27 de abril de 1946, a Rádio Caxias rapidamente se consolidou como um veículo de comunicação protagonista da integração da Serra gaúcha. Ao longo dessas sete décadas de história, a emissora se destaca como um marco preponderante na construção permanente do crescimento e do desenvolvimento de Caxias do Sul e região. Instalada no topo do Edifício Estrela, no Centro da cidade, a Caxias 93,5 FM pode ser sintonizada em uma área com mais de 150 municípios da Região Nordeste do Rio Grande do Sul, atingindo uma população de 5,5 milhões de pessoas.

Ao celebrar 70 anos de existência, a emissora se iguala em longevidade à própria saga da imigração italiana na Serra gaúcha quando de sua fundação, iniciada 71 anos antes (1875). Dando voz a todos os diferentes setores, reportando os fatos que movimentam seu cotidiano e promovendo debates e análises contextuais, a Rádio Caxias cumpre seu papel na sociedade em que está inserida. Plenamente imersa na comunidade local e regional, e irmanada na defesa das demandas da população, desempenhou um papel de liderança ativa na concretização de "bandeiras", como a instalação da Universidade de Caxias do Sul (UCS), a campanha pela criação do Monumento Nacional ao Imigrante; o crescimento e a projeção da Festa da Uva como cartão de visitas da identidade cultural e da pujança da cidade; o desenvolvimento econômico do município em todos os setores, a construção da Rota do Sol, a valorização do esporte local, entre tantas outras.

Em contrapartida, a comunidade, na condição de público e de participante da programação, reconhece na Rádio Caxias uma empresa de comunicação genuinamente voltada à defesa dos interesses locais, agindo também em esferas intangíveis, como a valorização e a preservação dos aspectos culturais característicos e específicos da região. São elementos como esses que estreitam e aprofundam os laços da emissora com a população no dia a dia, desde o primeiro minuto em que uma antena de transmissão levou seu prefixo ao ar, traduzindo a voz da Serra gaúcha em ondas de rádio.

Essa longa trajetória de trabalho e dedicação voltada à informação e à formação de seus ouvintes decorre da ação e do envolvimento de diversos profissionais que passaram por seus quadros e também por aqueles que hoje compõem seu time de comunicadores e funcionários. Os principais fatos relacionados a essa trajetória empresarial, humana e comunicacional de sucesso, juntamente com as biografias de alguns desses protagonistas que deixaram suas marcas na história e na lembrança da comunidade, são os principais fios condutores a nortear o resgate desses mais de 70 anos de microfones abertos. A Rádio Caxias cumpre o papel de aglutinadora de aspirações, sonhos e visões da população caxiense desde a sua inauguração, considerada hoje um marco importante no desenvolvimento local, especialmente pelo fato de ter sido a primeira emissora de rádio a ser criada na cidade.

Resgatar para a posteridade os principais fatos que concorrem para a construção de mais de sete décadas é o foco norteador deste livro. A obra foi concebida com o intuito de oferecer ao leitor uma narrativa cronológica dos episódios, desde aqueles que antecedem e convergem para a fundação da emissora até os dias atuais, passando pelas principais transformações ocorridas em termos de administração, programação, relacionamento com a comunidade, perfil empresarial, personagens marcantes, comunicadores e fatos pitorescos.

A Rádio Caxias protagoniza um caso incomum de emissora longeva que, no transcurso do tempo, vem sabendo adaptar-se às exigências que a consolidam como referência no meio radiofônico, em todo o Estado. Perenizar o registro de sua história é uma forma de homenagear o passado, resguardar a preservação da memória, instrumentalizar a compreensão do presente e permitir a construção dos passos futuros.

Boa leitura!

Mobilização para implantar a primeira rádio em Caxias

Com a inauguração do traçado da BR-116 (então BR-2) passando por Caxias do Sul, em 9 de novembro de 1941 (então denominada Estrada Federal Getúlio Vargas), selou-se o destino da cidade rumo ao inexorável processo de desenvolvimento contínuo, que já nascera com o DNA do município e se ampliara desde a chegada do trem, em 1º de junho de 1910 (com a elevação da então Vila de Santa Tereza de Caxias à condição de cidade). Essa realidade segue pontuando os rumos da "Pérola das Colônias", expressão criada em 1897 pelo então governador da Província, Júlio de Castilhos, ao visitar oficialmente Caxias e se espantar com o acelerado desenvolvimento do maior dos povoados serranos colonizados pelos imigrantes italianos.

Esse ritmo desenvolvimentista move o espírito da cidade até os dias de hoje, em que pese as cíclicas crises que assolam o mundo e o País, e que também têm seus reflexos locais. Mesmo assim, Caxias tem tido a capacidade de se reinventar, não só para superar os momentos de dificuldade, mas, especialmente, para seguir crescendo e se antecipando às mudanças que pontuam o mundo, consolidando uma vocação pioneira em todos os aspectos

da vida social. É nesse contexto que, ao longo da primeira metade da década de 40, um grupo de empresários caxienses começa a gestionar com o governo federal (comandado pelo presidente gaúcho Getúlio Vargas, em plena vigência do Estado Novo) a autorização para implantar no município aquela que viria a ser a primeira rádio de Caxias do Sul.

Algumas tentativas amadoras anteriores, de alguns abnegados, haviam procurado fornecer aos caxienses um prelúdio do que viria a ser uma emissora, como a pequena broadcasting (termo da época para designar emissora de radiodifusão), que o comerciante Ítalo Agostinelli fixara em sua Casa Victor, em meados da década de 30, mas não seguiram adiante. A Casa Victor, instalada na Avenida Júlio de Castilhos, comercializava eletrolas, discos, aparelhos de rádio e outros produtos eletrônicos, além de "frigoríficos" da marca Kelvinator (as geladeiras de então). Agostinelli era um comerciante proativo e de projeção na sociedade da época, tendo inclusive presidido o clube Recreio da Juventude por mais de uma vez, nas décadas de 30 e 40 e também respondido pela direcão da Liga Esportiva Caxiense, entre outras atividades. As atrações radiofônicas levadas ao ar pela Rádio Experimental da Casa Victor, como era conhecida, atraíam as atencões do público e viravam notícia de jornal. Em 9 de novembro de 1936, por exemplo, o jornal O Momento comunicava com satisfação os esforços empreendidos por Ítalo Agostinelli (dirigente da broadcasting local) no sentido de levar de volta aos microfones da emissora o conjunto musical local "Patrulha da Madrugada", muito apreciado pelos ouvintes (a ponto de ser merecedor de foto publicada na página), "ressurgindo com novos elementos". As irradiações protagonizadas por Agostinelli foram pioneiras em Caxias do Sul e, apesar de seus esforcos no sentido de solicitar regulamentação oficial, não obteve sucesso frente ao governo federal e acabou recebendo ordem de interromper definitivamente as transmissões.

Era preciso promover um salto urgente no âmbito das comunicações, a fim de acompanhar o ritmo do desenvolvimento que, naquele momento, passava a acenar com o declínio dos transportes via estradas de ferro (que se aprofundou ao longo das décadas de 60 a 80), inicialmente a mola propulsora da região, e apontava para a preponderância do transporte rodoviário no Brasil. Se os trilhos do trem, até então símbolo do progresso, começavam a

se assentar nos bancos do passado, em detrimento das autoestradas, a comunicação social imediata na comunidade precisava também evoluir para além das tradicionais mensagens anunciadas pelos altofalantes das igrejas, pelos comunicados nas missas e festas comunitárias, pelas notícias urgentes impressas em folhetos extras, afixados em pontos de maior circulação da cidade e de um servico privado de alto-falantes, instalado na praca central, na década de 40. Caxias do Sul clamava por uma voz capaz de aglutinar suas aspirações e que estivesse em sintonia com os tempos modernos. Essa voz teria de vir de uma emissora local de rádio, até então privilégio no estado apenas da Capital e de poucos municípios gaúchos, como Pelotas, Rio Grande e Santa Maria. Já fazia mais de duas décadas que a primeira emissora havia sido criada no Rio Grande do Sul (a Rádio Sociedade Rio-Grandense, de Porto Alegre, em 1924, dois anos apenas após a primeira transmissão de rádio no Brasil, realizada de forma experimental em 7 de setembro de 1922, nas celebrações do Centenário da Proclamação da Independência, no Rio de Janeiro) e a invenção do aparelho, patenteada pelo italiano Guilherme Marconi, já completava meio século de existência (1896). A radiodifusão no País teve início oficial em 20 de abril de 1923, com a inauguração da primeira estação de rádio brasileira, a PRA-2, Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, do pioneiro da radiofonia nacional, Edgar Roquette-Pinto. Esse atraso incomodava os caxienses, habituados senão ao pioneirismo (mas também a ele), pelo menos ao passo sincronizado com a marcha do progresso.

A mobilização em favor da implantação de uma emissora de rádio em Caxias do Sul ganha impulso a partir do início da década de 40, como uma resposta ao processo de perda de autoestima da população local decorrente do preconceito contra descendentes de imigrantes italianos e alemães no Estado, devido à Segunda Guerra Mundial. A língua italiana, em especial o dialeto conhecido como "talian", falado livre e amplamente pelos imigrantes e seus descendentes em todas as cidades serranas gaúchas, passou a sofrer uma ampla carga de preconceito transformada em seguida em cerceamento oficial por decreto presidencial. Conhecida como uma pujante cidade alicerçada sobre os esforços principalmente desses colonizadores, Caxias do Sul amargava as consequências de suas ligações históricas, culturais e étnicas com a Itália, País integrante do Eixo formado também por

Japão e Alemanha, inimigos dos Aliados, aos quais o Brasil, após alguns titubeios iniciais, se irmanaria oficialmente (e presencialmente) a partir de 1942. O esforco de guerra nacional concretizado pela Forca Expedicionária Brasileira (FEB) contou inclusive com a participação direta de voluntários da região serrana gaúcha, descendentes de italianos, que foram combater na Europa. A proibição do uso da língua italiana e seus dialetos criou constrangimentos delicados nas gentes e nas relações sociais das comunidades serranas alicerçadas sobre o processo de imigração, gerando um grave processo de cerceamento e perda cultural, cujos efeitos só começaram a ser minimizados e revertidos décadas mais tarde, a partir de 1975, com as celebrações do primeiro centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul. O esforco de guerra limitava em todo o País o uso de combustíveis, redirecionava as linhas de produção das indústrias (inclusive de tradicionais empresas caxienses do setor metalomecânico, como a Eberle), redefinia rumos e destinos, gerava situações de exceção. Entre elas, enquadrava-se a questão da Festa da Uva, a feira agroindustrial concebida desde sua primeira edição, em 1931, como evento catalisador da pujança local nos setores vitivinícola, agrícola, industrial e cultural, servindo como cartão de visitas e ferramenta poderosa de marketing da cidade. Realizada anualmente em seguência desde a estreia (1931, 1932, 1933 e 1934), a guinta edição da Festa amargou um hiato de três anos para ser retomada, em 1937 e, desde então, especialmente devido à guerra que sacudia o mundo, teve de ser cancelada ao longo de toda a década de 40, sendo reativada em sua sexta edição somente no ano de 1950. Uma emissora de rádio transmitindo a partir de Caxias do Sul seria, seguramente, um instrumento importante no esforço de reaglutinar as energias do povo local por meio da realização de uma nova Festa da Uva, reacendendo a chama do orgulho de ser caxiense, de suas ascendências, de sua cultura e colocando a população mais uma vez em sintonia com o DNA desenvolvimentista que caracteriza a cidade. Era assim que pensavam os fundadores da futura emissora de rádio. capitaneados, não por acaso, pelo visionário luso-brasileiro Joaquim Pedro Lisboa, idealizador da primeira Festa da Uva (presidiu a primeira e a quarta edições do evento).

As demandas do grupo local frente ao governo federal foram proteladas e relegadas a segundo plano devido às atenções

naturalmente voltadas prioritariamente para a condução do Brasil na guerra. Só com a proximidade do final do conflito (que se deu em maio de 1945) é que os entraves burocráticos na Capital federal se desamarraram, permitindo que o sonho se concretizasse. A autorização para a constituição da emissora foi concedida em 1944 e ela entrou no ar dois anos depois, pouco menos de um ano após o final da Segunda Guerra Mundial.

### Três homens de visão

A tradição histórica atribui a um triunvirato de empreendedores a responsabilidade pela fundação da Rádio Caxias. Nada mais adequado para estar em sintonia com a alma do povo do que um trio de fundadores, especialmente em uma região como a Serra gaúcha, habituada a celebrar três nomes como os pioneiros da imigração italiana, iniciada em 1875: Luigi Sperafico, Stefano Crippa e Giovanni Radaelli. Reducionismos e coincidências à parte, o fato é que a gênese da primeira emissora de radiodifusão da região nordeste do estado decorre do engajamento proativo de três homens de visão: Joaquim Pedro Lisboa, Luiz Napolitano e Arnaldo Pignone Ballvé. O que os uniu não foi o acaso, tampouco o destino, mas, sim, uma confluência de propósitos, mesmo que partindo de motivações diferentes.

Tirar sonhos da esfera do desejo e transformá-los em realidade concreta era uma das especialidades do visionário Joaquim Pedro Lisboa (1887-1974). Brasileiro, gaúcho, descendente de açorianos, nascido em Rio Pardo, em 2 de abril de 1887 (seus pais eram Frederico do Amaral Lisboa e Eulália Barreto Lisboa, ambos nascidos também

em Rio Pardo), recebeu consistente educação baseada em cultura e conhecimentos gerais, influenciado especialmente por uma tia, a consagrada escritora e educadora gaúcha Ana Aurora do Amaral Lisboa (1860-1952). Com 23 anos de idade, em 1910, mudou-se para a cidade de Santa Maria, onde dedicou-se a diversas atividades. entre elas as de topógrafo, revisor em jornais e funcionário da Viação Férrea, na Companhia Belga, voltada à construção de novas linhas de estradas de ferro pelo interior do Rio Grande do Sul. Ali, fez carreira e alcançou o cargo de inspetor, o que o levou a conhecer e a residir em várias cidades do interior do estado e também na Capital. Culto e de espírito cosmopolita, casou-se com a porto-alegrense Alcemira Veríssimo Ribeiro. Após pesquisar em várias cidades, decidiu estabelecer residência com a família em Caxias do Sul, onde julgava que havia os melhores colégios nos quais educar seus filhos. Educação e cultura foram os aspectos que o trouxeram para cá, com a família, em 1921, onde assumiu a coordenação da Estação Férrea. Logo estava integrado plenamente ao cotidiano local e, cidadão de espírito participativo que era, não se furtou de participar das diretorias de diversas entidades tais como: o Clube Juvenil, o Tiro de Guerra e a Associação Comercial. Na "Pérola das Colônias", dedicou-se a muitas atividades, como coletor estadual, inspetor florestal e inspetor do Instituto Rio-Grandense do Vinho (órgão ligado à Secretaria Estadual da Agricultura), atividade que lhe permitiu conhecer a fundo as questões relacionadas ao universo de vitivinicultura, uma das mais significativas atividades econômicas desenvolvidas na cidade e na região.

Na condição de inspetor do Instituto do Vinho, Joaquim Pedro Lisboa mantinha contato direto com os produtores em todo o interior do município, conhecendo de perto a realidade que vivenciavam, suas dificuldades e necessidades. A opção dos agricultores locais por seguir cultivando a uva Isabel, utilizada para a produção de vinho de mesa e sucos, considerada inferior pelos crescentes consumidores de vinho no centro do País, fazia a produção caxiense começar a perder competitividade e ver os mercados se fecharem. Era necessário, e urgente, convencer os vitivinicultores a começarem a adotar o cultivo de uvas viníferas que proporcionassem vinhos de melhor qualidade, a fim de garantir a participação caxiense na ponta do mercado interno. A melhor forma de demonstrar a importância das uvas viníferas aos produtores e também a todo o público seria por meio da criação de

uma exposição agroindustrial que, ao mesmo tempo, chamasse a atenção de todos, em função do clima de festa cultural e folclórica que seria conferido ao evento. Liderando um grupo de empresários locais, Joaquim Pedro Lisboa idealizou e concretizou a primeira edição da Festa da Uva, em 7 de março de 1931, entrando para a história da cidade como o pioneiro na criação de um modelo de festas regionais, que passaria a ser seguido nas próximas décadas por municípios de todo o País e originando um marco representativo de Caxias do Sul, sua história, sua cultura, sua gente, seu trabalho.

A primeira edição do evento teve como palco o salão do Recreio da Juventude, onde os produtores locais de uvas expuseram ao público os seus produtos e derivados (vinhos, graspa, sucos, cucas, doces, etc.), além de outros artigos decorrentes de seu trabalho. Restrita a apenas um dia (7 de março), não apresentou as características de festa que passariam a tomar corpo a partir da edição do ano seguinte, esta já realizada a céu aberto na Praça Dante Alighieri e ao longo de oito dias (27 de fevereiro a 6 de março de 1932). No entanto, a semente estava plantada e havia germinado em solo fértil. O principal semeador: Joaquim Pedro Lisboa, um típico "imigrante interno" como tantos outros, radicado em Caxias do Sul, onde, contaminado pela cultura da produtividade e do pioneirismo, deixaria sua marca em várias frentes. Entre elas, além da Festa da Uva, conjugou esforços, em 1928, para a instalação da agência do Banco do Estado do Rio Grande do Sul na cidade (foi tesoureiro e contador da primeira agência deste banco instalada no município); atuou com destague na criação do CTG Rinção da Lealdade, em 1953 (o primeiro Centro de Tradições Gaúchas da cidade e o terceiro a ser fundado no estado); participou da fundação da Academia Caxiense de Letras, em 1962, da qual seria vice-presidente na sua primeira diretoria, entre outras atividades de integração social e comunitária.

Frente a esse currículo, era natural, portanto, ter seu nome apontado para liderar o grupo empresarial que se mobilizava para ver Caxias do Sul contemplada, o mais rápido possível, com uma emissora de rádio autêntica, capaz de ser a voz e os ouvidos de toda a comunidade. Além disso, havia o interesse em retomar a realização e amplificar a divulgação do evento cuja criação capitaneara em 1931, a Festa da Uva, desmobilizada após sua quinta edição em 1937, devido à Segunda Guerra Mundial (1939-1945).



Joaquim Pedro Lisboa: um visionário que mudou Caxias do Sul. Foto: Studio Geremia. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

Lisboa tinha consciência da importância do rádio na divulgação de acontecimentos desse porte, em função do que presenciara na atuação da Rádio Gaúcha de Porto Alegre na segunda edição, em 1932. Essa cobertura entrou para a história do radiojornalismo gaúcho, por ter sido a primeira transmissão externa de rádio fora da Capital do estado.

O jornalista Luiz Napolitano fora responsável pelo funcionamento, na Praça Dante Alighieri, no centro da cidade (na época rebatizada de Praca Ruy Barbosa devido à Segunda Guerra Mundial e ao decorrente banimento de nomes italianos de todos os logradouros públicos municipais) de um serviço de alto-falantes, instalados no alto de postes ao redor da praça e adjacências, que mantinham a população informada a respeito de algumas notícias e avisos públicos e de interesse geral. O sistema precário de comunicação (conhecido popularmente como "a voz do poste") funcionava desde 1945 e também fornecia aos comerciantes instalados nas redondezas da praca, aos moradores das imediações e aos transeuntes uma programação musical e proclames comerciais. Entrava no ar às 17h e seguia com a programação até 21h. "A cidade era tão silenciosa na época, que se escutava o som dos alto-falantes desde o bairro Lourdes até São Pelegrino", recorda Nestor Gollo, em depoimento concedido à historiadora Tânia Tonet em 2001, para o acervo do Memorial da Rádio Caxias. Tratava-se de um embrião de uma rádio e, por isso mesmo, Napolitano sonhava com a instalação de uma emissora de verdade. Vale lembrar que, apesar da precariedade, o Servico de Altofalantes Guacyra, de Luiz Napolitano e Armando Pires, contava com equipe de comunicadores (o radialista Nestor Gollo entre eles, que integraria os guadros da nova rádio ainda em seu primeiro ano de atividades, já na condição de speaker, como eram chamados na época os locutores, e permaneceria nela até 1954) e tinha seu "estúdio" instalado junto ao escritório de Luiz Napolitano, na Rua Marquês do Herval, onde também funcionava a sede local do grupo Diários Associados (conglomerado midiático nacional pertencente ao magnata das comunicações Assis Chateaubriand). Eloy Fritsch também administrava um serviço de alto-falantes que funcionava especialmente em festas religiosas realizadas na cidade e no interior.

Mas quem apresentava currículo, com larga experiência de atuação no meio radiofônico no estado, era Arnaldo Pignone Ballvé,

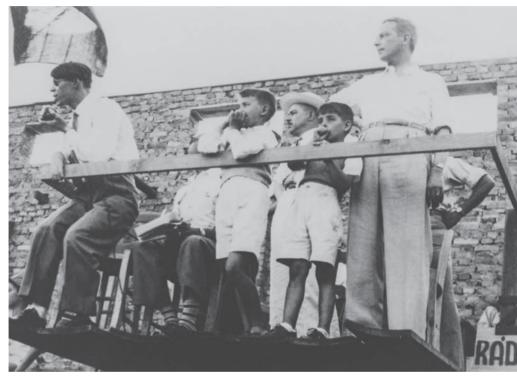
que na época respondia pela direção da Rádio Farroupilha, de Porto Alegre, pertencente aos Diários Associados. Ballvé era natural de Quaraí, onde nascera em 1896, e em 1935 já tinha a carreira profissional marcada por sua participação na fundação da Rádio Sociedade Farroupilha, em Porto Alegre, emissora que dirigiu até 1943, quando ela passou a pertencer aos Diários Associados. De 1944 até 1946, dirigiu a Rádio Sociedade Gaúcha. Na bagagem, trazia ainda a experiência anterior na direção da Rádio Difusora, também da Capital do estado e, agora, direcionava seu interesse ao processo de interiorização de emissoras de rádio pelo Rio Grande do Sul, iniciado pela Rede de Emissoras Reunidas Rádio Cultura Ltda. (de sua propriedade) com a instalação pioneira de uma rádio em Santa Cruz do Sul, em 1946. A expressão "Rádio Cultura" seria mais tarde suprimida por estar sendo utilizada por outro grupo empresarial na região sul do estado. Ao longo daguela década, a empresa fundaria 15 emissoras no interior do Estado (depois de Santa Cruz do Sul e Caxias do Sul, vieram as emissoras de Cruz Alta, Passo Fundo, São Leopoldo, Progresso – Novo Hamburgo, Alto Taguari – Estrela, Encantado, Rio Pardo, São Gabriel, Alegrete, Erechim, Carazinho, Cachoeira e Santo Ângelo). Após a pioneira instalação da rádio em Santa Cruz do Sul, o próximo passo seria Caxias do Sul, e Ballvé traria sua experiência no processo para se juntar ao pioneirismo proativo de Joaquim Pedro Lisboa e ao conhecimento jornalístico de Luiz Napolitano para a gestação da Rádio Caxias.

### Nestor Rizzo: figura decisiva

Nestor Domingos Rizzo, nascido em 1914 em Porto Alegre e radicado há anos em Caxias do Sul, integrou-se aos fundadores ao ser contratado como o primeiro diretor da Rádio Caxias, e a escolha de seu nome tinha razão de ser. Enquanto liderança empresarial local, Rizzo se destacava por ser um entusiasta do meio cultural e artístico da cidade. No Clube Juvenil, tomara a iniciativa de montar uma "rádio interna", com shows de calouros e outras atrações. Sua experiência na área cultural e empresarial foi o que o gabaritou a assumir o desafio de dirigir a nascedoura emissora. Homem de visão, na condição de presidente do Juvenil (por duas ocasiões: de 1946 a 1950 e de 1957 a 1967), sempre que firmava contratos para a vinda de artistas estaduais e nacionais. inseria uma cláusula para que fizessem uma apresentação ao vivo na Rádio Caxias. Foi dessa maneira que Caxias do Sul viu-se inserida, especialmente nas décadas de 40 e 50, no roteiro de grandes estrelas nacionais internacionais da música, que fizeram paradas na cidade para mostrar seu talento irradiado pelas ondas da emissora, e vistos ao vivo por quem conseguia ingresso para assistir às apresentações. Rizzo não media esforços

nesse sentido e a galeria de grandes nomes que passaram pela cidade foi extensa e com qualidade.

Sempre preocupado com o localismo e com as guestões sociais às quais os meios de comunicação devem se engajar, Rizzo marcou sua trajetória na cidade por também capitanear causas importantes, como a que, em 1960, resultou na aquisição de uma Kombi para a Apae. Por meio da conclamação que Rizzo deflagrou pela Rádio Caxias, a comunidade se mobilizou e foi possível, no final, adquirir não só um, mas dois veículos para a entidade. Sua importância para o sucesso da emissora nos primeiros anos é reconhecida pelos contemporâneos. Jimmy Rodrigues, em depoimento ao livro Rádio Caxias – 50 Anos, cita Rizzo como "um líder industrial que gostava de música, de arte, a cujo entusiasmo se deve o fato de a Caxias ter sido, desde o seu início, uma grande pequena emissora do interior". Na mesma obra, Firmo Carneiro, um dos primeiros locutores, descreve o diretor como "idealista e desbravador. Não admitia obstáculos que não pudessem ser superados. Teve decisiva contribuição na criação e instalação da Rádio Caxias". Por fim. Leonel Lahm de Castilhos, que marcou época como técnico da emissora, recorda que "o Dr. Nestor era um apaixonado por música, principalmente pela americana. Não dava muita importância para o faturamento da emissora. O principal objetivo dele era que a programação fosse de primeira linha. Vibrava com a seleção musical ou com um furo de reportagem. Durante o tempo que dirigiu a emissora, presenteou a população caxiense com inúmeras caravanas artísticas do centro do País e até do Exterior".



Presença marcante nas primeiras décadas da Rádio Caxias, Nestor Rizzo (à direita) acompanha a narração de Nestor Gollo em uma partida na Quinta dos Pinheiros, o antigo Estádio do Juventude, em 1947. Autoria: não identificada. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

### A estreia da Voz da Metrópole do Vinho

Após alguns ajustes e adiamentos, "a Voz da Metrópole do Vinho", ZYF-3 Rádio Caxias do Sul, passou a ser oficialmente ouvida pela comunidade caxiense e da região, a partir das 10h de 27 de abril de 1946, com seus estúdios instalados nas dependências do clube Recreio Guarany, situado na Avenida Júlio de Castilhos, na divisa entre os bairros Centro e Lourdes. O prefeito na época, Dante Marcucci, chegou a encaminhar a doação de um terreno público existente na Avenida Júlio de Castilhos, defronte à sede do Recreio Guarany, para a instalação da emissora, tamanha a importância que a municipalidade conferia à chegada de uma rádio na cidade. No entanto, os proprietários alegaram não possuir a verba necessária para sustentar a construção do prédio, daí a razão para as negociações com a diretoria do clube, a fim de ali instalar a nova emissora.

No entanto, durante alguns meses antes da inauguração oficial, a ZYF-3 entrava no ar algumas horas do dia em caráter experimental, com o propósito de testar os equipamentos, a programação e a desenvoltura de sua equipe pioneira de profissionais. O "caráter experimental" só permitia que

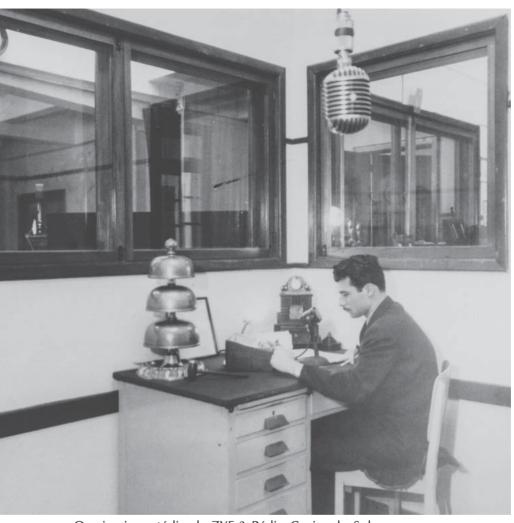
a emissora irradiasse música e o prefixo. À meia-noite de 4 de abril, uma guinta-feira, deu-se a primeiríssima irradiação: "Esta é a ZYF-3, uma nova voz cortando os céus do Rio Grande." Nos dias seguintes, os locutores desse período, Ernani Falcão e Mário Bernardino Ramos (depois prefeito de Caxias do Sul entre 1973 e 1975), levayam ao ar outra mensagem que dizia "ZYF-3 Rádio Caxias, a voz da Metrópole do nordeste, transmitindo em caráter experimental. Por favor, escrevam, dizendo como estão recebendo nossa transmissão." A novidade não passou despercebida pelos jornais locais, especialmente pelo Voz do Povo, que em 21 de abril publicava uma coluna inteira dedicada ao fato, intitulada "Pílulas Radiofônicas" e assinada por um anônimo e bem-humorado "Ouvinte": "A turma do estúdio: Rizzo, Roias, Ramos, Rodrigues, Fritsch, Falcão, Dalpan etc. e mais o técnico paulista Lothário, viram-se pequenos para atender os telefonemas dando impressões sobre a irradiação. Afora a 'queimada' espetacular daqueles fusíveis, nada mais houve de anormal. Dizem que em Caxias, para ouvir a F-3, não há necessidade de receptor. Basta abrir a torneira do banheiro... Onde houver banheiro... Falcão, o locutor do bigodinho cinematográfico, quando lhe perguntam a data da inauguração da ZY, responde: 'Quando houver luz em Caxias'."

Ernani Falcão, jornalista, locutor, compositor, cantor e escritor, foi o responsável pelo convite a Jimmy Rodrigues para se juntar ao time, quando passou a redigir textos variados e informes publicitários. Falcão, bastante conhecido em Caxias do Sul naquela época, colaborava com diversos jornais e trabalhava como locutor no Guacyra. Imortalizado como autor da letra do hino do Esporte Clube Juventude, no entanto, não pôde permanecer na equipe da ZYF-3, pois teve problemas de saúde que, por fim, provocaram sua morte ainda em 1946, com 25 anos de idade. Com essa baixa, foram contratados os locutores Athayde Ferreira e Ayrton Grossi, seguidos depois por Nestor Gollo, Wilson Marchioro, Firmo Carneiro, Osvaldo de Assis e Guilherme do Valle Tönniges. O diretor Nestor Rizzo, quando necessário, também ia ao ar. O Departamento Comercial era responsabilidade de Almir Rojas.

A solenidade oficial de abertura das transmissões da rádio, no dia 27 de abril, diretamente do Recreio Guarany, contou com a apresentação da Orquestra Sinfônica Caxiense, regida pelo maestro João Cosner e com canções de Ilse Fontana. Arnaldo Ballvé fez o

discurso inaugural. As instalações da rádio ocupavam três dependências na parte superior do prédio: em uma delas, funcionavam o escritório e o atendimento ao público; na outra, a discoteca (que abrigava o acervo de discos em vinil de 78 rotações) e, na terceira, o estúdio, em que havia a mesa de locução e um piano. Apesar da potência de transmissão modesta mesmo para a época (apenas 250 watts), o sinal da rádio podia ser captado em diversas localidades do interior e também em municípios vizinhos (inclusive em áreas além da Região Serrana e em outros estados, mesmo que com menos qualidade), uma vez que, na época, ainda eram poucas as emissoras a disputar as freguências de rádio no espectro. O transmissor e a antena foram instalados no pátio do próprio clube, mas por pouco tempo (a freguência de operação era 1370 kHz). Dois troncos de eucalipto de 22 metros de altura cada um serviam de base para a sustentação do fio de cobre que consistia na antena (uma "enjambração", conforme classificaria, com bom humor, anos mais tarde, o jornalista Jimmy Rodrigues). Já Nestor Gollo, em depoimentos posteriores, recordaria que o telhado do piso superior do Clube Guarany era de zinco, o que causava interferências estranhas: "Você encostava o ouvido na calha do clube e escutava a Rádio Caxias." Abria uma torneira e junto à água jorrava a programação, com músicas e dedicatórias", brincava.

Ajustar os relógios pela "Hora Certa", irradiada para toda a cidade pelas vozes dos *speakers* da Rádio Caxias, logo se transformou em hábito entre toda a população local. Empresas como a Relojoaria Broilo & Comandulli e a Casa Masson perceberam logo a importância de patrocinar o servico e associaram seus nomes à "Hora Certa", sublinhada pelo inconfundível soar de um "gongo", que, na verdade, era uma campânula de três tons instalada sobre a mesa do locutor. Depois de anunciar a hora, o radialista batia com um martelinho de madeira na campânula, as badaladas confirmando o horário e criando uma conexão auditiva com a audiência. O primeiro a ir ao ar com essa informação foi Athayde Ferreira. Uma vez que boa parte da programação era irradiada ao vivo, especialmente os programas musicais e de auditório, a Rádio Caxias possuía uma orquestra própria, assim constituída: Délcio Vieira (piano), Germano Troian (bateria), Ratinho (clarinete), Bola de Neve (pandeiro), Flávio Abreu e Romano Mancuso (cantores).



O primeiro estúdio da ZYF-3 Rádio Caxias do Sul, no Recreio Guarany, no fim da década de 1940. À frente do locutor Wilson Marchioro, o lendário gongo que assinalava a informação da hora na emissora. Foto: Cavalcanti Caxias do Sul. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

Os primórdios da ZYF-3 tiveram a presenca marcante do diretortécnico Eloy Fritsch. Autodidata, tornou-se um mestre no uso dos limitados equipamentos eletrônicos existentes na época, encontrando soluções criativas para viabilizar a qualidade de som e a transmissão em condições adversas. Seu "braço direito" era Alcides Dalpan, o popular "Milico", outro especialista da técnica de radiodifusão naquele período. O papel decisivo de Eloy Fritsch também é ressaltado por um de seus discípulos, Leonel Lahm de Castilhos, no Rádio Caxias – 50 Anos. "A sala técnica da Rádio era o 'Ouartel-General' de todos os técnicos de som da cidade, sem contar os radioamadores que diariamente iam consultar o Eloy. Ele nunca deixou de atendê-los. Não possuía curso de Engenharia Eletrônica, mas era grande conhecedor. Atualizava-se no assunto com livros e revistas: estudava tudo o que podia. Foi realmente o "pai" dos técnicos em eletrônica. Recebeu propostas tentadoras de outras emissoras, inclusive fora do Estado, e recusou-as. Gostava demais da "sua Rádio Caxias".

A vocação para posicionar-se ao lado dos interesses da comunidade se refletiu na programação da emissora, desde sempre voltada a levar informação e cultura para a população, priorizando o conteúdo local. Nos primórdios, a Rádio Caxias iniciava suas transmissões diárias às 9h e seguia direto até as 15h. A emissora então saía do ar para retornar às 17h, seguindo até as 23h. Isso se explica porque, como ainda não existiam os rádios portáteis (o transístor ainda não entrara em cena), o público só podia escutar rádio estando em casa, ao lado do aparelho receptor, via de regra instalado na sala de estar. Cidade operária por vocação, não fazia sentido manter a programação em horários em que a maioria dos ouvintes estava fora de casa, trabalhando, ou em horários de descanso. O sucesso crescente, aliado ao aumento do volume de anunciantes, foi forçando, ao natural, a ampliação da programação e a ocupação dos horários até então deixados fora do ar. A abertura dos trabalhos era feita com programação musical, que seguia até o meio-dia, quando era irradiado o Comentário do Dia, escrito por Jimmy Rodrigues e lido por um dos locutores da emissora. Na sequência entrava o Grande Jornal Falado da ZYF-3, um apanhado das notícias locais e do mundo e avisos de utilidade pública. Os horários existentes na tarde eram preenchidos com música, e às 18h Nestor Rizzo apresentava a Oração da Ave-Maria. Já o período da

noite era ocupado por apresentações musicais ao vivo, programas de auditório e radionovelas.

A direção do grupo de radioteatro era uma tarefa de Joaquim Pedro Lisboa, que orientava o tom de voz a ser empregado pelos locutores/atores. Os textos e scripts das radionovelas eram adquiridos principalmente da Rádio Nacional (do Rio de Janeiro) e de algumas rádios paulistas e interpretados ao vivo por artistas locais, tais como: Antônio Mano, Lucita Fonseca Vieira, Irineu Adami, Valdir Fasoli, Leda Salami, entre outros. O primeiro radioteatro levado ao ar (ao vivo) pela Rádio Caxias, ainda em 1946, poucos meses depois da inauguração, foi escrito e dirigido por Joaquim Pedro Lisboa, intitulado "Quando a cidade era pequena". A obra narrava o início da colonização italiana na Serra gaúcha, a partir da trajetória de algumas famílias de imigrantes, alternando drama e comédia e obtendo altos índices de audiência. A radionovela seriada "Um rajo de luz" também fez sucesso, causou frisson entre os ouvintes e marcou época. Da mesma forma, "Noites portenhas", uma história de amor criada pelos talentos do Departamento de Radioteatro da emissora.

A presença de um veículo que fazia transmissões ao vivo, narrando os fatos locais em tempo real, como visitas presidenciais, jogos de futebol, competições automobilísticas, bailes, festas, eventos e entrevistas, configurou-se em uma experiência completamente nova aos caxienses, em termos de apreensão de informação. Em 1946, Caxias do Sul contava com três jornais impressos: A Época (bissemanal); O Momento (semanal) e Voz do Povo (um semanário de divulgação política autoclassificado como "Órgão do Proletariado e do Povo", dirigido por Waldomiro Ramos Pacheco, tendo entre sua equipe de colaboradores Jimmy Rodrigues), com circulação de informações restritas ao entorno urbano (o interior era precariamente servido de notícias, encontrando amparo quase exclusivamente com a circulação de O Correio Riograndense, à época publicado em Garibaldi). O jornal *Pioneiro* só surgiria dois anos depois, em 1948. O primeiro jornal impresso da cidade nasceu ainda em 1897, O Caxiense, comprovando a sede por informações existente entre os habitantes locais, desde os primórdios do surgimento da urbe. Em sequência, apareceram várias outras publicações, mas sempre semanais, quinzenais ou mensais (sem contar os de periodicidade incerta), com tiragens reduzidas e vida efêmera.



As radionovelas fizeram enorme sucesso nos microfones da Rádio Caxias. A imagem, de meados da década de 1950, traz o grupo teatral responsável pela encenação da novela "Amarga Realidade". Da esquerda para a direita: Osvaldo de Assis (1º), Pedrinho Machado (4º), Eloy Fritsch (5º), Antonio Mano (7º), Américo Silveira Silva (8º), Joaquim Pedro Lisboa (9º) e José Enir (14º). Autoria: não identificada. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

Aproveitando-se dessa realidade, o Grande Jornal Falado da ZYF-3 estabeleceu uma conexão muito forte com os ouvintes desde o início, e não demorou a se firmar como referência diária de informação dos caxienses. A parada para ouvir as notícias em geral e os avisos de utilidade pública, especialmente de chegadas e partidas à cidade e notas de falecimento, tornou-se um hábito obrigatório dos moradores da área urbana e, principalmente, do interior. A gigantesca audiência provocou imediato interesse comercial, o que fez as grandes empresas locais associarem seu nome ao informativo. A primeira foi a Metalúrgica Abramo Eberle. Depois vieram a Cervejaria Pérola e a Madezatti. A vacilada desta última em renovar o contrato abriu a oportunidade para o Formolo Materiais de Construção, que, em 1973 assumiu o posto de patrocinador principal do programa, tendo deixado o espaço apenas durante um ano, 1988, quando foi substituído pela Chies Materiais de Construção. O Formolo retornou já no ano seguinte e permaneceu como cotista até setembro de 2017, quando deixou de patrocinar o programa. O sucesso contribuiu para que os apresentadores desse espaço se tornassem "lendas" da comunicação caxiense, começando por Osvaldo de Assis, "o speaker da voz de veludo", que comandou a atração de 1948 até sua morte precoce, em 1971. A exemplo dele, foram consagrados nomes como Vivaldo Vargas de Almeida, Getúlio Soares, Gildo Flores, Sérgio Stock, Osvaldo Lacerda, Luiz Bolsoni e Reni Sefeld, um recordista, que ficou 24 anos no comando da atração (entre 1971 e 1995).

O elo com a comunidade abriu nova frente a partir de 15 de novembro de 1946, quando foi ao ar pela primeira o programa "Esportes na Onda", que iniciou os trabalhos do Departamento de Esportes da ZYF-3. Sob o comando de Nestor Gollo, que havia sugerido a Rizzo a criação do espaço, configurou-se no ensaio para o início das transmissões futebolísticas, que no ano seguinte se concretizaram. Nas décadas de 50 e 60, para celebrar a data de 15 de novembro como marco na divulgação do esporte local, a Rádio Caxias realizava a Parada dos Esportes, que consistia em um desfile pelas ruas centrais da cidade com as equipes municipais. Essa vocação para incentivar e cobrir o desporto local segue sendo um dos principais focos da empresa até hoje. O esporte, em especial o futebol, ganhava desde cedo espaço nobre na programação da rádio, e a principal atração era o acompanhamento do Campeonato Municipal, disputado naquele fim da década de 40 por três equipes: Juventude, Flamengo



Osvaldo de Assis e Vivaldo Vargas de Almeida, duas vozes que marcaram época na apresentação do noticiário do meio-dia. Autoria: não identificada. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

e Fluminense. Os profissionais responsáveis pelas transmissões, em sua maior parte, eram os mesmos que brilhavam como locutores de noticiários, musicais e radionovelas, demonstrando uma enorme polivalência: Nestor Gollo, Athayde Ferreira e Osvaldo de Assis narravam; Firmo Carneiro lia os textos comerciais; Jimmy Rodrigues e Dante Andreis eram os comentaristas. Na técnica das transmissões externas, Eloy Fritsch e Alcides Dalpan.

Já no ano seguinte à inauguração, em 1947, a empresa adquiriu um terreno no Morro Leonardelli, nas proximidades do Centro, onde então foi instalada uma nova antena em uma torre metálica de 52 metros de altura. Na mesma ocasião, a potência da emissora saltou para 1000 watts, ou 1 kW, ampliando a penetração do sinal por todo o interior. Isso coincidiu com o fato de o tradicionalismo ganhar espaço na programação da Rádio Caxias desde seus primórdios, e já em grande estilo, trazendo para seus quadros nomes de expressão no cenário gauchesco. Em 1948, o renomado músico Honeyde Bertussi (da dupla Os Irmãos Bertussi, que formaria com Adelar Bertussi em 1955 e duraria até 1965) é convidado a apresentar "O Cancioneiro das Coxilhas", o primeiro programa tradicionalista radiofônico irradiado ao vivo no Rio Grande do Sul. A atração ia ao ar nas guartasfeiras, quando Bertussi montava no cavalo, colocava a gaita nas costas e partia de sua fazenda na Mulada, interior de Criúva (hoje distrito de Caxias), até o Centro, para comandar o programa. Foi assim, devido ao sucesso com o público, que o próprio músico Honeyde Bertussi (1923 – 1996) passou a ser conhecido como "O Cancioneiro das Coxilhas". Esse programa inicial, ao lado dos posteriores "Canhadas e Coxilhas" e "Venha pra Cancha, Amigo", formou um trio que marcou época dentro da cultura tradicionalista radiofônica, no estado.

Em entrevista concedida em 2014 ao jornalista Paulo Cancian, no programa "Caxias Memória", gravado em sua fazenda na Mulada, o músico Adelar Bertussi, irmão sobrevivente da famosa dupla de gaiteiros-cantores, revelou que Os Bertussi possuem uma eterna dívida de gratidão para com a Rádio Caxias. Segundo ele, foi o radialista Jimmy Rodrigues que, encantado com o talento de Honeyde Bertussi, a quem via cantar e tocar gaita nas casas de amigos em comum, efetivou convite para que se apresentasse nos programas da emissora. Segundo o relato de Adelar, Honeyde se apresentava uma vez por semana no programa de Jimmy, quando saía cedo da Mulada e



Nestor Gollo, o fundador do Departamento de Esportes da Rádio Caxias, em ação como narrador do jogo Flamengo x Esportivo na Quinta dos Pinheiros, em 17 de outubro de 1948. Da esquerda para a direita: Osvaldo de Assis, Nestor Gollo, Jimmy Rodrigues e Almir Rojas. Autoria: não identificada. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

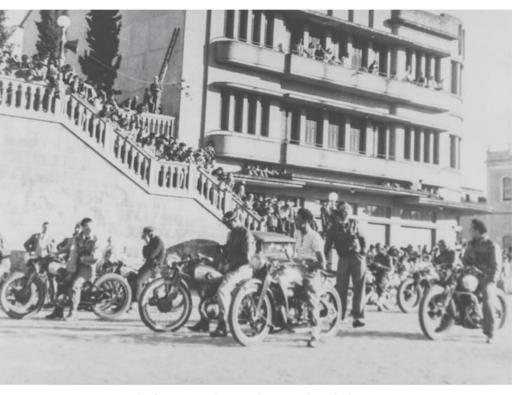
passava o dia inteiro na função. Foi a partir disso que Honeyde se credenciou a vir a comandar os programas que lhe "pavimentaram" a fama e culminariam na criação da dupla de irmãos-cantores. No "Venha pra Cancha, Amigo", Adelar já era convidado a cantar com o irmão. Ficaram tão conectados à emissora, que Os Bertussi se apresentaram no dia da inauguração das novas instalações da Rádio Caxias, no Edifício Kalil Sehbe, em 1950. O restante é história.



Um registro histórico: os Irmãos Bertussi durante apresentação no Auditório Arnaldo Ballvé, da Rádio Caxias. Autoria: não identificada. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

## Novo endereço

O primeiro grande salto da empresa (o que passaria a ser uma característica da Rádio Caxias ao longo de toda a sua trajetória) se deu no ano de 1950, quando os estúdios foram transferidos de suas precárias instalações no Recreio Guarany para um andar inteiro do então Edifício Kalil Sehbe (hoje City Hotel), mais próximo à Praça Dante Alighieri, localizado na esquina entre a Avenida Júlio de Castilhos e a Rua Borges de Medeiros. Com área ampla, moderna e mais apropriada para o desempenho das funções de uma emissora de rádio, foi possível estabelecer ali o Auditório Arnaldo Ballvé, com 90 lugares (inaugurado em 8 de dezembro daquele ano), a partir do qual passaram a ser irradiados programas e radionovelas, com a participação ao vivo do público, o que virou "febre" na época, criando celebridades locais. Foi neste momento que a emissora consolidou suas atrações e aprofundou a relação com a cidade. Os programas radiofônicos de auditório viveriam dias gloriosos durante cerca de 20 anos, até seu declínio no início da década de 70. Faziam parte do time de locutores naquele período, entre outros, vozes como as de Vivaldo Vargas de Almeida, Milton Rossarola, Renato Miller e Flávio Chaves. A programação tinha



Uma corrida de motocicletas pelas ruas da cidade esteve entre os diversos eventos organizados pelo Departamento de Esportes da Rádio Caxias. A largada da competição, realizada em 16 de junho de 1949, foi em frente à Catedral Diocesana. Autoria: não identificada. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

como modelo a famosa Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, incluindo jornais falados, musicais, shows de artistas e jornadas esportivas. Naquele ano, a Rádio Caxias surpreendeu os ouvintes quando retransmitiu para a cidade partidas da Copa do Mundo de Futebol, que o Brasil pela primeira vez sediava, irradiando direto de Porto Alegre os dois jogos disputados na capital gaúcha (México x Suíça e México x Iugoslávia), no Estádio dos Eucaliptos, pertencente ao Sport Club Internacional.

Antes disso, ainda em 1949, Joaquim Pedro Lisboa deflagrara, por meio da emissora, uma ampla campanha pela retomada da Festa da Uva, suspensa desde 1937 devido à Segunda Guerra Mundial. A Rádio Caxias fez um chamamento a toda a região para se agregar ao evento, que passou a ser denominado Festa Regional da Uva, com sua sexta edição tomando forma em 1950, de 25 de fevereiro a 21 de marco. A ação foi tão significativa, que os organizadores conseguiram concretizar a presenca do então presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, na abertura, deflagrando uma tradição que se sucederia depois, com a visita de vários dignitários em diversas edições do evento. Os repórteres Nestor Gollo e Jimmy Rodrigues foram designados para acompanhar ao vivo pela emissora a chegada do presidente da República a Caxias do Sul. Pela primeira vez, a rádio dispunha de um equipamento portátil de transmissão, que foi instalado no automóvel do técnico Eloy Fritsch, com o qual rumaram até a BR-116 e estacionaram na altura da atual entrada para a empresa Marcopolo, no bairro Planalto, zona limítrofe em que era possível captar o sinal da emissora. Cada radialista se posicionou sobre um dos estribos laterais do automóvel e irradiaram ao vivo a chegada do primeiro presidente da República a visitar a Festa da Uva.

Joaquim Pedro Lisboa também teve, naquela época, participação fundamental na criação e divulgação de um espaço que se tornaria icônico, o "Venha pra Cancha, Amigo". Cultivador das tradições gaúchas, Lisboa encontrou no dentista, Clóvis Pradel Pinheiro, poeta e estudioso da cultura sulina, o companheiro ideal para fazer o programa, que inicialmente se chamou "Canhadas e Coxilhas". A noite das quintas-feiras acabou se consolidando como o espaço nobre dessa atração, que lotava sistematicamente o Auditório Arnaldo Ballvé, instalado nas dependências da emissora. Tanto que, em muitos momentos, ela saía do City Hotel e era levada até os cinemas da

cidade, ao CTG Rincão da Lealdade ou a localidades do interior. Além de história e poesia, apresentadas na voz potente de Clóvis ou do jovem locutor Luiz Carlos de Lucena, o "Venha pra Cancha, Amigo" contava com a presença de trovadores, músicos e cantores, com destaque para Wilson Bueno, José Regal e as irmãs Suzana e Suzete Dallegrave.

Em 1955, como a emissora havia sido definitivamente adotada pela comunidade e apresentava resultados, os investimentos no aprimoramento da qualidade continuavam. Foi sob essa ótica que se decidiu adquirir um terreno de 100 metros por 105 metros no bairro São Ciro, mais afastado da cidade, para onde foram transferidos os transmissores e a torre irradiante. Livre das interferências dos equipamentos da agência dos Correios e da Companhia Telefônica. instalados também no Centro, a Rádio Caxias podia agora ampliar sua potência de 1 kW para 5 kW, consolidando-se de vez como referência na cidade. Com estúdios de qualidade, protagonizou a vinda ao município de grandes celebridades do meio artístico-musical brasileiro da época, como uma Elis Regina em início de carreira, Dalva de Oliveira (apelidada de O Rouxinol do Brasil), Leny Eversong (que cantava em inglês e francês), Celly Campello (famosa pelas cancões "Banho de lua" e "Estúpido cupido"), Emilinha Borba, Luiz Gonzaga (O Rei do Baião), Marlene, Linda Batista, Ivon Curv, Nélson Goncalves, Alvarenga & Ranchinho, Teixeirinha, Ângela Maria e outros.

Essa dedicação constante em promover saltos de qualidade, nascida junto com os primeiros passos da empresa, transformou-se em um aprendizado importante para garantir-lhe a competitividade e a flexibilidade necessárias para mantê-la sempre à frente de seu tempo, em sintonia com as necessidades do público ouvinte e alinhada com as transformações do mundo, cada vez mais rápidas e profundas. Ao longo de sua primeira década de existência, a Rádio Caxias atuou sozinha no meio radiofônico da cidade, conquistando ouvintes, clientes e credibilidade. No entanto, em setembro de 1956, dez anos após a fundação, uma segunda emissora abria as portas: a Rádio Independência, com estúdios instalados em Flores da Cunha e em Caxias do Sul. Surgia a concorrência, e a necessidade de permanecer sempre atento às nuanças do mercado se transformaria em preocupação perene, moldando os rumos e o destino da empresa. Pertencente ao Grupo Rádio Emissoras do Nordeste, a Independência



Inauguração do parque transmissor da Rádio Caxias, com 5kW de potência, em 1955. Da esquerda para a direita, estão identificados: Nestor Rizzo (1°), Eduardo Caravantes (2°), Arnaldo Ballvé (4°), Ildo Meneghetti, governador do Estado (6°), Euclides Triches, secretário Estadual de Obras Públicas. Foto: Studio Tomazoni Caxias. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

logo foi acompanhada pelo surgimento da terceira emissora na cidade quando, em agosto de 1958, o mesmo conglomerado inaugurava a Rádio Difusora Caxiense. Agora eram três opções à escolha dos ouvintes locais no dial, e era preciso seguir inovando para fazer frente à era do rádio que, definitivamente, se instalara em Caxias do Sul.

Nesse mesmo período, uma perda modificou a estrutura organizacional interna não só da Rádio Caxias, como também de todas as Emissoras Reunidas: o falecimento de Arnaldo Pignone Ballvé. aos 62 anos de idade, ocorrido em 12 de junho de 1958, em Porto Alegre. Em seu lugar frente à direção e coordenação do grupo assumiu seu filho, Frederico Arnaldo Ballvé, que na época também dirigia em Porto Alegre a Rádio Gaúcha. A ZYF-3 seguia sendo dirigida por Nestor Rizzo, que respondia ao comando central do grupo sediado em Porto Alegre. Naguela época, os dois outros fundadores, Joaquim Pedro Lisboa e Luiz Napolitano, já se encontravam afastados de atividades administrativas da empresa. Como estratégia para manter a lideranca de audiência e controlar a concorrência, o Grupo Emissoras Reunidas decidiu adquirir do Grupo Emissoras do Nordeste a Rádio Independência, no início da década de 60. Dessa forma, as duas rádios passaram a operar juntas, a partir das instalações existentes no City Hotel, dominando a programação radiofônica local.

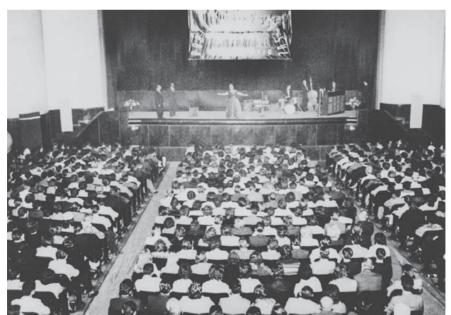
Para comemorar seu aniversário de 15 anos, em 1961, a direção da ZYF-3 trouxe a Caxias do Sul a grande estrela nacional Hebe Camargo, que marcou presença e entrou para os anais da cidade, devido à simpatia e ao carisma que espalhou durante sua passagem pela Serra gaúcha. Nesse mesmo ano, a Rádio Caxias integrou o movimento que ficou conhecido como "Cadeia da Legalidade", ação liderada pelo então governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, em defesa da posse do gaúcho João Goulart (o Jango), vice-presidente da República, quando da inesperada renúncia do presidente Jânio Quadros. Viajando para a China quando da renúncia, alguns militares e políticos começaram a tramar contra Jango, tentando impedir que ele assumisse a presidência em seu retorno ao País, o que gerou a reação oriunda do Rio Grande do Sul, em defesa da legalidade da posse do vice. A rede de rádios mobilizava o povo gaúcho em diversas cidades do estado, com as conclamações de Brizola irradiadas a partir de Porto Alegre e retransmitidas pelas emissoras que se uniram ao movimento, o que aconteceu com a Rádio Caxias, em 29 de agosto daquele ano. Vivaldo Vargas de Almeida, que mantinha fortes ligações com o trabalhismo, e que naquela altura era um dos principais locutores da emissora, se tornou uma das vozes oficiais da rede. A reação popular e o apoio das unidades do Exército sediadas na Região Sul do País culminaram na posse de Jango, mas em um sistema parlamentarista criado às pressas, para controlar e cercear seus poderes.

Também em 1961, o Campeonato Gaúcho de Futebol foi unificado e os dois times caxienses (Juventude e Flamengo) passaram a disputar o torneio, fazendo com que a Rádio Caxias ampliasse a sua cobertura esportiva. Além das jornadas feitas diretamente da Capital, corriqueiras desde a década de 50, comecou-se a atravessar o Rio Grande do Sul, com transmissões frequentes a partir de Bagé, Pelotas e Rio Grande, entre outras cidades distantes. Essa ação reforçou o elo com a comunidade, pois foi sendo criada a tradição de acompanhamento constante do futebol local que, ao longo do tempo, se cristalizou como uma marca de Caxias. Sob a responsabilidade de Dante Andreis, vem desse período, dos anos 1960 e 1970 o surgimento de novos talentos na crônica esportiva, como Hilton Brito, Francisco Michielin, Adelar dos Santos Neves, Ansélio Brustolin, Paulo Rodrigues, Vilnei Fioravanti e os irmãos Guamar e Paulo Cagliari, além de Getúlio Soares, que também se tornaria subgerente da emissora.

Sempre atento aos talentos que despontavam e estavam latentes na cidade, Nestor Rizzo foi o responsável por levar muitas pessoas a ingressarem no universo das transmissões radiofônicas, abrindo-lhes espaço frente aos microfones da Rádio Caxias. Uma delas, entre tantas, foi o então jovem jornalista Mansueto Serafini Filho, que editava e publicava na cidade um jornal semanal intitulado *Caxias Magazine*. Mansueto não pensou duas vezes para aceitar o convite do então diretor da emissora e, entre os anos de 1962 e 1964, apresentou diariamente dois programas: "Bom Dia Caxias", um comentário que ia ao ar de segundas-feiras a sábados pela manhã, e "A Reportagem do Dia", de segundas a sextas à noite, que consistia em um quadro de entrevistas ao vivo. A projeção alcançada com o público foi um dos fatores que se somaram para tornar seu nome conhecido na cidade e conquistar, mais tarde, duas vezes a Prefeitura de Caxias do Sul, nos mandatos de 1977 a 1982 e de 1989 a 1992.



A cantora Emilinha Borba, estrela da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, é entrevistada por Nestor Gollo nos estúdios da Rádio Caxias, em 1946. Autoria: não identificada. Acervo: Memorial Rádio Caxias.



Cine Ópera lotado para a apresentação de Leny Eversong, no 16º aniversário da Rádio Caxias, em 1962. Autoria: não identificada. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

Angela Maria, um dos grandes nomes da música brasileira, foi uma das estrelas trazidas por Nestor Rizzo para cantar na cidade. Na imagem, uma apresentação dela no fim dos anos 1950, no Clube Juvenil, transmitida ao vivo pela Rádio Caxias. Autoria: não identificada. Acervo: Memorial Rádio Caxias.





O 16º aniversário da Rádio Caxias, em 1962, contou com o que ficou conhecido como o "Show Milionário", que reuniu vários artistas de nível nacional. Parte do elenco está nesta imagem. Da esquerda para a direita: Carlos Gonzaga, Agnaldo Rayol, Leny Eversong e Agostinho dos Santos. Autoria: não identificada. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

A quarta emissora local surgiu em outubro de 1962: a Rádio Princesa. Cinco anos depois, em março de 1967, Caxias do Sul ganhava sua quinta empresa do setor, criada pelos freis capuchinhos: a Rádio São Francisco. Antes disso, em 1º de maio de 1965, acontece a primeira troca de direção nos quadros da Rádio Caxias, quando Nestor Rizzo decide focar seus esforços na instalação do primeiro canal de televisão em Caxias do Sul, a TV Caxias Canal 8 (que seria inaugurada em 22 de fevereiro de 1969), retransmitindo a programação da TV Gaúcha, de Porto Alegre, afiliada à Rede Globo. Rizzo, então, foi substituído por Gildo Flores, administrador que vinha transferido da cidade de Passo Fundo, onde até então dirigia a unidade local integrante do Grupo Emissoras Reunidas.

A presenca de Gildo Flores na diretoria da emissora durante 23 anos deixou marcas importantes na história da Rádio Caxias, uma vez que foi sob sua gestão que se deu a transferência da empresa para sua sede própria atual, instalada no último andar (21°) de um dos mais imponentes prédios do Centro de Caxias do Sul (o Edifício Estrela). Nascido em 1931 em Passo Fundo, teve sua vocação para o veículo rádio despertada ainda aos 16 anos de idade, guando aquela cidade sediou a inauguração de mais uma unidade do Grupo Emissoras Reunidas, pertencente ao empresário Arnaldo Ballvé, em 1947. Abel Flores, irmão de Gildo, cinco anos mais velho, conseguiu emprego na função de operador de áudio, o que atraía a atenção do jovem Gildo ao ambiente e ao universo de uma emissora de rádio. "O gerente da emissora era Maurício Sirotsky Sobrinho, que mais tarde fundaria a RBS. Certo dia, eu estava lá olhando pelo vidro do estúdio o meu irmão trabalhar e soube que havia vaga. Apresenteime ao Maurício e, ao saber que eu era irmão do Abel, me deu o emprego, pois via que 'a família era boa'", recorda Gildo Flores, que então começou sua carreira na função de operador de áudio.

Em alguns anos, ele cruzou a fronteira entre a adolescência e o início da juventude, o que promoveu mudanças em sua voz, o habilitaram a trabalhar na locução de programas. Com 23 anos de idade, assumia a gerência da rádio de Passo Fundo, em 1º de maio de 1955, ocupando a vaga deixada por Maurício Sirotsky Sobrinho, que se mudava para Porto Alegre. Vivia-se a chamada Era de Ouro do Rádio no Brasil, e Gildo permaneceu durante dez anos na direção da emissora, período no qual encabeçou a construção da sede própria

da rádio em Passo Fundo, que, até então, ocupava salas alugadas. Para tanto, foi escolhido o 11º andar de um prédio na cidade e procedeu-se a todo o complexo processo de construção da sede própria da emissora de rádio para ali ser instalada. O empreendimento habilitou Gildo Flores a coordenar as mesmas intenções que o Grupo Emissoras Reunidas acalentava para a Rádio Caxias, já na época a emissora líder dentro da rede.

O Edifício Estrela já estava em construção e foi o escolhido para receber a futura sede da emissora, em seu último pavimento (21º andar). A ideia inicial era abrigar ali, em uma área de 440 metros quadrados, tanto a rádio quanto um canal de televisão, que Nestor Rizzo já estava envolvido em gestionar, no que seria, no projeto, a Rádio e TV Emissoras Reunidas, mas acabou não se concretizando dessa maneira (Nestor Rizzo se desligaria da Rádio Caxias para participar da criação da TV Caxias Canal 8, e viria a falecer em 5 de abril de 1982, com 67 anos de idade). "Antes de nos mudarmos, decidiu-se que a Rádio Caxias não faria parte do empreendimento da TV. A título de participação societária na televisão, o diretor Frederico Arnaldo Ballvé cedeu para o Canal 8 o terreno no centro da cidade, conhecido como Morro Leonardelli, onde estava instalada a antena da rádio (que posteriormente seria transferida para o bairro São Ciro)", recorda Gildo Flores.

Além dos encaminhamentos da mudança de sede, o final dos anos 1960 e início dos 70 assistiu a duas ações importantes: a derrocada dos programas de auditório, que, com a popularização da TV, acabaram perdendo espaço no rádio em todo o País, e a preparação dos 25 anos da Rádio Caxias. Um reflexo da nova realidade residia no fato de que o novo local onde a emissora seria instalada já não contaria com um espaco para apresentações ao vivo, como o que havia no City Hotel, deixando na história o lendário Auditório Arnaldo Ballvé. Já os 25 anos da emissora, celebrados em 1971, foram pontuados por mudanças na grade, no que ficou conhecido como "Programação do Jubileu", dedicada a ressaltar o novo momento. A empresa mantinha algumas de suas principais atrações, mas acrescentava novos espaços informativos e dava lugar a novos profissionais. Tudo começava às 5h, com um programa voltado à música gauchesca, apresentado por Bonifácio Barros, um patrulheiro rodoviário que fazia rádio por paixão. Às 7h45 entrava no ar o Correspondente Alfred, na voz de Luiz Carlos de Lucena, em cujo tradicional formato, consagrado pelo Repórter Esso, trazia uma atualização do noticiário geral. Às 8h era a vez da inconfundível Carmem Tomasi assumir o microfone, trazendo opinião, entrevistas e música até às 11h. Nesse horário, quem assumia era Osvaldo de Assis, que fazia um programa musical até o meio-dia, quando entrava o tradicional Comentário do Dia, também lido por ele. Às 12h15 comecava o aquardado radiojornal do meio-dia, com as notícias da cidade, utilidade pública e comentários, entre eles o de Nestor Rizzo, que assim ainda mantinha uma ligação com a rádio, e a apreciada coluna social apresentada por Margot Sauer. Comandado por Osvaldo de Assis e Getúlio Soares, o Radiojornal do Meio-Dia era um fenômeno de audiência. O então jovem jornalista Paulo Cancian, responsável pela redação e edição do noticioso, lembra que uma simples caminhada pela Avenida Júlio de Castilhos naquele horário comprovava o fenômeno. "Você ia passando pela calçada e ouvia o eco dos aparelhos de rádio sintonizados na Caxias. Eu, um guri, tinha muito orgulho em saber que o que eu escrevia era ouvido por tanta gente", recorda.

A programação da tarde começava com a segunda edição do Correspondente Alfred, às 13h, novamente com Luiz Carlos de Lucena, e depois se voltava para a música. A primeira atração era comandada por Ivan Fritsch, até 15h. Na seguência, outra presença feminina, com Clareci Cobalchini, até 17h, quando entrava outro programa musical, o "Peca, Ofereca e Ouca, com Bonifácio Barros ou Lineu Flores, até 18h. Após o Rosário em Família, era a hora do "Esportes na Onda", com Adelar Neves e Dante Andreis. Às 18h45min entrava no ar a última edição do Alfred. Em qualquer momento do dia poderia chamar, ao vivo, a unidade móvel, comandada por Jorge Fantinel. Essa foi outra novidade implantada na Programação do Jubileu, e que consistia em uma Kombi adaptada para carregar um aparelho radiotransmissor, o que permitia entrar no ar de qualquer ponto da cidade. À noite, depois da Voz do Brasil, vinha mais um espaço para música, em especial o tango e o bolero, com a comunicação de Neden Chedid, que encerrava as transmissões à meia-noite.

Uma questão importante dessa quadra da história da Rádio Caxias – que então já não enfatizava a denominação ZYF-3, marcante em seus primórdios – era a presença de duas mulheres: Carmem



Milton Rossarola (atrás) foi um dos comandantes do "De Tudo um Pouco", programa de auditório marcante nas décadas de 1950 e 1960. Autoria: não identificada. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

Tomasi e Margot Sauer. A primeira, polêmica, não tinha pudores em tratar de assuntos espinhosos para a época e de manter uma opinião crítica sobre os mais variados temas. Essa situação rendeu problemas, como ela mesma recordaria mais tarde, em uma entrevista concedida à emissora em 15 de julho de 2006. Carmem revelou que, em determinada ocasião, teve de ir ao quartel do Exército na cidade, para dar explicações, devido ao fato de ter dito no ar que possuía em casa alguns livros então considerados "subversivos".

Já Margot Sauer, funcionária do Fórum, tornou-se uma referência no noticiário social da cidade, levando esse tipo de informação ao rádio, algo incomum para a época. Suas notas abrangiam acontecimentos variados, passando por nascimentos, falecimentos, aniversários e festas em geral, tudo levado ao ar de forma democrática, pois bastava que as pessoas, independentemente da condição social, encaminhassem a informação para ela. Era um dos pontos marcantes do jornal do meio-dia, tanto que Margot, mais tarde, foi levada por Nestor Rizzo para desenvolver o mesmo trabalho na TV Caxias, também com grande repercussão. Esse fato ilustra outra situação daquela época: por mais que as empresas não possuíssem uma ligação orgânica entre si, a Rádio Caxias e o Canal 8 mantiveram intensa colaboração editorial, pois praticamente toda a programação da TV, em seus primórdios, era feita por profissionais ligados à rádio, por influência de Nestor Rizzo, que também contou com a experiência de Eloy Fritsch para montar a parte técnica do novo empreendimento.

## Sede própria no Edifício Estrela

"Rádio Caxias: bem pertinho do céu, de olho em tudo o que acontece na terra." Com esse slogan, a emissora anunciava uma nova e crucial fase em sua história, ao inaugurar novas instalações em sede própria, no 21º andar do Edifício Estrela (um dos mais altos da cidade), no coração da área urbana, na Rua Garibaldi.

A data oficial de inauguração do grande complexo de 440 metros quadrados foi 18 de agosto de 1972. O espaço fora especialmente planejado para acomodar as necessidades logísticas e operacionais de todos os setores da empresa, contando com equipamentos de última geração e recursos técnicos em todos os departamentos.

O projeto arquitetônico das instalações ficou a cargo da empresa de arquitetura Marchioro & Bertussi, que reunia o jovem arquiteto caxiense Paulo Bertussi, em sua primeira grande obra, logo após formar-se, juntamente com seu sócio, o arquiteto João Alberto Marchioro. O evento de inauguração ganhou as manchetes da imprensa local, contando com a presença do então ministro das Comunicações, o caxiense Hygino Corsetti; do prefeito Victório

Trez; do chefe da Casa Civil, Victor Faccioni, representando o governador do estado, Euclides Triches; do bispo diocesano Dom Benedito Zorzi, que abençoou as novas instalações, e do representante da Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão (Agert), o jornalista Flávio Alcaraz Gomes, entre outras figuras de destaque.

Junto com a mudança de endereço e de espaço físico, ocorreram aos poucos algumas transformações radicais que iriam mudar a forma de fazer rádio na cidade. A tecnologia passou a permitir que os comentaristas fizessem suas participações, tanto ao vivo quanto gravadas, por meio de contatos telefônicos, sendo desnecessária a presença física nos estúdios. Também os discos de vinil e de acetato (para músicas em lançamento, vinhetas, *jingles* e *spots* comerciais) eram substituídos pelos cartuchos, mais fáceis de manusear e mais compactos. Gildo Flores recorda que foi preciso, inclusive, trocar todas as antigas máquinas de escrever obsoletas, utilizadas pela redação, por novas. "As antigas Underwood foram substituídas pelas novas Olivetti, 'zero quilômetro', para melhor suprir o Departamento de Notícias. Até os móveis de todos os departamentos foram substituídos por novos, vindos de uma fábrica de Curitiba. Deixamos a Rádio brilhando, ela ficou nova em tudo", relembra Flores.

Como Caxias do Sul ainda não possuía jornal impresso diário, a Rádio Caxias concentrava grande parte das comunicações diárias necessárias para o andamento da vida comunitária: informes oficiais, bailes, festas, enfermidades, casamentos, formaturas, bodas, falecimentos, debutantes, etc. Tamanha era a demanda por anúncios e comerciais que, nos primeiros anos de operação no Edifício Estrela, decidiu-se instalar um ponto de atendimento no térreo do prédio, para receber anúncios e os clientes não precisarem subir até o 21º andar. O faturamento obtido nas vendas feitas ali era suficiente para suprir a folha de pagamento mensal dos funcionários.

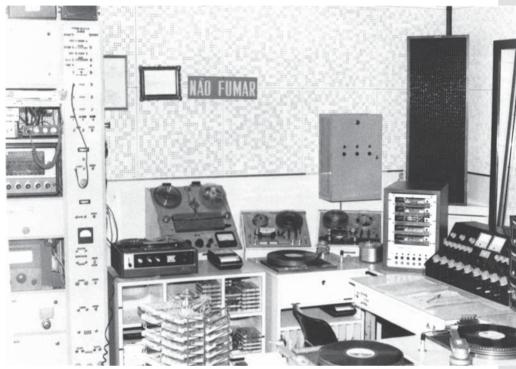
O incremento da área tecnológica, que também se fazia necessário nesse processo de renovação geral, ficou a cargo dos talentos internos. Coube a Eloy Fritsch projetar e construir as novas mesas de controle de som. Esse movimento não passou despercebido pela direção-geral do Grupo Emissoras Reunidas, tanto que a Caxias se transformou na sede do setor técnico de toda a rede. Por volta de 1975, os profissionais da empresa fabricavam mesas de controle de



Inauguração das instalações da Rádio Caxias no Edifício Estrela, em 18 de agosto de 1972. Da esquerda para a direita: Hygino Corsetti, ministro das Comunicações; Victor Faccioni, chefe da Casa Civil do governo do Estado; Frederico Arnaldo Ballvé, diretor geral das Emissoras Reunidas; e Gildo Flores, diretor da Rádio Caxias. Autoria: não identificada. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

som, equipamentos para reportagem e outros produtos, além de fazerem reparos nas mesas de áudio das outras unidades do grupo. Os técnicos da Rádio Caxias viajavam para as demais cidades onde havia empresas da Reunidas para prestar assistência às rádios.

O Ministério das Comunicações aprovaria, em 1979, o Plano Nacional de Ondas Médias (PNOM), o que permitiu contemplar a Rádio Caxias com uma nova frequência AM (de 930 kHz), superior à anterior (de 1370 kHz). Isso abriu as portas para que mais uma vez o alcance fosse ampliado, o que aconteceu logo no ano seguinte, em 1980, quando a Rádio Caxias teve sua potência aumentada de 5 kW para 20 kW, tornando-se assim a mais potente emissora de todo o interior do Rio Grande do Sul e fazendo com que Caxias do Sul passasse a ser a única cidade brasileira, sem ser capital de estado, a possuir empresa radiofônica operando com tamanha amplitude em AM. Para tanto, foi necessário adquirir um novo terreno de cerca de 5 mil metros quadrados, posicionado ao lado da área já existente no bairro São Ciro, a fim de que ali fosse instalada uma nova torre irradiante, agora com 96 metros de altura.



Central técnica do estúdio da Rádio Caxias, no 21º andar do Edifício Estrela, 1972. Autoria: não identificada. Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

## O adeus aos fundadores

A Rádio Caxias adotou luto oficial em sua programação devido à morte de Joaquim Pedro Lisboa, ocorrida em 8 de novembro de 1974, com 88 anos de idade. O prefeito Mario Bernardino Ramos, ex-locutor da emissora, retornou ao microfone da "rádio pioneira de Caxias do Sul" para externar suas condolências. Foi decretado luto oficial municipal por três dias, devido aos relevantes serviços que Joaquim Pedro Lisboa prestara à cidade. "Não apenas o pai da Festa da Uva; não apenas o iniciador da radiodifusão; não apenas o iniciador do movimento tradicionalista. mas um homem que somou durante toda a sua existência", discursava o prefeito.

Ao longo de todo o dia seguinte, a emissora acompanhou o sepultamento do grande idealizador e irradiou retrospectivas que focavam os principais atos de Joaquim Pedro Lisboa, não só frente à rádio, mas especialmente em seu envolvimento comunitário. Alguns de seus discursos históricos foram reproduzidos, hoje guardados no Centro da Memória da empresa, eternizando sua voz e sua emoção ao evocar os esforços para dotar Caxias do Sul de uma emissora de rádio, vetor propulsionador do "progresso irrefreável

da cidade". A solenidade de sepultamento foi transmitida ao vivo, na íntegra, com as falas do padre encarregado das exéquias e do amigo Waldemar Pinheiro, representando o CTG Rincão da Lealdade, do qual Lisboa foi cofundador. Pinheiro fez um breve resumo da biografia do criador da Rádio Caxias, escutado por toda a cidade.

Dois anos antes do falecimento de Joaquim Pedro Lisboa, morria seu colega de empreendedorismo e de concretização do sonho de prover a cidade com uma emissora de rádio: Luiz Napolitano, em 26 de junho de 1972. Vítima de um derrame cerebral que lhe deixou sequelas físicas muitos anos antes, Napolitano morreu com 73 anos de idade. Conforme notícia publicada no jornal "Correio Riograndense", de 1º de julho de 1972, o comunicador, com larga passagem por veículos da imprensa falada e escrita em Caxias do Sul, faleceu "depois de hospitalizado por longo tempo". Solteiro, não tinha filhos e era cuidado por sua irmã, dona Amélia, que frequentemente vinha de Porto Alegre para atendê-lo em sua casa de madeira situada na Rua Marquês do Herval, defronte ao Clube Juvenil. Recebia uma pensão vitalícia da Rádio Caxias que se somava aos ganhos da aposentadoria. A classe jornalística prestou-lhe homenagem em 13 de setembro de 1975, inaugurando um pedestal com uma placa em bronze, na Praça Dante Marcucci, voltada à Rua Sinimbu

Desde sua atuação pioneira no serviço de alto-falantes de sua Rádio Guacyra, Napolitano inscreveu seu nome como um dos mais proeminentes e ativos jornalistas de Caxias do Sul em seu tempo. Durante mais de 20 anos, trabalhou no Grupo Diários Associados, de Assis Chateaubriand, na condição de correspondente local para o "Diário de Notícias", de Porto Alegre (ele respondia pela sucursal caxiense do periódico), e em outros órgãos de imprensa do conglomerado, como, por exemplo, a revista *O Cruzeiro*.

A programação da Rádio Caxias no fim dos anos 70 e início dos 80, gradualmente, foi se baseando em música gauchesca e atrações populares. É dessa época a ascensão de comunicadores como Abelino Cardoso, Xiru Pereira, Cabeleira, Lucindo Amaral e Alaor de Oliveira, que tinham grande impacto nos bairros da cidade. O tradicional espaço jornalístico do meio-dia se mantinha, além da programação esportiva e do Comentário do Dia que, em 1986, na celebração dos

40 anos da emissora, ganhou uma edição especial. Ao longo do mês de abril (que abraça a data de fundação, ocorrida no dia 27), parte da programação dedicou-se a evocar a trajetória da rádio. Para tanto, Jimmy Rodrigues foi convidado para reativar, ao longo daquele mês, sua participação no "Comentário do Dia", que fazia muito sucesso na década de 50. Devido a problemas de saúde que lhe prejudicaram a voz, precisava redigir os textos de sua autoria, que eram lidos no ar por locutores. Durante aquele período, Jimmy recordou vários nomes de profissionais que deixaram suas marcas nos ouvintes, programas que fizeram sucesso, momentos especiais e campanhas comunitárias abraçadas pela emissora, como a criação do Monumento ao Imigrante e várias outras.



Coquetel comemorativo ao 40° aniversário da Rádio Caxias, em 1986. Aparecem, na fileira de trás, da esquerda para a direita: Athayde Ferreira, Sérgio Stock, Volmar Rivoire, Jorge Rodrigues, Reni Sefeld e Alaor de Oliveira (os demais não estão identificados). Na fileira da frente, da esquerda para a direita: Carlos Alberto Rigel, Gilberto Mendes, Gildo Flores, Dante Andreis, não identificado, Marcos Andreis, Adelar Neves, Alcides Dal Pan e Roberto Andreis. Foto: Roberto Scola. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

## Paulo Triches e a criação do STC

Uma nova fase na empresa radiofônica vai ter início quando, no final dos anos 80, o empresário Paulo Roberto Lisboa Triches decide fazer vultosos investimentos no setor das comunicações em Caxias do Sul. Neto de Joaquim Pedro Lisboa (sua mãe era filha do fundador da Rádio Caxias). Triches erigiu um posto importante na história empresarial e das comunicações da Serra a partir de meados dos anos 80, quando o Grupo Enxuta, do qual era administrador e um dos sóciosproprietários, decidiu investir na esfera da comunicação, adquirindo emissoras de rádio e fundando um jornal diário (a Folha de Hoie).

O Grupo Enxuta consistia em um conglomerado caxiense de empresas que produziam eletrodomésticos da linha branca (em especial secadoras e lavadoras de roupa e lavadoras de louça). Em meados da década de 90, a Enxuta respondia por 85% do mercado de secadoras de roupas do Brasil, 17% do de lavadoras de roupas e 50% do de lavadoras de louças.

Apostando sempre no desenvolvimento da cultura e do esporte, abrigava uma casa de espetáculos, o Teatro de Lona, que sediou grandes shows ao longo das décadas de 80 e 90 na cidade, e patrocinou um time de futsal que fez história nessa modalidade de esporte no País. A Enxuta chegou a ter 2.500 funcionários em suas fábricas em Caxias do Sul.

Na época, Paulo Triches respondia pelo comando da empresa Enxuta e costumava manter a atenção desperta para áreas diversificadas de atuação. "Houve um período de ouro do futebol de salão da Enxuta, período em que os meios de comunicação cobriam a equipe, e foi guando tive os primeiros contatos com a Rádio Caxias. ainda sob a antiga direcão. Minha filosofia é a mesma que a emissora já professava desde então, de que é preciso prestigiar os times locais. Eu era conhecido por ser torcedor do Juventude e conselheiro do Caxias, pois sempre torci por todos. Isso me levou a ver o que eram veículos de comunicação, em especial a Rádio Caxias, evidentemente. Desde pequeno, a gente se acostumou a escutar a Caxias, devido à relação dela com meu avô. Meu pai sintonizava sempre, era tradicional escutarmos em família o noticiário do meio-dia. Acompanhamos atentamente o surgimento das rádios Princesa, Independência, Difusora. Eu tinha uma experiência de vida junto com meu avô, Joaquim Pedro Lisboa, fundador da Rádio Caxias, na época em que havia o programa "Venha pra Cancha, Amigo". Era tradição toda a família parar para escutar, na quinta-feira à noite: meus pais, minha avó", relata o empresário.

Apesar disso, Triches ainda se via insatisfeito com o espaço concedido pelos meios de comunicação locais, em especial as rádios, ao futebol de salão praticado pelas equipes locais, que, a seu ver, mereciam um prestígio maior. Foi quando decidiu concretizar, em julho de 1987, a intenção de adquirir a Rádio Princesa, um primeiro passo rumo ao objetivo maior que, desde o início, sempre fora a Rádio Caxias, "a diva", conforme define ainda hoje, "a menina dos olhos". No mesmo ano, Triches adquire a Rádio Independência AM.

Assim que quitou os compromissos relativos à compra da Rádio Princesa e da Independência, Triches adquiriu outra emissora, a Rádio Pampa FM, com perfil direcionado à programação musical, a mais ouvida em Caxias do Sul naquela época. Essa aquisição, concretizada em agosto, faz surgir o Sistema Trídio de Comunicação (STC), um novo marco na história das comunicações na cidade. Após comprar

as emissoras, Triches começa a reformatá-las, adequando suas programações aos segmentos específicos de público que pretendia atingir. Dessa forma, sob o comando do jornalista Edson Luiz Corrêa, a Rádio Pampa FM se transforma na Rádio Studio 93 FM, com uma programação totalmente voltada ao público mais jovem. A Rádio Independência adota o nome da Rádio Princesa e assume sua programação de cunho mais popular. Mais um passo é dado com a criação da Rádio Jornal AM, na frequência 1010, uma emissora fundada para focar especificamente em programação esportiva e radiojornalismo, que entrou no ar em 1º de dezembro de 1987. Para encabeçar o projeto, foi contratado o jornalista Paulo Cancian, capitaneando uma equipe de profissionais movidos pela missão de fazer "jornalismo verdade", isento e sério, conforme Paulo Triches anunciava no editorial irradiado no dia da inauguração.

A partir da formação do STC, com a aquisição das emissoras, o cenário começava a se mostrar propício para ousar dar o maior passo, tendo como foco a Rádio Caxias. Primeiramente. Triches solicitou uma visita às instalações da empresa para conhecer os estúdios e verificar sua estrutura. Dias depois, telefonou para Frederico Ballvé, filho de Arnaldo Ballvé, que comandava o Grupo Emissoras Reunidas, solicitando uma reunião com ele em Porto Alegre. Triches recorda em detalhes aquele contato histórico, que resultou na venda da Rádio Caxias para o Sistema Trídio de Comunicação: "Ao telefone, Ballvé me perguntou: 'O que você quer, quri?' Eu respondi: 'Quero conversar com o senhor sobre a Rádio Caxias'. Ele já sabia que eu havia comprado as outras emissoras e questionou: 'Tu tens fôlego para comprar a Caxias?' Eu respondi: 'Bom, isso a gente conversa, vamos ver'. Ele me recebeu em Porto Alegre num sábado de manhã, na casa dele, e me confessou que, se vendesse a Rádio Caxias, ele acabava com a Emissoras Reunidas. Seria o início do fim do grupo, pois a 'menina dos olhos' era a Rádio Caxias. Enfim, fechamos o negócio."

A informação da venda da Rádio Caxias para o STC encabeçou a pauta de assuntos dos caxienses naqueles dias. Entre os ouvintes, pairava a compreensível incerteza sobre qual seria o futuro da emissora, agora sob nova direção, pois a Rádio Caxias, com seus então 42 anos de existência, já estava estabelecida na condição de ícone representativo da comunidade local. Hoje Triches avalia, passados quase 30 anos desde a aquisição, que a empresa já é um

patrimônio cultural da cidade, comparável à Festa da Uva. "A rádio é um meio de integrar e mobilizar a comunidade. Cada nova plataforma de comunicação que vai surgindo encontra o seu espaço, sim, porém, o veículo rádio pode ser acessado no carro, nas obras, em qualquer lugar, a qualquer momento, e isso é uma de suas grandes vantagens frente aos demais veículos. A vantagem do rádio e do livro é que esses veículos culturais exigem que o sujeito use a sua imaginação para interagir com eles. Você lê e cria na sua cabeça o fato; você ouve e cria também. Você adapta. Evoca-se o poder de interação do leitor e do ouvinte. Isso salvou o rádio e o livro. Nenhum outro meio de comunicação oferece e requer o uso da imaginação senão esses dois. O fator imaginação é muito importante, pois ajuda a desenvolver a criatividade pela leitura e pelo rádio. Ler e ouvir estimula a criatividade e produz cidadãos mais conscientes."

Sob o novo comando, a decisão foi colocar na frequência 930 AM uma programação inteiramente voltada ao segmento de jornalismo e esportes, sem espaços musicais. A solução mais lógica foi transplantar a maior parte da programação então feita na Rádio Jornal. A rigor, da antiga grade da Caxias, mais voltada a atrações populares e música tradicionalista, sobraram apenas o "Radiojornal Formolo", o "Esportes na Onda" e os programas de fim de semana apresentados por Carlos Mambrini – "Tema Livre" e "Porque Hoje é Domingo". Embora tenham passado por alterações e atualizações, algumas das marcas surgidas naquele período criaram forte identificação com o novo prefixo. É o caso do "Jornal da Caxias" e do "Campo Neutro Debate Esportivo", que hoje estão entre as principais atrações da emissora.

A programação que estava na Rádio Caxias até ser adquirida pelo STC, bem como sua equipe de comunicadores, migrou para uma nova proposta do grupo, a Rádio 1010 AM, obtendo desde o início grande sucesso de audiência. Paulo Cancian recorda que, de imediato, houve certa resistência por parte do público da Caxias em aceitar o novo formato que a emissora propunha, herdada da experiência da Rádio Jornal. "Em 1987, fui contratado pelo STC para montar a Rádio Jornal, emissora centrada em 100% de jornalismo, 24 horas por dia. Ficamos cerca de seis meses no ar e, então, transferimos essa programação para a Rádio Caxias, recém-adquirida pelo Paulo Triches. O público demorou para compreender a transição, houve pressão,

pois a Caxias, até então, era uma rádio muito tradicional. Mas logo a mudança foi compreendida e aceita."

Além dos ouvintes, a mudança de programação da Rádio Caxias também pegou de surpresa os funcionários da emissora. O repórter Edgar Vaz recorda bem o episódio: "Foi num sábado. Chegamos na Rádio Jornal para fazer o programa de esportes, no final da tarde, e estavam lá o Paulo Triches e o José Domingos Susin, que informaram sobre o negócio, avisando que já iríamos direto entrar com a nova programação no ar. Daí meio que tomamos de assalto os estúdios da Rádio Caxias. Não havia ninguém ali, só o operador de áudio na mesa. Havia um espaço de uma hora, das 18h às 19h, e entramos no ar. Fizemos um programa meio no improviso e, a partir dali, no dia seguinte, implantou-se a nova programação."

Paralelamente ao trabalho em rádio, o STC seguiu desenvolvendo naquele período o empreendimento na área de jornal impresso, com a criação do semanário Folha de Caxias em 1988 e a transformação dele no diário Folha de Hoje no ano seguinte. Isso propiciou que o grupo e, consequentemente, a Rádio Caxias, fosse ao mercado buscar uma grande quantidade de profissionais. A ideia era dispor de uma equipe identificada com a cidade e que trouxesse a qualificação pretendida para esses veículos. Com isso, praticamente todos os expoentes na área de comunicação em Caxias do Sul acabaram sendo contratados pelo STC, no final da década de 80, e a programação da emissora passou a contar com um time que agregava, entre outros, José Domingos Susin, Luiz Carlos Corrêa, Jorge Fantinel, Antônio Braga, Iara Soares, Vivaldo Vargas de Almeida, João Cláudio Garavaglia, Otaviano Fonseca e Orestes Soares, o Pacheco. Junto deles estavam remanescentes ainda do período das Emissoras Reunidas como Carlos Mambrini, Sinval Paim, Jorge Rodrigues, Athayde Ferreira e Adelar Neves. O lendário Dante Andreis, que havia sido levado por Paulo Triches para a Rádio Jornal, também retornou ao microfone da Caxias naquele período.

A implantação de uma programação completa de jornalismo e esportes foi uma revolução para a cidade. Embora a Caxias e outras emissoras tivessem por tradição a dedicação de espaços para a informação, até então nada parecido havia sido feito no rádio caxiense. O novo formato permitia a ampliação e a análise das

informações trazidas pela equipe de reportagem, e uma das marcas que passou a ser construída foi o acompanhamento intenso dos processos eleitorais. As grandes coberturas dos pleitos municipal de 1988 e presidencial de 1989 deram o tom desse novo momento, e até hoje constituem uma das tarefas mais aguardadas pelos profissionais do Departamento de Jornalismo da emissora.

A movimentação no setor radiofônico em Caxias do Sul seguia intensa no final da década de 80. A Rádio Princesa é vendida em 1989 a um grupo de empresários de Flores da Cunha, para onde sua sede é transferida. Dando sequência às suas iniciativas no âmbito do radiojornalismo, o STC compra mais uma emissora e cria, em 1990, a Rádio People 102,7, a terceira emissora FM da cidade, com programação refinada destinada a um público adulto. Três anos depois, em 1993, a People se transforma em 102 FM, adotando uma programação popular. A emissora volta a se repaginar em 1996, adotando o nome de Rádio Antena 1 FM.



A cobertura de grandes eventos da cidade, como a Festa da Uva, sempre foi um dos compromissos da Rádio Caxias. Na imagem, o pronunciamento da rainha da Festa da Uva de 1958, Zila Turra, na cerimônia em que passou a coroa para a sucessora, Helena Robinson, rainha da edição de 1961. Jimmy Rodrigues é repórter da Rádio Caxias na ocasião. Foto: Aldemor. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

## Meio século no ar

As atribulações econômicas e políticas do País no início da década de 90 tiveram sua influência em Caxias do Sul e no STC. A grande e onerosa estrutura montada por Paulo Triches precisou ser enxugada, o que se refletiu diminuição do número de profissionais no grupo. O projeto "Folha de Hoje" foi mantido até 1994, mas os problemas econômicos forçaram o seu fechamento em outubro daquele ano. O setor rádio também passou por dificuldades, tanto que o Departamento de Esportes da Rádio Caxias sofreu com a ameaça de encerramento das atividades. Uma parceria acabou mantendo a programação esportiva no ar, com a área sendo administrada por uma empresa terceirizada, a Susidal, entre 1993 e 1995, formada por profissionais ligados à emissora, sob a coordenação de Sinval Paim e Dante Andreis.

O processo de reestruturação organizacional e fortalecimento do Departamento Comercial da emissora deu resultado, e a Rádio Caxias já pôde comemorar de forma mais tranquila o seu cinquentenário, em 1996. Sob a direção de Jaime Luiz Walker, administrador oriundo dos quadros do Grupo Triches, a empresa realizou

atividades que marcaram a passagem da data. Uma série de eventos reuniu clientes, autoridades, funcionários e ex-colaboradores. Também houve celebração religiosa na Catedral Diocesana e homenagem oficial da comunidade na Câmara de Vereadores. No entanto, como forma de eternizar sua contribuição à história da cidade, o grande momento do jubileu de ouro da emissora foi o lançamento de um livro especialmente preparado para marcar a data. A obra "Rádio Caxias: 50 Anos", produzida pela Editora da Universidade de Caxias do Sul (Educs), trazia depoimentos de ex-diretores, funcionários, colaboradores e representantes de diversos segmentos da comunidade, compilando um rico conjunto de resgate histórico, a partir das vivências de pessoas que foram marcantes na trajetória da emissora. Coordenado pelo historiador Mario Gardelin, o livro teve sua redação final a cargo do jornalista Paulo Cancian e contou com o trabalho de pesquisa realizado por Flora Magnabosco e Fabiana de Lucena.

Ninguém melhor do que o jornalista, pesquisador e historiador Mario Gardelin para estar à frente daquele projeto, uma vez que já era reconhecido na cidade por seu trabalho de resgate dos mais variados aspectos da história local e regional e por seu envolvimento direto com a trajetória da Rádio Caxias. Gardelin ingressou no quadro de funcionários da emissora em 1º de novembro de 1961, na função de redator. Logo passou a escrever o "Comentário do Dia", até então a cargo de Jimmy Rodrigues, bem como o noticioso do meio-dia e, na sequência, a comandar programas de entrevistas, conquistando um lugar entre as personalidades locais que emprestaram seu talento para o engrandecimento da empresa. Ao longo de sua trajetória de vida, notabilizou-se como pesquisador e historiador dedicado a resgatar os detalhes do processo de colonização na Serra gaúcha, escrevendo diversos livros sobre o tema, que hoje servem como referência historiográfica para quem estuda o assunto.

A solenidade de lançamento do livro ocorreu na noite de 30 de abril de 1996, nas dependências do Reynolds Hotel, em Caxias do Sul. Em seu discurso, o diretor-presidente da emissora e do STC, Paulo Triches, ressaltou a condição de "testemunha da história" exercida pela Rádio Caxias ao longo dos 50 anos de atuação que eram então celebrados. Mario Gardelin, em seu pronunciamento, relembrou o fato de ter sido procurado pelo então diretor da emissora, Jaime

Walker, para ajudar a pensar a melhor maneira de marcar os 50 anos da Rádio Caxias e que de imediato, a sugestão de produzir um livro foi aceita por ele e pela direção da empresa. "Optamos por fazer um livro de depoimentos, e não uma obra cronológica, pela necessidade de resaatar a história viva da Rádio junto aos protagonistas que fizeram parte ativa dessa trajetória", explicou o historiador. A amplitude da Rádio Caxias como canal de integração da comunidade local, desde seus primeiros anos de existência, perenizada em todos os depoimentos coletados no livro, também foi ressaltada por Gardelin, por meio de um exemplo significativo: "Especialmente no horário do meio-dia, guando ia ao ar o programa noticioso, era possível a qualquer cidadão escutar a Rádio Caxias, caminhando pela Avenida Júlio de Castilhos, desde o bairro Lourdes até São Pelegrino, pelo som que vinha das janelas das casas, pois as famílias sintonizavam a emissora em seus aparelhos, na maioria das vezes instalados na sala de estar, e os deixavam a todo o volume, para que as notícias fossem escutadas em todos os cômodos da residência."

Em que pese o resgate de memória propiciado pelos 50 anos da Rádio Caxias, nem só de nostalgia se viveu naquela década de 90. As rápidas mudanças tecnológicas do período consolidaram uma mentalidade que passou a ser uma das metas permanentes da empresa: a combinação entre tradição e modernidade. Todo referencial histórico só é validado, compreendido e divulgado se os veículos de comunicação de massa atuais souberem se apropriar das novidades e utilizá-las como ferramenta. Com esse pensamento, já em 1997 a Rádio Caxias foi uma das primeiras emissoras do Brasil a lancar, na ainda incipiente internet, um website oficial. Poucos anos depois, já em 2000, a rápida evolução permitiu que o áudio da emissora fosse colocado na rede, disponível às pessoas em todo o planeta e revolucionando as possibilidades de alcance e audiência. Além disso, por mostrar textos e imagens, o site se tornou uma nova frente de trabalho, possibilitando ao ouvinte uma informação mais detalhada. O avanço da informática e das telecomunicações em geral trouxe outras novidades. Dos rolos de fita e cartucheiras, o som passou a ser gravado, primeiramente, em um aparelho denominado MiniDisc, uma espécie de CD regravável. Foi apenas uma breve etapa, superada logo depois pelos computadores e formatos de áudio digitais, como

o MP3, que se impuseram e facilitaram o trabalho, além de incrementar a qualidade sonora do material colocado no ar.

De outra parte, a disseminação da telefonia ampliou as possibilidades de contato do ouvinte com a emissora naquele período. tanto que o slogan adotado, no final dos anos 90, era "Rádio Caxias, a rádio que ouve você". O advento do celular, por sua vez, além de também contribuir para um acesso mais rápido aos ouvintes e às fontes, revolucionou o trabalho dos repórteres, que ganharam uma mobilidade inimaginável alguns anos antes, acentuando a característica da instantaneidade e agilidade do veículo rádio. Uma nova geração de profissionais, formada pelo curso de Jornalismo da UCS, que iniciou suas atividades em 1992, utilizou-se classes diferentes e dinamizou o noticiário do dia a dia da cidade e da região. Além disso, a equipe deu seguência à tradição de coberturas especiais realizadas pela equipe da Rádio Caxias. Além do grande destague dado à Festa da Uva, houve também um incremento no acompanhamento das eleições, com a presença maciça da reportagem com candidatos e autoridades. Um dos marcos desse período foi a eleição para prefeito de Caxias do Sul em 2000, guando o pleito foi decidido no segundo turno por apenas 824 votos de diferença. Sem a confirmação dos números por parte do Cartório Eleitoral, coube à Rádio Caxias, presente no TRE, em Porto Alegre, obter com antecipação o resultado final, "furando" a divulgação oficial que estava sendo planejada pela Justiça Eleitoral da cidade.

As circunstâncias também propiciaram que a segunda metade da década de 90 fosse notável para o Departamento de Esportes. A ascensão do futebol da cidade, com a subida do Juventude à Série A do Campeonato Brasileiro, e a consequente reação por parte do arquirrival SER Caxias fizeram com que se atingissem situações inéditas, como a conquista do Campeonato Gaúcho em 1998 (Juventude) e 2000 (Caxias), além do título alviverde na Copa do Brasil de 1999. Esses fatos históricos foram uma espécie de coroação ao trabalho da Rádio Caxias, que por décadas teve – e continua tendo – a defesa do esporte caxiense como objetivo. Toda uma geração de profissionais ficou marcada por cruzar o estado e o País para reportar aqueles momentos épicos. Entre eles, estavam naquele período os narradores Gerson Ben, Velton Cezar e Jotha del Fabro; os comentaristas Dante

Andreis, Anselio Brustolin e Paulo Rodrigues; os repórteres Sinval Paim (também coordenador da equipe), Alberto Meneguzzi, Edgar Vaz, Fabio Ramos Berti, Jorge Estrada, Luiz Carlos Souza, Elias Silveira e Nilton Paz. Um fato curioso foi a presença de Adenor Bachi, o Tite, como comentarista da emissora ao longo de 1998, em um ano sabático em sua carreira de técnico, que logo depois seria retomada e o levaria até o comando da Seleção Brasileira de futebol. A presença da Rádio Caxias em eventos internacionais também foi um dos pontos altos daquele período, com o envio de profissionais para a cobertura do Mundial de Futsal de 1996, na Espanha; da Copa América de 1997, na Bolívia; e da Copa do Mundo de 1998, na França.



O consagrado técnico Tite trabalhou na Rádio Caxias na função de comentarista. A imagem, feita durante um evento de premiação, em julho de 1998, traz: (fileira de cima, da esquerda para a direita) Evandro Fontana, Jaime Walker, Dante Andreis, Velton Cézar, Sinval Paim, Alessandro Valim, Fabio Ramos Berti e Tite; (fileira de baixo, da esquerda para a direita): Alberto Meneguzzi, Eleandro Bonesi, Orestes Soares, Luiz Carlos Souza, não identificado e Alaor de Oliveira. Autoria: não identificada. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

# O novo milênio e a despedida dos ícones

A emissora iniciou o século XXI sob o desafio de se adaptar às novas mudanças tecnológicas e continuar defendendo seu legado. Já em 2001, ao completar 55 anos, uma importante ação foi a organização do Memorial Rádio Caxias, um trabalho coordenado pela historiadora Tânia Tonet, que resgatou e catalogou um acervo de 400 imagens retratando a trajetória da emissora. Esse material deu origem a uma exposição fotográfica, que percorreu vários pontos de grande circulação na cidade, durante um ano. Além disso, foram gravadas entrevistas com comunicadores referenciais que passaram pela empresa, enriquecendo o já vasto arquivo de áudios que a Rádio Caxias possui e que é fonte de informação para a história da comunicação e do município. Em paralelo a esse trabalho, foram realizadas ações estruturantes. Ao completar 60 anos, em 2006, foram entregues as obras de remodelação das instalações da emissora, na mais profunda reforma promovida em sua sede, no Edifício Estrela, desde a mudança para o local, no início da década de 70. Os estúdios foram totalmente revitalizados, uma nova redação foi construída e o layout das salas foi atualizado. Além disso, completou-se a informatização de todos os setores, adequando o trabalho à nova realidade tecnológica.

Mudanças diretivas importantes também foram realizadas nesse período. O empresário Paulo Triches esteve diretamente à frente no comando da Rádio Caxias e das demais emissoras do grupo STC desde a aquisição delas no final dos anos 80. No entanto, a direção-geral da Rádio Caxias foi desempenhada por diversos profissionais recrutados no mercado desde então, até retornar às mãos da família. Quando da compra da empresa, em 1988, a função foi assumida por Nestor Fedrizzi, até o ano seguinte. Entre 1989 e 1990, Inaro Cruz respondeu pelo cargo. Sérgio Augusto Simon foi o diretor-geral entre 1990 e 1993, passando então a tarefa para Jaime Luiz Walker, que ficou até 1999. Quem assumiu o desafio de estar à frente da emissora, na ocasião, foi o jornalista Evandro Fontana, que ocupou o posto até 2003. Após reuniões familiares, decidiu-se repassar, naquela data, a direcão-geral às mãos de Guilherme Triches, filho de Paulo Triches e bisneto do fundador da Rádio Caxias, Joaquim Pedro Lisboa. Guilherme comanda a emissora até os dias de hoje.

Esse período de rápidas mudanças também trouxe a necessidade de conviver com a partida de algumas referências da Rádio Caxias. A primeira grande perda foi a morte de Vivaldo Vargas de Almeida, em 10 de julho de 2002. Nascido em Vacaria em 14 de julho de 1934, Vivaldo se consagrou como uma das vozes marcantes da Rádio Caxias, sendo reconhecido como "a voz padrão" da emissora nos anos 50 e 60. Ingressou na radiodifusão em dezembro de 1952, guando participou de um concurso da ZYF-3 para selecionar locutores, organizado pelo então diretor Nestor Rizzo. Entre os 42 candidatos, Vivaldo foi o primeiro colocado, com 18 anos de idade, dando início à carreira de speaker. Fazia locução geral e leitura de noticiário ao vivo, juntamente com Osvaldo de Assis. Ficou famoso por sua atuação como galã em vários papéis nas radionovelas e, mais tarde, como Rei Momo no carnaval da cidade. Depois de passar por outras emissoras, voltou à Rádio Caxias com a criação do STC e assumiu a apresentação do "Jornal Formolo", função que manteve até 2002, só deixando o microfone quando teve de priorizar seu tratamento de saúde.

Meses depois veio a perda que, pelas circunstâncias, se tornou a mais marcante desse período. Em 6 de fevereiro de 2003, morreu subitamente, com 71 anos de idade, o radialista Dante Andreis. Foi uma comoção na cidade, principalmente pelo fato de que ele estava em plena atividade, sem problemas de saúde. No comeco daquele dia, o cronista trabalhou normalmente, chegando ao 21º andar do Edifício Estrela pouco antes das 8h, quando entrava ao vivo no ar para fazer seu comentário diário. Cumpriu os compromissos com o público e saiu para desenvolver atividades pessoais. Por volta do meiodia, as linhas telefônicas da rádio comecaram a receber ligações de ouvintes informando que um senhor havia tido um mal súbito, caído em uma rua no Centro e fora levado de ambulância ao Hospital Pompéia. Instantes depois, novos telefonemas davam conta da identidade do cidadão que acabara de passar mal e ser socorrido: o radialista Dante Andreis. Equipes da rádio não tardaram a chegar no hospital, localizado a poucos metros do prédio que abriga a emissora, onde encontraram familiares do radialista, que lá já se reuniam. A informação de que ele havia morrido, devido a uma parada cardiorrespiratória, chegou por volta de 12h30min, e teve de ser imediatamente levada ao público pelas ondas da Rádio Caxias, por seus colegas de trabalho.

Às 13h entrava no ar o "Campo Neutro", programa de debates do qual Dante Andreis era participante. Iniciou-se então uma programação especial sobre a morte do radialista, comandada pelo apresentador Gerson Ben, que, com sensibilidade, repercutiu à comunidade o falecimento. A súbita morte aconteceu em uma quintafeira. No sábado, dois dias depois, estava marcada a realização de um Ca-Ju válido pelo Campeonato Gaúcho. A interessante coincidência não passou despercebida, já que Dante sempre fora um militante em favor do futebol local, o que inspirou a concretização de homenagens por parte das duas torcidas no Estádio Alfredo Jaconi, que sediava a partida. Antes do início do jogo, os alto-falantes evocaram um minuto de silêncio em lembrança do comunicador. Cumprida essa etapa, a torcida do Caxias começou a gritar o nome de Dante, um notório juventudista, o que foi logo seguido em coro pelos alviverdes, configurando uma homenagem histórica e emocionante das duas torcidas rivais à unanimidade da memória do radialista



Uma longeva e produtiva trajetória transformou Dante Andreis em um dos ícones da crônica esportiva gaúcha. A imagem, feita durante uma viagem em 1980, traz, da esquerda para a direita, Britto Jr., Dante Andreis, Adelar Neves e Sidnei Andrade. Autoria: desconhecida. Acervo: família Andreis.

A comoção na cidade pelo falecimento tinha razão de ser, pois tratava-se de uma das vozes mais conhecidas dos ouvintes da Rádio Caxias, com a qual estavam familiarizados há décadas, uma vez que ele acumulara 56 anos de carreira profissional. Nascido em 8 de marco de 1931, Dante Baptista Andreis ingressou na Rádio Caxias com 15 anos de idade, guando, em novembro de 1946, a recém-fundada emissora recrutava talentos para compor sua equipe. O convite para o Departamento de Esportes veio pelas mãos de Nestor Gollo, que estreava o programa "Esportes na Onda", em 15 de novembro daguele ano. O jovem Dante começou apresentando o "Placar Amadorista", informando os resultados dos jogos dos campeonatos amadores da cidade. O cronista logo começava a se firmar com o público, os colegas e a empresa. Foi o criador do bordão "futebol é bola na rede", que se ouvia nas transmissões das partidas, e formou uma dupla marcante com o narrador e amigo Adelar dos Santos Neves, parceiro de centenas de jornadas pelo estado e País. Adelar, que deixou a função de narrador na década de 90, morreu em 2004.

Dante não se restringia ao futebol profissional. Ao longo da carreira, emprestou a voz para transmitir os mais variados tipos de competições, como rinhas de galo, campeonatos de bocha, jogos de pingue-pongue, corridas de automóveis e outros. Participou do grupo artístico da Rádio Caxias que produzia as famosas radionovelas e fazia apresentações em localidades do interior, levando números teatrais, humorísticos e de magia a essas comunidades. Sua carreira ficou marcada também por ter realizado coberturas ao vivo das Copas do Mundo dos anos de 1982 (Espanha), 1986 (México) e 1990 (Itália). Respondeu pelo setor de esportes da emissora de 1953 a 1977, e de 1978 a 1987, sucedendo ao pioneiro Nestor Gollo na função. Em 2002, sua história de vida inspirou o samba-enredo da escola de samba Nação Verde e Branco. No mesmo ano, recebeu da Câmara de Vereadores o título de cidadão emérito de Caxias do Sul. Dias depois, de surpresa, uma notícia trazida pela reportagem provocou forte emoção no "Bola na Rede", que estava no estúdio. O Esporte Clube Juventude, agremiação do coração do cronista, havia decidido homenageá-lo, batizando de Dante Andreis a sala de imprensa do Estádio Alfredo Jaconi, em mais uma iniciativa que serviu para eternizar o nome de um dos maiores cronistas esportivos da história de Caxias do Sul.

O dia 7 de janeiro de 2009 foi marcado pela morte do "comendador" Nestor Gollo, com 81 anos de idade, pioneiro do Departamento de Esportes da Rádio Caxias, e que teve atuação histórica na emissora. Nascido em 26 de fevereiro de 1927, ingressou na ZYF-3 com 19 anos de idade, ao ser aprovado no "Concurso de Novas Vozes", promovido pela emissora em 1º de agosto de 1946, a fim de recrutar novos talentos para seus quadros funcionais. Ao longo das décadas que dedicou ao radialismo na Caxias, atuou em diversas frentes, com destaque para as funções de locutor de notícias, narrador esportivo e ator de radionovelas. Dono de uma voz marcante e de uma cultura e erudição singulares, Nestor Gollo orgulhava-se de ter sido escalado para produzir entrevistas com personalidades importantes, que passaram por Caxias do Sul, como o escritor Érico Veríssimo, vários presidentes da República (entre eles, João Goulart e Juscelino Kubitschek) e governadores do estado, entre outras.

Teve uma atuação também significativa na imprensa escrita da cidade. Juntamente com Nestor Rizzo e Elvo Marcon, fundou o jornal Diário do Nordeste, que durou de 1951 a 1954. Integrou também as equipes de jornalistas de publicações como A Época, O Momento, Correio Riograndense, Diário de Notícias e Pioneiro, onde chegou a desempenhar a função de redator-chefe. A convite de Nestor Rizzo, integrou também a equipe de profissionais que ingressaram na TV Caxias Canal 8, inaugurada em 1969. A partir dali, Gollo acumulou 19 anos de trabalho no veículo televisão, passando ainda pelas TVs Guaíba, Educativa e Bandeirantes.

Paralelamente à sua atuação como radialista e jornalista, Gollo notabilizou-se também pelo desempenho de sua função de professor, tendo lecionado durante muitos anos em escolas da cidade, como Carmo e São José, e também na Universidade de Caxias do Sul. Em função da extrema popularidade que conquistava entre os ouvintes, devido à sua performance nos microfones, Gollo era constantemente assediado pela classe política local para se filiar a algum partido e disputar um cargo eletivo. Aceitou o desafio nas eleições de 1951 quando, a convite de Rubem Bento Alves e de Guerino Zugno, foi o vereador mais votado, integrando a Câmara de Vereadores de Caxias do Sul na legislatura de 1952 a 1955, pelo PTB. Do Legislativo migrou para o Executivo, tendo sido secretário de Educação, chefe de Gabinete, diretor do Serviço de Água e Saneamento (atual Samae),

diretor de Biblioteca Pública Municipal Dr. Demetrio Niederauer, entre outros cargos.

Dos profissionais que continuavam ativos na emissora, outra perda marcante foi a de Carlos Mambrini, que faleceu em 31 de janeiro de 2013. Nascido em Flores da Cunha em 11 de fevereiro de 1945, ele desenvolveu em Caxias do Sul uma marcante carreira como radialista e publicitário. Depois de iniciar as atividades de comunicação em sua terra natal, mudou-se para Caxias no início dos anos 60, onde trabalhou com Dante Andreis como produtor e foi plantonista esportivo. A ascensão foi rápida, e já em 1965 estreava um programa próprio que se tornaria icônico, o "Tema Livre", apresentado por Mambrini ininterruptamente até 2012, nos sábados pela manhã. Amante da música, foi o criador do "Porque Hoje é Domingo", um programa musical presente até hoje na grade da emissora. Além disso, durante a maior parte das décadas de 70 e 80, foi o responsável pelo "Comentário do Dia", o tradicional espaço de opinião que vai ao ar no final das manhãs na Rádio Caxias.

O jornalismo e a história da Serra gaúcha perderam em 2013 um dos seus mais brilhantes cronistas: Jimmy Rodrigues. Além de mestre do texto, tendo sido o primeiro redator e subgerente da Rádio Caxias, tornou-se uma das figuras que passou a virar sinônimo da emissora. Caxiense, nasceu em 31 de agosto de 1925, e viu a cidade crescer narrando sua evolução no jornalismo falado e escrito, ao longo de seis décadas do século XX, especialmente entre as de 40 e primeira de 2000. Foi reconhecido como formador de opinião, redigindo diariamente o "Comentário do Dia", debatendo os principais temas do momento. Foi também redator de radionovelas que eram levadas ao ar pela Rádio Caxias com grande sucesso. A primeira de sua autoria intitulava-se "Noites Portenhas", que, depois de três meses no ar (que costumava ser a média de duração de uma radionovela), recebeu ordens para ser abruptamente encerrada. Como solução, embarcou todos os personagens em um avião que explodiu no ar, rumo a Buenos Aires

No início da década de 70, um câncer na garganta obrigou-o a submeter-se a uma cirurgia nas cordas vocais, o que lhe acarretou a perda da voz. Isso, no entanto, não o afastou do radiojornalismo, permanecendo durante ainda muitas décadas atuando como redator. Faleceu em 9 de junho de 2013, tendo permanecido ativo na imprensa

local como cronista do jornal *Pioneiro* e da revista *Acontece Sul*, até o ano anterior. Dessa mesma época, são as perdas de outros comunicadores que, embora não atuassem mais pela Rádio Caxias, tiveram passagem marcante pela emissora em algum momento. É o caso de figuras como José Domingos Susin (2012), João Cláudio Garavaglia (2015), Reni Sefeld (2015) e Abelino Cardoso (2015).



Os 60 anos da Rádio Caxias, em 27 de abril de 2006, foram comemorados com a entrega de uma reforma nas instalações. Além disso, foi feita uma edição especial do Persona. Da esquerda para a direita, Carlos Mambrini, Reni Sefeld, Nestor Gollo e Lisete Oselame. Autoria: não identificada. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

## A migração para FM e os dias atuais

Foi cumprindo o inexorável ciclo da vida, de conclusão de etapas e consequente recomeço, que a Rádio Caxias tomou uma decisão crucial durante o ano de 2012: a migração para o FM. Essa transformação começou a ser debatida no segmento de rádio brasileiro na metade da primeira década de 2000, guando ficou evidente nos grandes centros do País a perda de qualidade das frequências AM, devido ao aumento das interferências eletromagnéticas. Algumas emissoras, especialmente em São Paulo e Rio de Janeiro, iniciaram transmissões simultâneas nas duas faixas, levando o segmento de notícias para o rádio FM e forçando o governo federal a programar uma migração geral, que, em meados da década de 2020 vai significar o abandono do AM em praticamente todo o Brasil.

Atenta a esse debate nacional e observando a realidade do mercado local, a direção da emissora decidiu usar o dial 93,5 FM, pertencente ao grupo e que já havia sediado vários tipos de programação, para ser o novo "endereço" da Rádio Caxias. A data de 7 de outubro de 2012, dia do primeiro turno das eleições municipais daquele ano, marcou a entrada da emissora na nova frequência, a terceira de sua

história. Além de primar pelo oferecimento de um produto sempre qualificado aos ouvintes, a opção aproveitava a disseminação de receptores de FM propiciada pelo grande aumento do número de aparelhos de telefonia celular, que trazem essa possibilidade. O período de transição durou três anos e, em 28 de setembro de 2015, a Rádio Caxias concentrou sua programação nos 93,5. Nos 930 AM foi criada a Rádio Cidade, com perfil musical popular, e no canal 1010 AM entrou no ar a Rádio Tua Voz, dedicada a atender o público gospel, complementando as frentes em que o STC opera. Juntas, contam com cerca de 60 profissionais atuando em todos os setores. Ainda em 2015 foi inaugurada uma reforma no parque de transmissores, com destaque para a nova torre, de 127 metros de altura, que ampliou o poder de irradiação do sinal para toda a região.

Também em 2012 foi iniciada a implantação de um APP para smartphones e tablets, ampliando as opcões de captação do som em qualidade digital e complementando o trabalho já feito no site, desde o final da década de 90. A presenca ativa nas redes sociais, forma de comunicação que se disseminou durante a década de 2010, foi outra iniciativa tecnológica e operacional priorizada no momento. Todas essas ações, de acordo com o diretor Guilherme Triches, compõem o processo de adequação constante da Rádio Caxias às novidades. "A rádio precisa se atualizar constantemente na área tecnológica. Tivemos de nos adaptar quando do advento da internet, e hoje os veículos de comunicação estão se transformando em um grande mix tecnológico de mídias, e a interatividade do veículo rádio se predispõe a isso. A Rádio precisa se transformar em um centro de convergência desse mix de mídias", analisa Triches. Ele aponta ainda outro desafio que se impõe, que é a busca incessante pela viabilização econômica do negócio rádio, frente a um mercado cada vez mais concentrado, em que os conglomerados de comunicação tomam conta. "É preciso se apresentar como empresa viável e competitiva, mantendo suas características e sua identidade com o localismo", comenta. "O público ouvinte tem um carinho muito grande pela Rádio Caxias, isso é um patrimônio valiosíssimo da emissora, que precisa ser mantido e cultivado. A Rádio Caxias tem uma grande parcela de contribuição para o desenvolvimento da cidade, e a comunidade reconhece isso."

Já o jornalista Alessandro Valim, diretor de programação, aponta as mudanças que a tecnologia trouxe como benéficas para o ramo

onde a Rádio Caxias atual. Além disso, defende o papel que os veículos tradicionais continuarão a cumprir dentro de um mercado de comunicação instável e multifacetado. "Apesar de todas as facilidades de acesso aos acontecimentos em tempo real, o selo de credibilidade seguirá sendo exclusividade dos veículos especializados em comunicação. Por mais que as informações circulem rapidamente pelas redes sociais, a apuração exata da notícia, com veracidade e precisão dos fatos, seguirá sendo uma atribuição do jornalista e do veículo de comunicação, seja em que plataforma for. E, nesse contexto, o veículo rádio está bem posicionado, pois foi bastante beneficiado por mudanças tecnológicas que expandiram seu alcance de forma inimaginável. Antes, uma emissora tinha seu alcance restrito e determinado pela sua potência. Agora, por meio da internet, seu alcance tem escala global. Basta acessar a página ou o APP em qualquer canto do mundo e escutar a programação online, com alta qualidade. Ou então procurar e ouvir um programa que já foi ao ar, mas está arquivado no site, dando liberdade ao ouvinte. A capacidade de absorção e integração desses avanços e das redes sociais é uma característica particular do rádio", conclui.

E para cumprir esses objetivos expostos pela direção, além do bom uso das variadas plataformas, há uma convicção de que é fundamental oferecer um conteúdo diferenciado. Essa questão, aliás, é decisiva no atual mercado, em que muitos podem oferecer instantaneidade, mas poucos podem combinar essa agilidade com credibilidade e profundidade. Por isso, entre 2012 e 2015, período em que fez a transição de frequência, a programação da Rádio Caxias foi repensada. O eixo foi atualizar a grade existente, mudando sua roupagem e algo da linguagem, e combinar isso com novas atrações, voltadas a um público jovem, mais afeito à linguagem do FM, dos APPs e das redes sociais. Com isso, foram revitalizados e mantidos programas jornalísticos como o "Bom Dia Caxias", que vai das 5h às 6h30min, e que, durante os guase 13 anos (2004-2017) em que foi apresentado pelo comunicador Jorge Estrada, se consolidou como a abertura dos espaços informativos da emissora. Atualmente, o comando do "Bom Dia Caxias" está a cargo do jornalista Fernando Santos. O segmento de notícias tem continuidade com o "Jornal da Caxias", que completa 30 anos em dezembro de 2017, sendo um dos programas oriundos da antiga Rádio Jornal. No ar entre 6h30min e 9h, conta com a apresentação de Alessandro Valim e de Renato

Henrichs, um dos mais conceituados jornalistas do estado, e que cumpre a função de comentarista neste espaço desde 1998.

A atração seguinte é outro clássico da Rádio Caxias. Entre 9h e 11h, horário que foi ampliado na ida em definitivo para o FM, vai ao ar o "Persona", apresentado por Lisete Oselame. Na grade desde 3 de marco de 1997, o programa tem o formato de revista, com atrações variadas que vão, na primeira hora, da reportagem à participação de convidados falando sobre temas variados. A segunda parte traz um debate ou entrevista com temas de interesse geral. A programação jornalística tem sequência com o "Comentário do Dia", às 11h50min, com Renato Henrichs no tradicional espaço de opinião já ocupado por figuras como Jimmy Rodrigues, Mário Gardelin, Nestor Rizzo e Carlos Mambrini. Às 12h entra no ar o "Jornal do Meio-Dia", com a apresentação da jornalista Rafaela Daros, e que alia a agilidade de um noticiário do século XXI com a tradição de mais de sete décadas que o programa acumula. Além dos informativos de hora em hora, as duas edições do programa "Repórter Caxias" (16h - 17h e 18h30min - 19h), apresentadas pelo jornalista Jeferson Scholz, recuperam as principais informações do dia para os ouvintes.

A ampla cobertura esportiva segue como uma das características da Rádio Caxias na atualidade. Sendo a única emissora da cidade a iamais ter deixado de transmitir notícias e jogos das equipes locais, cumprir essa tarefa é uma questão de diretriz e posicionamento de mercado, tendo a divulgação das notícias de Juventude, Caxias e esporte amador local como foco. Para isso, são levadas ao ar, diariamente, ao menos cinco horas e meia de programação específica. Tudo começa com o "Giro Esportivo", das 11h10min às 11h50min, e termina com o "Zona Mista", das 20h às 22h. Entre esses programas estão duas tradicionais atrações: o "Campo Neutro Debate Esportivo", que completa 30 anos no ar em 2017, e que entre 13h e 14h reúne a equipe de comentaristas e narradores para analisarem os principais fatos do dia; e o "Esportes na Onda", o mais tradicional programa esportivo do rádio brasileiro, colocado no ar por Nestor Gollo, em 15 de novembro de 1946, e que permanece até hoje com o mesmo nome. Ampliado na reforma da grade executada em 2015, o "Esportes na Onda" vai das 17h às 18h30min, com a apresentação de Gilberto Júnior e os comentários de Marcus Vaz, além da participação de repórteres diretamente dos estádios Centenário e Alfredo Jaconi. Completando o ciclo de

cobertura do Departamento de Esportes da Rádio Caxias, há a "Jornada Esportiva", que transmite os jogos da Dupla Ca-Ju a partir de qualquer local em que as equipes estejam.

Além de revitalizar os espaços informativos da emissora, as mudanças implementadas com a migração para o FM também abriram espaço para o entretenimento. A principal iniciativa nessa área foi a criação do programa "Studio 93", comandado pelo jornalista Tomás Seidl, entre 14h e 16h, e que traz música, entrevistas e notícias do setor cultural de forma leve e descontraída. Tomás ainda é o responsável pela seleção musical feita para outros programas da emissora, como o "Persona" e o "Esportes na Onda", que também adotaram como característica a combinação de "pitadas" musicais com o conteúdo informativo, sempre com o objetivo de se aproximar do ouvinte. Os atuais coordenadores de área na empresa são Elizangela Beto (Jornalismo), Marcus Vaz (Esportes), Rodrigo de Oliveira (Técnica) e Fabrício Guimarães (Financeiro).

Completando seu processo de evolução neste início de século, a Rádio Caxias também passou a apresentar uma nova identidade de comunicação com o ouvinte. O slogan "Sempre Contigo", utilizado desde 2012, traz consigo diversas simbologias: a tradição de sete décadas, a evolução junto com a sociedade, a preocupação com o conteúdo local e a presença em variadas plataformas. Tudo isso é englobado nessa mensagem, que também sintetiza o pensamento do diretor Guilherme Triches sobre o futuro da empresa e o papel que ela continuará cumprindo:

"A tarefa da Rádio Caxias nos dias hoje é conseguir se fazer constantemente atualizada, a ponto de manter o público já cativado e também conquistar novas audiências. Sempre discutimos essa questão internamente, conscientes de que é preciso buscar as novas gerações de ouvintes. A Rádio Caxias ficou atenta às revoluções tecnológicas de redes sociais e da internet, tendo sido a primeira a possuir um site em Caxias do Sul e a transmitir sua programação por internet. Esse foi o primeiro passo desse agora contínuo processo de atualização digital. Depois veio a questão da migração de todo o sinal para FM, que configurou mais um passo muito importante, no sentido de estar sempre atualizado com as novas tendências do segmento. Modernizar sem perder as características. Esse é o grande desafio, e creio que estamos no caminho certo."



Direção e funcionários da Rádio Caxias no jantar de comemoração dos 70 anos da emissora, em 29 de abril de 2016. Autoria: não identificada. Acervo: Memorial Rádio Caxias.



# A Rádio Caxias e a história da cidade

A importância da Rádio Caxias como agente protagonista no processo de configuração da identidade cultural da comunidade habitante da região conhecida como Serra gaúcha, é sublinhada e detectada por três das mais proeminentes historiadoras pesquisadoras locais. Em depoimentos exclusivos, as pesquisadoras Cleodes Maria Piazza Júlio Ribeiro, Loraine Slomp Giron e Tânia Tonet mesclam lembranças pessoais que evocam suas relações com o veículo radiofônico e análises a respeito da relevância específica da Rádio Caxias no contexto das comunicações e da atuação social e comunitária da emissora na comunidade regional.

Ao evocar a crônica familiar, a professora Cleodes Maria Piazza Júlio Ribeiro (nascida em Farroupilha em 1939) recorda que sua família possuía um aparelho de rádio entronizado na sala, que recebia a atenção de todos. Quando ainda criança, marcou-a um fato relativo ao hábito de sintonizar o aparelho, envolvendo as atenções de sua avó, sua mãe e uma tia. Uma família do interior estava desolada com o desaparecimento de dois cavalos e a Rádio Caxias recebeu o apelo para que, se algum dos ouvintes tivesse

informações sobre o paradeiro dos animais, cujas especificações eram informadas, era favor avisar. "Desde cedo eu percebia que a Rádio Caxias já se prestava à função de oferecer esse serviço de utilidade pública para a comunidade regional, além da difusão de notícias. Minha percepção, desde início, era de que a Rádio Caxias serviu sempre a fins coletivos", analisa Cleodes.

A partir daí, a pesquisadora faz um corte no tempo e já está em Caxias do Sul, anos mais tarde, jovem adolescente, estudando na área urbana, onde vivencia o adensamento cultural da população. com a Rádio Caxias se configurando em importante portadora de notícias. O que a emissora irradia tem credibilidade, que se estende do urbano até o meio rural, coisa que os jornais impressos não apresentavam potencial para fazer. A maioria da população rural não lia (e não lê) jornal, que lá dificilmente chega, com exceção do *Correio* Riograndense (cuja última edição impressa foi veiculada em 8 de fevereiro de 2017). Assim, via de regra, a Rádio Caxias cumpria (e cumpre) o papel de informar as gentes do interior, que se servem dela como a fonte principal não só de notícias, mas também para a vida familiar, pois as famílias rezavam e acompanhavam a reza pela emissora. Para Cleodes, esse contexto imputa ao rádio, além da atuação como meio de comunicação em si, um componente civilizador muito forte.

Estudiosa das manifestações musicais como peça crucial na manutenção viva da cultura herdada pelos imigrantes, a professora Cleodes ressalta a importância da Rádio Caxias no resgate do cancioneiro herdado dos imigrantes italianos, um elemento característico do perfil antropológico e sociológico dos habitantes da região serrana do Rio Grande do Sul. O fio condutor da análise que ela faz desse fenômeno de resgate cultural civilizatório é a Festa da Uva, cuja primeira edição ocorre no início da década de 30, do século XX, quando ainda não havia emissora de rádio em Caxias do Sul. Porém, havia esse empreendimento que celebrava principalmente a colheita, mas, a pretexto disso, se revestia também no momento crucial de ação de um grupo não de colonos, mas de pessoas ilustradas, luso-brasileiros, italianos, que percebem o esforço feito por todos os agricultores e ainda alguns imigrantes, encantados com seus vinhedos de uva Isabel, que não gerava vinho de boa gualidade. Essas lideranças, incluindo os freis capuchinhos franceses que estavam

estabelecidos na região, se unem e, ao longo de três anos, no final da década de 20 (1920), comecam a preparar um processo pedagógico para convencer os vitivinicultores a respeito do conceito de que é de boa uva que se faz bom vinho. Isso feito, eles realmente chegam a um bom termo e, em 1931, produzem um volante (impresso informativo de divulgação) e vão distribuí-lo especialmente pelo interior, a fim de anunciar que haveria uma Exposição de Uvas e Vinhos em Caxias do Sul. A acão tinha um objetivo específico: demonstrar a relação entre as diferentes variedades de uva e os produtos possíveis de serem obtidos a partir delas. As uvas estavam ali expostas e, defronte a elas, as garrafas do bom vinho resultante de cada cepa. "Presumo que a comissão conseguiu fazer com que os vinicultores experimentassem aqueles produtos e, assim, comecassem a entender que não adiantava produzirem toneladas de uva Isabel, se aquilo não lhes servia para obter um bom comércio de vinho", analisa Cleodes.

Em 1946, surge a Rádio Caxias, que terá um papel relevante anos mais tarde, no que tange ao resgate da autoestima do povo local, evocando um episódio ocorrido em 1942 na região, mais especificamente em Nova Milano, interior de Farroupilha, durante o período de restrições às manifestações da cultura dos imigrantes. A localidade sedia, desde 1925, um monumento erigido em homenagem ao cinquentenário da imigração italiana na região, que consiste em um obelisco e três placas comemorativas de bronze. Por volta de 1942, o Exército Brasileiro, seguindo as diretrizes governamentais federais de restrições às manifestações italianas em território nacional, retirou as placas e as encaminhou à Metalúrgica Gazola, em Caxias do Sul (uma das várias indústrias locais declaradas como de interesse estratégico-militar durante o período do conflito). a fim de que fossem fundidas e transformadas em cinzeiros. A ordem foi cumprida em parte. O então diretor da Gazola, José Ariodante Mattana, ciente do valor histórico das peças e de seu significado cultural, guardou as placas secretamente e, em seu lugar, entregou ao Exército alguns cinzeiros fundidos a partir de sucata. Cleodes Piazza recorda que, no dia seguinte à retirada das placas em Nova Milano, apareceram junto ao obelisco duas tábuas de madeira amarradas em arame, contendo, em tinta azul, exatamente os mesmos dizeres que constavam nas placas originais. "Era o esforço da comunidade local para impedir o confisco da memória", analisa. As placas retornaram oficialmente ao monumento em 1950, por ocasião da celebração dos 75 anos da imigração italiana. Estavam lá, entre outras autoridades, o bispo Dom José Barea, Joaquim Pedro Lisboa e o cônsul da Itália, Attilio Bolatti.

Cleodes Piazza chama a atenção para o fato de a solenidade de recolocação das placas ter sido irradiada ao vivo pelos repórteres da Rádio Caxias, durante os atos realizados em Nova Milano, naquela ocasião. "Entra nesse território a convergência da celebração, guando penso na Rádio Caxias como uma instituição que se responsabiliza por socializar a vida coletiva. Até mesmo os reclames comerciais rompiam com o isolamento das comunidades do interior, pois ajudavam os colonos a fazerem negócios", avalia. Em 1949, a mesma equipe que organizara as edições da Festa da Uva da década de 30, o prefeito e as autoridades municipais, se reúne no estúdio da Rádio Caxias e, de lá, convoca os 11 municípios da região para que, em 1950, sejam celebrados os 75 anos da imigração e participem da retomada da Festa da Uva. "Com isso, são retomadas também (e especialmente) a terra da gente, a festa da gente, os nossos negócios. A Festa da Uva de 1950 é extraordinária sob todos os aspectos. E quem a convoca é a Rádio Caxias", complementa. A vinda do presidente da República às aberturas da Festa (iniciada justamente na edição de 1950 com a visita do então presidente Eurico Gaspar Dutra) tem um significado simbólico muito importante: com sua presença, faz-se constantemente a renovação do pacto de pedido de desculpas a esta região por tudo aquilo que se fez de agravo a ela durante a Segunda Guerra Mundial.

Conforme a pesquisadora, os anos 50 encontram na Rádio Caxias um grande incentivo à cultura regional. Ela cumpre não só o papel de informar serviços, mas principalmente de amalgamar a essência da região na população. E ainda consolida um papel significativo para a Festa da Uva e para a vida da coletividade. "A credibilidade do jornalismo da Rádio Caxias é incontestável", sentencia. Segundo ela, outro valor simbólico extraordinário se dá no início dos anos 1980, quando a Rádio Caxias faz à Universidade de Caxias do Sul uma oferta de utilização de uma hora de sua programação, nos sábados à tarde. Cleodes Piazza e o jornalista e publicitário Evaristo Dall'Alba assumem o desafio em nome da UCS, e passam a levar para a programação da



A retomada da Festa da Uva nos microfones da ZYF-3 Rádio Caxias. Eurico Gaspar Dutra, primeiro presidente a visitar o tradicional evento de Caxias do Sul, durante seu discurso, em 1950. Ao seu lado, Nestor Gollo. Autoria: não identificada. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

Rádio os grupos corais da região que mantinham o folclore vivo, para irem cantar em dialeto. A Rádio Caxias levou de novo ao ar da região as vozes que haviam permanecido restritas às pequenas comunidades, que faziam seus ecos durante o trabalho na roça, nas missas; se exauriam e não podiam ser repetidas devido às circunstâncias. A emissora manteve isso vivo, por meio de seus microfones. O grande ganho na manutenção desse repertório pode ser comprovado ainda hoje. "Porque essa língua, o dialeto 'talian', se não fossem essas ações, estaria perdida. A Rádio Caxias teve participação fundamental nesse grande mérito de resgate histórico e cultural", conclui Cleodes Piazza.

Já a historiadora Loraine Slomp Giron, além de ser uma pesquisadora dedicada há décadas a coletar, organizar e perenizar o resquardo da memória por meio de seu trabalho, também tem o privilégio de atuar, algumas vezes, na condição de protagonista e testemunha da História. Um desses episódios ocorreu em 27 de abril de 1946 guando, aos dez anos de idade, foi levada pelo seu pai, montada "a cavalo" em seus ombros, a presenciar os atos de inauguração da Rádio Caxias, instalada nas dependências do Recreio Guarany. A importância histórica da instalação de uma rádio era percebida por boa parte da população local, especialmente entre aqueles que já cultivavam o hábito de se informar por meio do ato de sintonizar emissoras de outras partes do estado, do País e até mesmo do Exterior, como o que ocorria na família Slomp. "Escutávamos óperas que eram apresentadas no Teatro Colón, em Buenos Aires, pela Rádio Belgrano. Ouvíamos a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, e também a Rádio Farroupilha, de Porto Alegre. Desde sempre já tínhamos consciência do papel integrador exercido por uma emissora de rádio e também de sua importância no processo de sedimentação da cultura", analisa a historiadora. A partir disso, não foi preciso muito para receber com alegria a notícia da inauguração da Rádio Caxias e detectar a reviravolta que passaria a acontecer no desenvolvimento regional.

Loraine recorda que a família sintonizou a Rádio Caxias ao meiodia, todos os dias, desde a inauguração em 1946 até 2002 (quando sua mãe faleceu), a fim de escutar os programas noticiosos. O localismo, que foi uma característica de emissora desde seu surgimento e que segue como fio condutor dos trabalhos até hoje, é

um dos principais valores estabelecidos entre a Rádio Caxias e a comunidade local, conforme a historiadora. "Nenhuma outra rádio e nenhum outro meio de comunicação conseguiu até hoje estabelecer tamanho nível de proximidade com a comunidade local como a Rádio Caxias. Ela atua como um espelho desse microcosmo local que, no fundo, reflete o próprio mundo. A empresa carrega essa missão nobre da organização e transmissão do conhecimento local para os próprios habitantes locais. A Rádio Caxias congrega a alma desta cidade."

Encarregada da organização e criação do Memorial da Rádio Caxias, quando entrevistou diversos profissionais ligados à emissora, para fins de resguardo da memória oral, bem como pela estruturação do arquivo fotográfico da empresa, a pesquisadora Tânia Tonet detecta na fundação da rádio, em 1946, o estabelecimento de um tripé de ações que caracterizam o perfil visionário de Joaquim Pedro Lisboa, de quem confessa ser admiradora. Juntamente com a Festa da Uva e com a criação do CTG Rincão da Lealdade, a Rádio Caxias se une às iniciativas capitaneadas por Lisboa, no sentido de dotar a cidade com instrumentos (uma festa, uma emissora de rádio e um Centro de Tradições Gaúchas) aglutinadores e valorizadores da cultura local, consolidando a identidade da comunidade regional. "Ele foi um homem à frente do seu tempo, um dos maiores idealistas que esta cidade já teve. Basta ver que suas criações continuam vivas, ativas e inseridas no cotidiano da comunidade", ressalta a pesquisadora.

Tânia Tonet detecta que o trio de fundadores da emissora (Joaquim Pedro Lisboa, Luiz Napolitano e Arnaldo Ballvé) também foi muito feliz na escolha do nome da empresa, ligando-a, para sempre e intimamente, à identidade da própria cidade. "O localismo fica claro e expresso pelo próprio nome da Rádio Caxias, que se irmana às demandas da cidade, além de promover uma aproximação sentimental com os ouvintes, ao defender apaixonadamente a trajetória dos clubes esportivos locais. Estar vinculada às coisas daqui é uma vocação, uma missão da Rádio Caxias, que reafirma diariamente a sua identificação com os ouvintes."

## Gentes e fatos

### "A cavalo" sobre o telhado

Não é primazia dos Beatles assombrar o público a partir de uma performance-surpresa em cima de um telhado, conforme fez a banda britânica de rock, em 30 de janeiro de 1969, no topo da gravadora Apple, em Londres, na última aparição ao vivo do grupo, que entrou para a história como o "Concerto" do Telhado". Mais de duas décadas antes disso, em Caxias do Sul, os repórteres encarregados das jornadas esportivas da Rádio Caxias já surpreendiam os ouvintes utilizando-se do topo do telhado de uma residência para transmitir ao vivo uma partida de futebol. A casa escolhida foi a do caxiense João Empinotti, por localizar-se estrategicamente próxima ao gramado e permitir uma visão privilegiada aos intrépidos cronistas, que não deixaram de narrar a partida a seus ouvintes, apesar de barrados pelos dirigentes de um dos times.

O episódio aconteceu em setembro de 1948, apenas dois anos depois de inaugurada a Rádio Caxias, quando os repórteres da emissora foram proibidos pela direção do Grêmio Esportivo Fluminense (de Caxias do Sul, antigo Grêmio Atlético Eberle) de entrar em campo para narrar as partidas do time. O campo da equipe era conhecido na época como "Colina Fantasma" e se situava onde atualmente está localizado o Centro Administrativo da Prefeitura de Caxias do Sul. Nestor Gollo, um dos três protagonistas do episódio (juntamente com Jimmy Rodrigues e Osvaldo de Assis), imortalizou a lembrança do inusitado fato em depoimento concedido à historiadora Tânia Tonet em 2003, quando da organização do Memorial da Rádio Caxias:

"Proibiram-nos de entrar no estádio porque os diretores do Fluminense achavam que, nos programas de esportes que fazíamos durante a semana, enaltecíamos mais o Flamengo e o Juventude, deixando o Fluminense mais ou menos na lanterna. Irritaram-se e reclamaram para o Nestor Rizzo, mas os programas continuaram. Então, eles acharam que aquilo era um desaforo e disseram: 'No nosso estádio, vocês não entram'! O Fluminense era o sucessor do Eberle e o presidente era o irmão do Paulo Bellini, o Luís Bellini.

Conseguimos chegar lá, no topo daquela casa, e, de lá, a gente enxergava o estádio, onde hoje é a Prefeitura. Nas vésperas do jogo, já tínhamos visitado a casa, tínhamos subido ao sótão para ver se dali era possível; de sua janela não dava, porque era muito baixa, tinha de ser no telhado. O sótão encontrava-se desocupado e, nele, havia colchões velhos, ratos e aranhas e tivemos de limpá-lo para podermos retirar as telhas e subir (foi o "Milico" – Alcides Dalpan –, da equipe técnica da rádio, quem fez esse trabalho). Naquela época, não havia equipamento móvel e precisávamos de fios de linha de telefone, de eletricidade. Fizemos tudo de manhã e eles viram. Aí eles tentaram cortar a linha telefônica no meio do mato e, como não conseguiram, fincaram uns eucaliptos e hastearam uns lençóis emendados para tirar a nossa visão, para que nós não enxergássemos para transmitir o jogo.

Acontece que, por mais altos que fossem os eucaliptos, dali de cima eu ainda conseguia enxergar. Aí, eles colocaram uns quatro ou cinco rapazes com espelhos grandes para pegar o sol e jogar na nossa cara para nos impedir de transmitir o jogo. Imaginem o que foi, era um dia maravilhoso de sol! E não adiantou... E aí saiu o jogo e ainda o Fluminense perdeu. Foi assim uma coisa gloriosa! O futebol era muito apaixonante naquela época. [...] Nós estávamos a cavalo em cima do telhado e dava uma dor terrível na 'zona sul'! Foi um



acontecimento histórico para a única emissora que existia, e que era a Rádio Caxias!"

Dante Andreis, que também participou da histórica e inusitada cobertura, recordava, em suas memórias, que a equipe de narradores acavalada sobre o telhado conseguiu binóculos que foram emprestados pelo comandante do 3º Grupo de Canhões Automáticos Antiaéreos, o 3º GCAAA, de Caxias do Sul. O adversário do Fluminense na famosa partida foi o Juventude, que saiu vitorioso pelo placar de 2 a 1.

### Tiroteio no estúdio

As radionovelas transmitidas ao vivo pelas ondas da Rádio Caxias faziam sucesso e alimentavam as atenções de um público cativo, especialmente nas décadas de 40 e 50. Algumas delas marcaram época devido às suas tramas, que mantinham o suspense ao longo de semanas; outras, em função das atuações dos atores e atrizes locais, que davam vida aos personagens com suas vozes e interpretações, partir dos estúdios. Mas houve também aquelas que se eternizaram na lembrança do público devido às gafes cometidas pelos atores ou pelo pessoal da técnica, situações a que estavam sempre sujeitos, afinal, o fazer ao vivo proporciona as chamadas "saias-justas", e essas não foram poucas.

Uma delas é lembrada pelo radialista Leonel Lahm de Castilhos, no depoimento que teceu para o livro comemorativo dos 50 anos da Rádio Caxias, lançado em 1996. Castilhos ingressou na emissora em 1957, na condição de operador de som, por convite de seu cunhado, o também radialista Dante Andreis. Não demorou muito tempo para que passasse a integrar o elenco de atores das radionovelas, ao lado de figuras emblemáticas como Waldir Fasoli, Osvaldo de Assis, Carmem Tomasi e outros. A peça que entrou para os anais das radionovelas locais intitulava-se "Iraiti, a última bugra", de autoria do Padre Ângelo Costa, na qual Carmem Tomasi desempenhava o papel principal, Iraiti, e Leonel Castilhos interpretava seu filho. A irradiação ao vivo se dava às 21h30min, a partir dos estúdios instalados na então sede da emissora, em um andar inteiro do Edifício Kalil Sehbe (hoje City Hotel), no Centro.

Certa ocasião, o Padre Ângelo levou ao estúdio algumas escopetas, a fim de incrementar e conferir maior veracidade à cena de um combate que estava programada para o capítulo que iria ao ar naquela noite. Ao chegar a hora da "batalha", as janelas do estúdio foram abertas e o som dos "tiros" ecoaram por todo o prédio, apavorando os hóspedes do hotel, que não imaginavam tratar-se de uma encenação radiofônica. A polícia foi chamada e acorreu aos estúdios da emissora, sendo prontamente apaziguada pelas explicações do Padre Ângelo. Foi o que bastou para que o episódio pautasse os falatórios na cidade ao longo da semana, incrementando ainda mais a audiência da novela

### Uma trova malcriada

As programações ao vivo na Rádio Caxias não reservavam "saias-justas" apenas para as equipes envolvidas na produção das radionovelas. Cabia aos apresentadores em geral ficarem atentos ao desenrolar dos programas e, sempre que necessário, lançar mão ao improviso e à criatividade, para driblar os imprevistos que pudessem escandalizar a audiência. Um desses episódios foi protagonizado por dois trovadores que participavam do afamado programa tradicionalista "Venha pra Cancha, Amigo", ganhando a "boca do povo" e assumindo o *status* de "causo" (fato pitoresco e saboroso) local inesquecível.

Uma das melhores versões narradas (senão a melhor) do fato ficou a cargo do radialista, jornalista, cronista e escritor Jimmy Rodrigues, que o elegeu, entre muitos, para figurar nas memórias que evocou para o livro dos 50 anos da Rádio Caxias. A fim de salvaguardar seu talento literário, já que qualquer processo de reescrita implicaria empobrecer a narrativa, optamos por reproduzir fielmente seu texto a seguir, encontrado nas páginas 196 e 197 da referida obra:

"Um dos pontos altos dos programas tradicionalistas gaúchos da Rádio, no passado, eram as trovas. Dois cantores desafiavam-se, geralmente, um desmerecendo o outro. Cada verso tinha sete sílabas poéticas, como, por exemplo 'Eu me chamo Zé da Silva'. Na vez de cada trovador, ele tinha de iniciar seu canto com o último verso de seu contendor.

Na Rádio Caxias, havia um programa tradicionalista de numerosa audiência e indiscutível sucesso. Era o 'Venha pra Cancha, Amigo', conduzido competente e brilhantemente por Joaquim Pedro Lisboa e por Clóvis Pinheiro.

Quando as instalações da ZYF-3 foram transferidas do Recreio Guarany para o prédio do City Hotel, havia um pequeno auditório que ficava superlotado nas noites em que era apresentado o 'Venha pra Cancha, Amigo'. Em um dos programas, foi apresentada uma novidade: um trovador e uma trovadora. A expectativa era enorme. O público vibrava, torcendo com entusiasmo para a moça. Lá pelas tantas, a rima do trovador entrou por uma vereda perigosa. Seu último verso dizia: 'eu te sento um pé na bunda'...

Nem queiram imaginar o reboliço que deu. O rádio era muito puritano, muito pudico naquele tempo. Não se podia nem sequer insinuar um 'palavrão'. Para os padrões daquela época, bunda era expressão proibida, ofensiva aos 'prezados ouvintes'. Seu Lisboa e Clóvis, apanhados de surpresa — pois a trova é cantada de improviso — pararam o programa. Diante do constrangimento da 'distinta plateia' pediram mil desculpas, esculacharam o malcriado trovador, expulsaramno do pequeno palco. Contornada a situação, convidaram outro trovador que se encontrava no auditório — creio que era o Cherenga — e anunciaram que a trova iria continuar. Como o último verso foi daquele desbocado, a Fulana (e disse o nome da trovadora) vai dar sequência à trova. Abre a gaita, gaiteiro! O gaiteiro abriu a gaita, tocou o refrão e a moça, fiel às regras da trova, cantou: 'Tu me senta o pé na bunda...'

Não é necessário dizer que aí o programa não teve como continuar e foi o comentário na cidade durante vários dias."



## Osvaldo de Assis: "A Voz de Veludo" calou-se cedo

Cidade de conformação étnico-sociocultural derivada, primordialmente, de imigrantes e descendentes de imigrantes europeus (em especial os italianos). Caxias do Sul admite e afirma ter "ganhado voz" a partir da inauguração da primeira emissora de rádio na cidade, a Caxias, em 1946. No entanto, ao longo das duas primeiras décadas de existência da empresa radiofônica (mais precisamente de 1948 até 1971, 23 anos), uma das principais vozes que encarnavam e protagonizavam os anseios caxienses à frente dos microfones da Rádio não vinha das cordas vocais de locutores (speakers, como se dizia na época) de sobrenome italiano (e os havia em profusão na equipe de radialistas da emissora, evidentemente), mas sim de um descendente de negros escravos: Osvaldo de Assis. Conhecido como "A Voz de Veludo", Assis era uma das principais estrelas dos primórdios da Rádio Caxias, encantando os ouvintes com o timbre de sua voz poderosa não só na leitura de informes comerciais, notícias e narração de partidas esportivas, mas também interpretando personagens nas radionovelas, que prendiam a atenção das famílias em casa, junto aos aparelhos de rádio, naqueles anos dourados. Osvaldo de Assis era celebridade e causou comoção ao morrer subitamente em 22 de abril de 1971, com 51 anos de idade, quando se preparava para sair de casa e ir até a Rádio, trabalhar, como sempre. A dimensão da consternação que se abateu sobre a comunidade local pode ser medida pelo fato de, naquele dia, a programação da Rádio Caxias ter sido alterada para irradiar somente música clássica, em homenagem ao comunicador falecido

A trajetória do radialista motivou a escolha do tema para a monografia de conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, na Universidade de Caxias do Sul, produzida em parceria por Carla Viviane Mânica Bordin e Luiz Carlos Ponzi, em 1999. Intitulado *O speaker com voz de veludo*, o trabalho faz um detalhado resgate "da vida deste homem negro, pobre, de boa voz e que marcou época em sua cidade". O motivo que norteou a escolha do personagem para tema da monografia, conforme os pesquisadores, repousa no fato de que "muitas são as pessoas brancas e ricas pesquisadas, historiadas. Negros e pobres como Osvaldo de Assis poucas vezes são lembrados. Suas histórias perdem-se na lembrança de seus contemporâneos".



O lendário "Venha pra Cancha, Amigo", que marcou época no rádio e no tradicionalismo do Rio Grande do Sul. Na foto, da década de 1950, da esquerda para a direita: Luiz Carlos de Lucena, Joaquim Pedro Lisboa, Clóvis Pradel Pinheiro, Suzete Dallegrave, Susana Dallegrave e Nelson Sales. Autoria: não identificada. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

Osvaldo de Assis nasceu na casa dos pais, Reinaldo de Assis e Laurentina dos Santos, na antiga Estrada Velha da Olaria (onde hoje localiza-se o bairro Floresta, em Caxias do Sul), em 14 de dezembro de 1919. Família humilde e trabalhadora, o pai atuara em madeireiras e era empregado de um matadouro, lutando para obter o melhor possível na "Pérola das Colônias". Com poucos registros oficiais sobre sua infância, sabe-se que Osvaldo serviu no 9º Batalhão de Cacadores de Caxias, de 1º de fevereiro de 1939 até outubro de 1941. Ao sair do Exército, ingressa no corpo de funcionários da Companhia Telefônica Riograndense (subsidiária da empresa norte-americana ITT), em Caxias do Sul, atividade que vai desempenhar até 1948, quando as reviravoltas da vida o levam a decidir se dedicar exclusivamente ao universo radiofônico. Integrado à comunidade, chegou a fazer parte dos times do Esporte Clube Flamengo (que depois daria origem à SER Caxias) nas décadas de 30 e 40, atuando na posição de centerhalf (cabeça-de-área).

Vaidoso, bem-apessoado e dono de uma voz marcante, Osvaldo de Assis logo percebeu o dom nato que possuía para o canto, a partir do sucesso que fazia ao cantar, como hobby, na Orquestra Típica Rauber, grupo musical comandado por Carlos Rauber (cirurgiãodentista e bandoneonista), na década de 40. Com voz de crooner, imitava Carlos Gardel defendendo um repertório calcado em tangos e boleros latino-americanos. Apresentava-se sob o nome artístico de Henrique Gonzales, e não demorou a chamar a atenção da equipe da Rádio Caxias, onde a Típica Rauber (como a orquestra era conhecida) se apresentava uma vez por semana, com suas canções (Ilsa Fontana também integrava o time de cantores da Típica). A qualidade de sua voz não passava despercebida e se tornou comum Osvaldo ser convidado para substituir a eventual ausência de algum dos locutores da emissora, como Nestor Gollo e Mário Ramos. Daí foi um passo para a contratação efetiva, em 1º de fevereiro de 1948. O funcionário da Companhia Telefônica saía de cena para entrar no ar "O Speaker da Voz de Veludo". Oficialmente, começou como discotecário, programador e locutor.

Nas décadas de 50 e 60, com o advento das radionovelas, seu talento foi rapidamente aproveitado no papel de radioator, interpretando vários personagens, fazendo muito sucesso. Costumava responsabilizar-se pelo papel de galã nas tramas românticas, ao lado

da radioatriz Lucita de Abreu. Coube-lhe também a tarefa de locutor esportivo, em uma época em que as partidas eram narradas por dois locutores, simultaneamente: os dois lados do campo eram divididos entre a dupla e cada um narrava o que se passava "no seu lado", seguindo uma tendência que já era moda nas transmissões esportivas do centro do País.

Sempre em evidência, coube a ele a responsabilidade de comandar o "Clube da Estrelinha", programa de calouros dirigido ao público infantil, transmitido diretamente e ao vivo pela Rádio Caxias, das dependências do Cine Imperial, aos domingos pela manhã. Os patrocinadores da atração eram a loja de calçados para crianças Estrelinha e a fábrica de refrigerantes Marabá, que distribuíam prêmios aos vencedores e faziam sorteios entre os ouvintes. Com isso, a fama de Osvaldo de Assis só crescia.

O que ninguém sabia era que o "Speaker da Voz de Veludo" guardava em silêncio um segredo mortal. Era cardíaco, não tratava a doença e sabia que morreria cedo. Anotava detalhes da batalha que travava solitário contra a doença em um caderno que foi encontrado depois de sua morte, na gaveta de uma escrivaninha na Rádio Caxias. Entre as anotações, constavam frases como: "Eu sei que não tenho cura"; "eu sei que vou morrer depressa"; "vou deixar muitas saudades à pessoa que eu mais queria na vida; ela está comigo e vou deixá-la sozinha"; "foi a única pessoa que me entendeu na vida". Nas duas últimas frases, Osvaldo se referia à sua segunda esposa, Frieda Wormann, uma bela loira proprietária de um salão de beleza, com quem se casara em 1968, após o falecimento de sua primeira esposa, Antonieta Flores da Silva Assis, com quem vivera 23 anos (casaramse em 1945 e ela faleceu em 1968, por complicações decorrentes de diabetes).

A voz de veludo de Osvaldo de Assis se calou definitivamente no meio da manhã de 22 de abril de 1971, com 51 anos de idade. Conforme relatou posteriormente a viúva Frieda aos pesquisadores que escreveram monografia sobre o radialista, ele acordou e se preparava normalmente para, mais tarde, dirigir-se à Rádio Caxias trabalhar. Frieda saiu de casa antes para ir ao seu salão de beleza. Despediu-se do marido, que lhe acenava da janela e, ao retornar às 11h, viu que o casaco dele ainda estava sobre uma cadeira. Imaginou que Osvaldo tivesse esquecido o agasalho ao sair para a rádio. No

entanto, encontrou o corpo do marido caído, sem vida, no banheiro. Soube-se depois que, pouco antes de a esposa chegar em casa, às 10h40min, Osvaldo havia telefonado para a Rádio Caxias e avisado uma funcionária para "aguentar as pontas" que "dali a pouco" ele chegaria. Foram as últimas palavras que alguém ouviu dele. Sua morte calou a cidade e Osvaldo de Assis entrou para a História.

### Quando Dante calou "A Voz do Brasil"

O radialista Dante Andreis tinha como um de seus mantras e bandeiras a defesa intransigente dos times de Caxias do Sul por parte da imprensa local. Juventudista apaixonado, não escondia sua condição de torcedor e, mesmo assim, comentava com equilíbrio, isenção e entusiasmo as partidas e atividades dos dois times locais, inclusive o Caxias, protagonizando o apoio e o incentivo às suas campanhas esportivas. Propunha e sustentava a tese de que moradores de Caxias do Sul tinham de torcer pelos clubes de Caxias do Sul, e que a imprensa local precisava priorizar o noticiário e a cobertura para as equipes daqui, ao invés de oferecerem o primeiro plano aos times da Capital.

Foi esse seu entusiasmo que o levou a protagonizar um episódio que entrou para os anais da Rádio Caxias em 1987, no final do primeiro turno do Campeonato Gaúcho. Segundo o regulamento da competição naquele ano, quatro equipes participavam de um quadrangular no primeiro turno e Grêmio e Caxias, na liderança, ficaram empatados em todos os critérios. Era necessário decidir o campeão do turno e, para isso, a Federação Gaúcha de Futebol (FGF) marcou a realização de um sorteio entre as duas equipes, a ser concretizado em uma quinta-feira, no início da noite, na sede da entidade, em Porto Alegre. Dante Andreis deslocou-se até a Capital para cobrir de perto o fato que tanto interessava aos torcedores da equipe grená caxiense e, de lá, ia fazendo inserções ao vivo dentro da programação da Rádio Caxias, passando boletins sobre como estava a situação.

O problema é que, enquanto nada se resolvia na FGF, o tempo passava, o cair da noite era iminente e, com ele, os ponteiros do relógio se aproximavam das 19h, horário consagrado por lei para



Osvaldo de Assis, a "Voz de Veludo", lendo noticiário no primeiro estúdio da Rádio Caxias, no Recreio Guarany, no fim da década de 1940. Autoria: não identificada. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

que todas as emissoras de rádio do País entrassem em cadeia com a Rádio Nacional de Brasília para a transmissão oficial de "A Voz do Brasil". Ciente do que estava acontecendo, Dante Andreis foi incisivo em avisar os operadores de som da rádio que, assim que saísse o resultado do sorteio em Porto Alegre, ele interromperia a transmissão de "A Voz do Brasil" na emissora caxiense e entraria ao vivo dando a notícia. "Assumo toda a responsabilidade por isso", foi o que disse. Disse e fez: interrompeu o programa federal e informou ao vivo toda a Caxias do Sul que a SER Caxias havia acabado de ganhar o sorteio e sagrava-se campeã do primeiro turno do Gauchão. A festa na cidade suplantou o temor dos dirigentes da emissora, que tiveram de responder mais tarde pela diatribe do comunicador frente ao Ministério das Comunicações.

#### As uvas brasilienses

Alguns episódios marcantes, entre vários outros, que o radialista Evandro Fontana vivenciou em seus dez anos somados de trabalho na Rádio Caxias, são referentes às coberturas intensas que a emissora sempre fez das edições da Festa da Uva, o mais significativo evento que Caxias do Sul produz, com repercussão em todo o território nacional. A 22ª edição da Festa, realizada em 1998, sob a coordenação do empresário caxiense Ricardo Golin e que teve como rainha Patrícia Roth dos Santos, rendeu algumas histórias, que Fontana recorda:

"Eu era coordenador de Jornalismo da Rádio Caxias na Festa da Uva de 1998. A Rádio ainda festejava seus 50 anos, celebrados dois anos antes, quando vieram a Caxias, durante os dias do evento, os pré-candidatos à presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva e Leonel Brizola. Em dado momento, Lula decidiu fazer uma visita aos estúdios da rádio, no estande montado pela emissora nos pavilhões. Algum funcionário, percebendo a oportunidade de mostrar a história da empresa ao candidato à presidência, me passou às mãos um exemplar do livro dos 50 anos da Rádio para entregar a Lula. Quinze dias depois, o livro retornou em um envelope. Estranhamos, abrimos e descobrimos o motivo: o exemplar tinha uma dedicatória ao vicepresidente Marco Maciel, que estivera visitando a Festa da Uva, representando o então presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, que não compareceu. Já havia sido pré-autografado e o



Dante Andreis entrevista Frederico Arnaldo Ballvé, diretor geral das Emissoras Reunidas, no estúdio da Rádio Caxias, durante a década de 1970. Autoria: não identificada. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

funcionário, na pressa, me alcançou o exemplar errado. Mesmo assim, Lula não aceitou e devolveu o presente. Mais tarde, enviamos um novo exemplar ao Lula, com a dedicatória certa. Aí o livro não voltou.

Outro episódio interessante se deu em 1995, quando fui designado a acompanhar, pela Rádio Caxias, a viagem que a Comitiva da Festa fez a Brasília, a fim de entregar pessoalmente ao então presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, o convite para que comparecesse à Festa da Uva de 1996. Eu fui o único repórter de Caxias do Sul a acompanhar essa visita de três dias da comitiva a Brasília. Entre outras pessoas, o grupo era composto por Nestor Perini, presidente da Festa; Patrícia Horn Pezzi (rainha); Marcia Maróstica e Valéria Weiss (princesas) e o prefeito de Caxias do Sul, Mario David Vanin. Quem organizou toda a recepção da comitiva em Brasília foi o então deputado federal (e depois governador do Rio Grande do Sul) Germano Rigotto, que era líder do governo de FH na Câmara dos Deputados.

A comitiva circulava num micro-ônibus cedido pela Câmara dos Deputados, com a qual fomos visitar vários órgãos, levando o convite da Festuva: ministérios, Banco do Brasil, etc. Mas, antes de entregar o convite ao presidente, era preciso montar o cesto de uvas que também seria entregue a ele. Só que essa uva teve de ser comprada ali mesmo, pois não havia maneira de transportá-la de Caxias e ela chegar fresquinha. A van estacionou então em frente a uma banquinha de frutas em Brasília, onde a uva para o cesto foi comprada. Só que o ato foi flagrado por um fotógrafo do jornal Folha de S. Paulo, que estava cobrindo e acompanhando a visita da comitiva. No dia seguinte, a matéria estava lá, na Folha, com foto e tudo: 'Comitiva da Festa da Uva de Caxias do Sul compra uvas em Brasília para entregar ao presidente da República'. Nestor Perini, ao ler a reportagem da Folha, ficou muito indignado. Mas, agora, passados tantos anos, o episódio entrou para o folclore da Festa".

# Ronaldo joga ou não joga?

Em 1998, O repórter Edgar Vaz foi escalado pela Rádio Caxias para cobrir a Copa do Mundo na França, ocasião em que o planeta se assombrou com o caso do jogador Ronaldo, que sofreu um mal súbito antes da partida final contra os donos da casa. Profissional

experiente, Vaz precisou usar toda a sua malícia para driblar os percalços que apareciam pela frente. "Para essa cobertura pela Rádio Caxias, fui sozinho. Fiquei 42 dias na França. Fiz 2,8 mil quilômetros de carro, me deslocando entre as cidades-sede. Já saí do Aeroporto Internacional Charles de Gaulle, em Paris, dirigindo. Fazia boletins diários para a Rádio Caxias e também para a Studio FM, direto das cidades-sede dos jogos da Seleção Brasileira. Antes de viajar, fiz um curso de conversação em francês, em Caxias.

Eu não possuía credencial para entrar nos jogos, pois o custo para os direitos de transmissão, pela Fifa, era muito elevado. Em cada partida, eu precisava dar um jeito de conseguir entrar com um esquema, furando, trocando favores com colegas da imprensa de outras partes do Brasil e assim por diante. Se eu fosse um terrorista, poderia ter explodido todos os estádios da França. Mas fazia coberturas dentro do estádio e entrevistava torcedores brasileiros no entorno. Criava pautas. Mas ao menos eu tinha acesso à cidade-sede em que o Brasil treinava e concentrava. Havia uma grande sala de imprensa e eu estava credenciado a cobrir os dias de treino. Quando um jogador se aproximava da tela de proteção no gramado, fazia-se a entrevista ali mesmo. Zico e Zagallo sempre nos atenderam com muita atenção e educação. Só não entrei no estádio no primeiro jogo da Seleção, pois ainda não sabia como fazer o esquema. Depois, consegui ir a todas as outras partidas da Seleção.

No último jogo – a decisão contra a França –, quando chegamos ao estádio, havia a notícia de que o Ronaldo não iria jogar. Enquanto a Rede Globo estava anunciando para todo o Brasil que ele não iria jogar, eu, com os contatos de bastidores que havia construído, já havia conseguido a informação de que ele iria, sim, entrar em campo. Eu tinha contato com um dos responsáveis pela segurança da Seleção Brasileira, que me informou corretamente que Ronaldo iria jogar. A Rádio Caxias e a Rádio Paiquerê, de Londrina, foram os primeiros veículos do mundo a informar corretamente que Ronaldo entraria em campo; que ele havia sofrido um mal súbito durante a noite anterior, fora levado a uma clínica, mas que estava bem e iria jogar. A escalação oficial divulgada com as seleções já no gramado trazia o nome dele, e a Rádio Caxias já havia antecipado a informação aos seus ouvintes. Depois da derrota, permaneci mais dois dias na França para terminar o serviço e retornei em 5 de julho."

# Quando a rainha cedeu a coroa

A revelação caiu como uma bomba sobre a cidade naquele sábado, 8 de abril de 2000, irradiada para toda a Serra gaúcha pelos microfones da Rádio Caxias. Ninguém esperava, nem mesmo a apresentadora do programa "Almanague", Iara Soares, que comandava a atração sabatina da emissora, destinada a entrevistas sobre assuntos culturais e de variedades. O que era para ser um comentário inocente a respeito da parceria entre irmãs gêmeas transformou-se em escândalo que ganhou as manchetes da imprensa de todo o território nacional, por envolver a rainha da Festa da Uva, uma das mais importantes festividades regionais de todo o País. Em um dos desfiles do Corso Alegórico, tradicionalmente realizados há décadas em uma das principais vias centrais da cidade (Rua Sinimbu) e que atrai multidões a cada edição do evento, a rainha da Festa da Uva de 2000, Fabiana Bressanelli Koch, havia cedido a coroa e os trajes para que sua irmã gêmea, Daniele, pudesse vivenciar, por alguns momentos, a emoção e a experiência de ser a soberana da 23ª edição do evento, que ocorreu de 18 de fevereiro a 5 de março de 2000.

Quem foi ao centro de Caxias do Sul naguele domingo, 20 de fevereiro, com o propósito de assistir ao desfile de carros alegóricos que envolve a comunidade local na representação da saga da imigração italiana no Rio Grande do Sul e demonstrar a pujança desenvolvimentista concretizada na região, esperava ansiosamente a passagem do carro mais visado: aquele que traria o trio composto, naquele ano, pela rainha Fabiana Koch e as princesas Henriette Vaccari e Vanessa Slaviero. Sempre que o carro das soberanas cruza a Rua Sinimbu, a emoção toma conta do público, que abana e recebe delas, em troca, carinho e atenção. Naquele dia, no entanto, quem estava no ponto mais destacado do veículo não era a rainha Fabiana Koch, mas, sim, sua irmã gêmea, Daniele, vivendo seu sonho de realeza por algumas horas, sem que ninguém desconfiasse. Ninguém, exceto as duas irmãs, um primo e a mãe delas, Vera Koch, tinha conhecimento, naquele momento, sobre o que estava acontecendo. A revelação só viria por meio da entrevista levada ao ar pela Rádio Caxias, um mês e meio depois do ocorrido, já encerrada a Festa.

Vera Koch e a filha Daniele haviam sido convidadas a participar do programa "Almanaque" naquela tarde de sábado, 8 de abril de 2000, para conversar sobre moda, pois administravam uma loja de

acessórios de sua propriedade, na cidade. Uma vez que a Festa da Uva havia encerrado há poucas semanas e ainda reverberava na lembranca de toda a comunidade, a apresentadora lara Soares comentou com as convidadas, durante um dos intervalos do programa, fora do ar, a impressionante semelhanca física de Daniele com sua irmã gêmea, Fabiana, a então rainha do evento, e perguntou se elas não colecionavam episódios em que uma havia se passado pela outra, como é comum acontecer entre gêmeos idênticos. "Perguntei à Daniele se ela não tinha vontade de ter desfilado no lugar da irmã durante a Festa, e guem entregou tudo foi a mãe dela, dizendo: 'Conta para ela o que vocês fizeram. Você fez, agora fala!' Foi então que Daniele me confessou que elas haviam efetivado a troca. Quando o programa voltou ao ar, eu não tive dúvidas e logo falei que tinha uma bomba para contar aos ouvintes", recorda a radialista Iara Soares. A resposta de Daniele, confirmada por ela no ar, foi a notícia que depois chacoalharia a Festa da Uva, ecoando por todo o País: "Sim, não só já tive ideia de me passar pela minha irmã como participei do segundo desfile da Festa da Uva." Bomba! A rainha que desfilara em 20 de fevereiro era "falsa"! A veracidade do episódio foi confirmada pela mãe das gêmeas, Vera Regina Koch, na mesma entrevista, ao vivo. "Não demorou cinco minutos para a rádio começar a ser invadida por uma enxurrada de telefonemas de ouvintes de várias localidades da região, as pessoas indignadas por terem vindo assistir ao Corso Alegórico e terem sido enganadas por uma rainha falsa", relembra lara.

Belas, inteligentes e carismáticas, as irmãs Fabiana e Daniele Koch compartilhavam atributos capazes de alçar qualquer uma delas ao posto de Rainha da Festa da Uva, tão sonhado por tantas moças residentes na Serra gaúcha, desde que a Festa se tornou o maior cartão-postal de Caxias do Sul frente ao País e mesmo ao mundo. Para a edição que ocorreria em 2000, ambas fizeram um pacto e Daniele abdicou de concorrer, em favor da irmã, Fabiana, que acabou vencendo o certame, realizado ainda em 1999. Compartilhavam também parceria, cumplicidade e amor fraterno, típicos de irmãs, especialmente quando gêmeas. Assim que Fabiana foi coroada, elas lembraram que haviam pactuado ainda antes do resultado do concurso que, caso Fabiana vencesse, ao longo do reinado, durante os dias da Festa, em algum momento, ela cederia o lugar à irmã, a

fim de que ela pudesse também experimentar a emoção de ser a Rainha da Festa da Uva. E foi o que fizeram por ocasião do segundo desfile do Corso Alegórico daquela edição do evento, em 20 de fevereiro de 2000. Daniele foi ao cabeleireiro no lugar da irmã para receber os retoques destinados à rainha. Vestiu os trajes, colocou a coroa na cabeça e dirigiu-se ao carro da prefeitura de Caxias do Sul, que a aguardava defronte à sua residência, onde as princesas Henriette Vaccari e Vanessa Slaviero já a esperavam, a fim de irem para a concentração que antecedia ao desfile, à tarde.

Conforme relatos posteriores publicados na imprensa local, Daniele entrou no veículo sem falar nada, e a princesa Vanessa Slaviero teria percebido a troca. Porém, resolveu ficar quieta, "para não criar polêmica e prejudicar a Festa". A polêmica veio semanas depois, com a revelação pública feita via Rádio Caxias. E a Festa sentiu-se, sim, prejudicada em sua imagem. Ao menos, foi assim que se posicionou a Comissão Comunitária responsável pela edição daquele ano, nas palavras do então presidente do evento, Ricardo Golin, ao jornal Pioneiro, na edição de 12 de abril de 2000: "Acho uma falta de respeito. A Comissão se doa para trabalhar na Festa, os voluntários mostram empenho sem ganhar nada. Fomos logrados. A Comissão foi ludibriada. E a Comissão não compactua com uma sem-vergonhice dessas. Isso é um fato seríssimo. Eu vou pedir a destituição da Rainha."

Dias mais tarde, frente à repercussão nacional que dividiu a opinião pública entre os que criticavam a atitude das irmãs e os que não viam nisso nada de mais além de uma brincadeira resultante de amor e parceria fraternais, sem prejudicar ninguém, os ânimos serenaram. O afastamento da rainha (até mesmo a destituição de todo o trio chegou a ser cogitada) foi descartado, com a condição de que Fabiana Koch divulgasse um pedido de desculpas à comunidade. A Comissão Comunitária da Festa da Uva divulgou nota oficial repudiando o ocorrido; afirmou não ter tido conhecimento do caso, senão por meio da imprensa, a posteriori; entendeu que "a atitude de Fabiana feriu o imaginário e a história das Festas da Uva, que vem sendo escrita desde 1931" e recomendou o pedido de desculpas. A rainha não caiu, a irmã gêmea desfilou, a Festa da Uva foi notícia em todo o País e segue firme como evento regional de expressão nacional e a Rádio Caxias cumpriu, mais uma vez, seu papel, fazendo história em Caxias do Sul e na região.



Equipe do Departamento de Jornalismo da Rádio Caxias em setembro de 2017. Da esquerda para a direita: Fernando Santos, Rodrigo Rossi, Edgar Vaz, Rafaela Daros, Cleberson Portela, Lisete Oselame, Tomás Seidl, Alex Schneider, Diego Pereira, Elizangela Beto, Cristiano Gauer, Claudia Palhano, Alessandro Valim, Pedro Guterres, Jeferson Scholz, Paulo Cancian e Renato Henrichs. Foto: Liliane Giordano. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

# A polêmica Caxias versus Figueirense

Em 2001, o time da SER Caxias vivia um momento decisivo. Com uma excelente campanha ao longo do ano, conseguira chegar à rodada final do Campeonato Brasileiro da Série B. enfrentando o Figueirense na casa do adversário, em Florianópolis, precisando apenas de uma vitória simples ou de um empate para ingressar na Série A do Brasileirão no ano seguinte, a elite do futebol brasileiro. Quase tudo estava a favor da equipe caxiense, uma vez que, dos três resultados possíveis, dois lhe eram favoráveis. Só não podia perder. Vitória simples ou empate serviam. Aos 16 minutos do segundo tempo, porém, as redes da equipe caxiense foram balançadas pelo primeiro e único gol da partida, a favor do Figueirense. A partir dali, a partida, que já contava com um jogador de cada lado expulso desde a primeira etapa, ganhou contornos de absoluta tensão e aflição. No lado do Figueirense, porque precisava manter o resultado a gualquer custo. No lado grená, porque um gol empataria o jogo e garantiria o tão sonhado acesso à Série A

O grande drama, que transformou o confronto em momento inesquecível, se deu aos 46 minutos da etapa final, quando, em um lance corriqueiro, o juiz levantou o braço para assinalar uma cobrança de lateral, e alguns torcedores do Figueirense, imaginando que o árbitro Alfredo dos Santos Loebeling apitava o final da partida, invadiram o campo para comemorar a vitória. O tumulto instalou-se em campo, uma vez que os jogadores do Figueirense correram para o vestiário, e os do Caxias permaneceram em campo para dar continuidade aos minutos finais dos acréscimos. Caso registrasse na súmula que o campo havia sido invadido pelos torcedores antes do apito do final da partida, o time de Florianópolis perderia os pontos e o Caxias subiria à Série A. Em dando a partida por encerrada, caíam por terra os sonhos caxienses e quem ficava com a vaga seriam os catarinenses. O drama só seria definido fora dos gramados, semanas depois, em um episódio em que a Rádio Caxias teve participação direta no andamento da história, conforme recorda Alessandro Valim. que acompanhou in loco os acontecimentos e foi um dos protagonistas dos fatos.

A partida estava marcada para o dia 22 de dezembro, às vésperas de Natal, em Florianópolis. A Rádio Caxias escalara para a equipe que

acompanharia o jogo na capital catarinense, além de Alessandro Valim, o repórter Jorge Estrada, o técnico Paulo Lorandi, o comentarista Dante Andreis e o narrador Gerson Ben. Alessandro Valim cultiva vívido na memória todo aquele drama:

"Houve a invasão do campo pela torcida do Figueirense, antes de o jogo terminar. O Caxias, perdendo, permaneceria na segunda divisão. Aos 46 minutos do segundo tempo, o juiz ainda não havia apitado o fim da partida e a torcida invadiu o campo. Isso, se fosse colocado na súmula e seguida a regra da Justiça Esportiva, faria o Figueirense perder os pontos daquele jogo e, consequentemente, o Caxias subiria. Eu estava lá no campo, cobrindo aquela confusão toda, à procura do juiz para obter dele alguma declaração. De repente ele surgiu, protegido por um cerco de policiais militares, e consegui obter dele, ao vivo, pelos microfones da Rádio Caxias, as declarações de que ele de fato não havia encerrado a partida, ainda faltavam dois minutos para o final, e que estava esperando a confusão se acalmar para retomar o jogo. E disse mais: se não fosse possível reiniciar. relataria na súmula que a partida fora interrompida devido à invasão de campo pela torcida do Figueirense. Ao final, o jogo não pôde ser retomado, até porque as redes das goleiras haviam sido rasgadas pelos torcedores.

Aquilo ocorreu em final de dezembro. Passaram-se as festas de Natal e Ano-Novo, e o juiz, na súmula, escreveu que havia terminado o jogo e só depois ocorrera a invasão de campo pela torcida, desdizendo o que havia declarado aos microfones da Rádio Caxias. Fomos atrás da gravação da entrevista e comprovamos a contradição dele. Vinte dias depois, o árbitro confessou que havia sido coagido pelo presidente da Comissão Nacional de Arbitragem, Armando Marques, a mentir na súmula, e a gravação da Rádio Caxias o desmentiu, causando um escândalo de repercussão nacional. O desmascaramento da armação arquitetada pela Comissão Nacional de Arbitragem ganhou força quando o caso foi denunciado pelo jornalista Juca Kfouri na 'Folha de S. Paulo'.

A disputa foi parar nos tribunais desportivos, com a S.E.R. Caxias reivindicando a perda dos pontos do Figueirense e pleiteando seu acesso à Série A do Campeonato Brasileiro. Em primeira instância, o Caxias perdeu. Recorreu, ganhou e perdeu de novo. No fim, quem

subiu foi o Figueirense, mas a Rádio foi protagonista naquele fato que se converteu em um escândalo nacional. O árbitro Alfredo dos Santos Loebeling acabou demitido dos quadros da CBF, tudo por causa do trabalho jornalístico da Rádio Caxias."

# Vozes que ficam

#### Milton Rossarola

Autointitulando-se espirituosamente como "o último dos moicanos", por ser ainda o único remanescente vivo do primeiro e histórico grupo de profissionais que integrou a nascedoura Rádio Caxias em 1946, Milton Rossarola recebeu o autor para prestar depoimento sobre sua passagem pela empresa em seu apartamento, no Centro de Caxias do Sul, em 2016. Durante muitos anos, foi o responsável pelo programa da "Ave Maria", que ia ao ar todos os dias às 18h. "Eu era o xodó das senhoras católicas da cidade naquela época", recorda, bemhumorado, acrescentando que, por causa disso, se transformou em um devoto ferrenho de Nossa Senhora de Lourdes. Contando 88 anos por ocasião da entrevista (nasceu em Veranópolis, em 7 de marco de 1928), relembrou com satisfação suas impressões relativas aos primórdios da rádio.

"Comecei com a Rádio Caxias desde sua inauguração, no prédio do Recreio Guarany, e fui até a época da segunda sede, no Edifício Kalil Sehbe. Não cheguei a trabalhar na fase do Edifício Estrela, pois saí antes da mudança. Trabalhei por 18 anos na Rádio Caxias, de 1946 até 1964. Daquele time de pioneiros, sou "o último dos moicanos". Da minha época, todos já se foram. Comecei em junho de 1946, quando a rádio ainda operava em caráter experimental. O primeiro locutor era o Ernani Falcão e, depois dele, vieram Mário Ramos, Athayde Ferreira, Ayrton Grossi, Nestor José Gollo, eu mesmo, Osvaldo de Assis, Guamar Cagliari, Renato Muller, Getúlio Soares e Remy Dullius.

Eu tinha 18 anos em 1946. Havia feito teste na Rádio Caxias, que estava comecando a operar e contratava pessoas interessadas. Eu queria ser locutor, achava bonito atuar em rádio, que vinha como uma novidade para Caxias do Sul. Fui reprovado na primeira vez e não desisti, tentei de novo. O Nestor Rizzo, que administrava a rádio na época, me pegou pela nuca e disse: 'Cara, não me leva a mal, mas tu nunca vais ser locutor, desiste'. Aquilo foi um choque. Mas o Mário Ramos, que então era o programador da Rádio Caxias, viu aquilo, me chamou de lado e me ofereceu, de início, uma vaga de discotecário. Eu aceitei e ficava lá, num primeiro momento, tirando e botando discos para tocar na rádio, definidos pelo Mário Ramos, que era o programador musical. Nessa época, veio para Caxias um expert em radioteatro, chamado J. Batista, com a missão de implantar o radioteatro na emissora. O Joaquim Pedro Lisboa, que era apaixonado por radionovela, foi guem chamou esse J. Batista lá da região da Fronteira. Ele viu meus testes, me chamou a um canto e me disse: 'Tu tens uns arrancos na voz, ela varia muito, é muito gutural, vai do baixo ao alto. Precisa ser modulada. Vou te dar um conselho: pega algo, um jornal ou um livro, e lê em voz alta, no banheiro, onde a voz reverbera. Assim tu vais escutando a ti mesmo e vais corrigindo os defeitos'. Dito e feito. Fiz isso e minha voz melhorou. Voltei a fazer teste e obtive o resultado: comecei como locutor de caixinha, que era como se chamava a locução comercial. Depois, fui locutor noticiarista, radioator, passei por todas as funções.

Era um orgulho trabalhar na Rádio Caxias. Éramos reconhecidos e tínhamos projeção social. Os clubes sociais nos recebiam, éramos bem-vindos em todos os lugares. Lembro quando a Miss Brasil Marta Rocha visitou nossa cidade (a primeira Miss Brasil, eleita em 1954, visitou Caxias do Sul de 21 a 23 de maio de 1955, com 19 anos de idade). Eu estava fazendo a apresentação dela no Clube Juvenil, lotado. Eu era o mestre de cerimônias, e havia locutores das rádios de Porto



Equipe do Departamento de Esportes da Rádio Caxias em setembro de 2017. Da esquerda para a direita: Marcus Vaz, Bruno Mucke, Eduardo Costa, Luizinho da Veiga, Gilberto Junior, Bruno Caldart, Pedro Petrucci e Rafael Baungarten. Foto: Liliane Giordano. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

Alegre, a Gaúcha, a Difusora, a Farroupilha. Como eles não conheciam ninguém na cidade, ficavam grudados em mim, pescando as entrevistas que eu fazia, as pessoas que eu colocava no ar para saudarem a Miss e fazerem comentários. Não gostei daquilo, pois eles estavam iguais a caranguejos, trabalhando nas minhas costas. Mas aí eu comecei a caminhar em círculos ao redor de uma mesa que havia no palco, e eles me seguindo. De repente, mudei a direção, fiz meia-volta e andei ao contrário, fazendo com que eles todos se enredassem nos fios dos microfones. O público percebeu minha manobra e ganhei uma salva de palmas".

#### Cláudio Freitas

O operador de áudio Cláudio Freitas concedeu depoimento para este livro na condição de funcionário mais antigo em atividade na Rádio Caxias, no ano de 2016, quando do aniversário de 70 anos da emissora. Ingressou na empresa em 1988 e acumulava 29 anos de trabalho contínuo junto às mesas de áudio, tendo começado na Rádio Independência, uma das primeiras emissoras compradas pelo STC.

"Eu sempre gostei muito de escutar rádio, tinha fascínio por esse meio. Na época em que estava servindo no Exército, aqui em Caxias do Sul, conheci o sargento Nivaldo Vargas, que tinha um programa na Rádio Independência. Certo dia, ele me convidou para ir até os estúdios da emissora, para conhecer, e eu gostei muito de ver tudo aquilo. Pouco depois, em 1987, fiquei sabendo que estavam precisando de operador de mesa de áudio na Independência. Fui até lá, me ofereci e acabei ficando com a vaga. Com a compra das emissoras pelo STC, houve algumas demissões na Rádio Caxias e eu acabei assumindo uma vaga na empresa.

Acompanhei aquele processo de mudanças importantes introduzidas na Rádio Caxias, que rapidamente passou da condição de uma emissora musical para uma emissora noticiosa, de radiojornalismo. A Caxias começou a ser conhecida como "A Poderosa" entre as emissoras locais a partir de então, devido à qualidade de seus equipamentos e de suas equipes profissionais. O acervo musical composto por centenas de discos de vinil foi transferido da Independência para a Caxias, o que a transformou em poderosa também musicalmente. Hoje em dia, com os computadores e a

internet, esses acervos físicos de música ficaram obsoletos, mas, na época, eram muito valiosos.

Mas a tecnologia mudou também a relação dos ouvintes com as emissoras de rádio. Hoje em dia, as pessoas não precisam mais das rádios para escutar as músicas que desejam, pois a internet proporciona isso. No entanto, elas continuam precisando das rádios para obter informações e notícias. Por isso, a opção, adotada desde 1988, de focar cada vez mais na notícia, feita pela Rádio Caxias, se revela acertada todos os dias".

#### lara Soares

Residindo atualmente em Londrina, no Paraná, a comunicadora lara Soares deixou uma marca profunda no quadro dos profissionais de rádio que deram voz às emissoras locais frente à comunidade caxiense e regional ao longo de décadas. Natural de Caxias do Sul, lara demonstrava vocação para a comunicação e desenvoltura social desde muito jovem, características que a conduziram, naturalmente, a atuar nos meios de comunicação locais entre as décadas de 1970 e 2000. Por ocasião do aniversário de 70 anos da Rádio Caxias, manifestou suas homenagens nas redes sociais e faz questão de sublinhar o fato de ter sido muito feliz atuando nesse meio na cidade.

"No ano de 1970, iniciei minha carreira no rádio e na televisão em Caxias do Sul. Cheguei a isso porque eu trabalhava como gerente das Lojas Fedrizzi e, certa feita, precisavam de alguém para fazer um comercial da loja na TV Caxias. Como eu era comunicativa, me convidaram. No início, relutei, porque não tinha experiência na área e, naquela época, não havia VT nem teleprompter; o comercial tinha que ser feito ao vivo, no ar, em plena programação. Mas acabei aceitando, me saí bem e a TV acabou me contratando. Junto a isso, veio convite para trabalhar na Rádio São Francisco. Eu era recémcasada, tinha 24 anos, mas aceitei.

Estreei na rádio fazendo um programa noturno, das 22h à meianoite, chamado 'A Garota da Noite', de variedades e música, que acabou sendo o campeão de cartas de ouvintes da Rádio São Francisco. Trabalhava simultaneamente na TV Caxias, fazendo locução de cabine, que eram comerciais lidos um a um e depois catalogados numa famosa caixinha. Depois, tive passagens pelas Rádios Princesa, Independência e outras. Na época, falava-se que, na Rádio Caxias, só duas mulheres haviam trabalhado até então: Margot Sauer e Carmem Tomasi. Logo fui ampliar essa conta. Em 1988, a Rádio Caxias foi vendida e passou a integrar o Sistema Trídio de Comunicação. Pouco depois, em 1989, após alguns anos longe do rádio, recebi um convite, através de José Domingos Susin, para apresentar o Jornal da Manhã' na Rádio Caxias, com o radialista Antônio Braga. Com o passar do tempo, passei a apresentar o Jornal do Meio-Dia'.

Nessa casa fiz de tudo um pouco, apresentei radiojornais, gravei comerciais e tive a honra de ser a locutora da 'Rádio People FM', que fez história. Nela trabalhavam cinco mulheres, só o programador era homem. Na Rádio Caxias, sempre fui muito feliz, especialmente por ter trabalhado com pessoas de todos os matizes, mas que fizeram minha vida muito mais rica. Além do episódio da revelação no ar da troca que as irmãs gêmeas fizeram na Festa da Uva de 2000 (narrada em detalhes na seção "Gentes e Fatos", neste livro), recordo outro acontecimento marcante quando, certo dia, fui chamada para substituir Lisete Oselame na apresentação do programa "Persona Singular", de entrevistas, e chamei duas garotas de programa para falarem ao vivo na rádio. Aquilo gerou uma participação enorme dos ouvintes e causou alta repercussão, pela ousadia. Vivi ótimos momentos profissionais na Rádio Caxias."

#### Paulo Cancian

O jornalista Paulo Cancian é uma das personalidades exponenciais do jornalismo em Caxias do Sul nas últimas décadas, tendo concretizado passagens marcantes por diversos veículos da imprensa escrita, falada e televisionada. Começou sua carreira na passagem dos 17 aos 18 anos de idade justamente na Rádio Caxias, quando, muito tímido, mas acalentando o sonho de ser locutor, municiou-se de coragem e abordou o diretor-geral da emissora na época, Gildo Flores, pedindo emprego. Foi acolhido na empresa em 31 de dezembro de 1968 e, desde então, afirma possuir "uma relação passional com a Rádio Caxias". Em sua carreira, fez quatro passagens pela emissora, começando como radioescuta e chegando a comentarista. Em sua avaliação, desde a inauguração e até os dias

de hoje, ao longo desses mais de 70 anos, a Rádio Caxias tem sido uma escola geradora de profissionais e de formadores de opinião na cidade, com respeito e credibilidade. Para este livro, concedeu entrevista ao autor. Trechos de seu depoimento são os que seguem:

"O veículo rádio fez parte de minha vida desde a infância. Ouvia muito, ficava o tempo todo sintonizado. Em 1961, marcou-me o trabalho das rádios conclamadas por Leonel Brizola para a 'Cadeia da Legalidade', que eu ficava ouvindo em casa. Isso de comunicar as pessoas sobre o que acontecia, foi o que mais me fascinou. Mas minha voz não era adequada em timbre para o que se exigia na época, locutor tinha de possuir uma voz mais grave e empostada. Fui fazer teste na Rádio Caxias, mas me disseram que, para locutor, não dava. Minha voz não tinha o tom que se enquadrava aos padrões de locutor daquela época. Porém, havia vaga para redator de notícias. Fui falar com o Gildo Flores e comecei já no dia seguinte. Quem me abriu os olhos para o que era o compromisso de escrever em rádio e em veículo de comunicação foi o radialista Jules Borghetti.

Aprendi, então, a fazer de tudo em rádio, começando pela radioescuta, que consistia em sintonizar os noticiários de outras emissoras para formar os boletins de notícias. Em poucos dias, o Borghetti me apresentou para todas as fontes que ele mantinha, me ensinou a ouvir todas as partes envolvidas em uma história, a não 'abraçar' uma só versão dos fatos. Ele me passou a ética jornalística e os fundamentos da profissão. Ingressei no universo do rádio como redator, fui repórter de campo, setorista, discotecário. Aprendi até a fazer técnica de som. A Rádio Caxias foi uma 'porta de entrada' extraordinária para meu ingresso no meio da comunicação.

É importante ressaltar que, em sua história como empresa de comunicação e de integração sociocultural do município, a Rádio Caxias sempre abrigou em seus quadros os principais pensadores da cidade, especialmente como comunicadores, apresentadores de programas e comentaristas. Entre eles, é fundamental citar Mario Gardelin, Heráclito Oliveira (o 'Laranjeira'), Jimmy Rodrigues, Clóvis Pinheiro. Os valores musicais e culturais da região também sempre encontraram eco na rádio.

O episódio que mais me marcou foi bem no início de minha primeira passagem pela rádio, em 1969, quando recebi a incumbência



Equipes do Departamento Comercial e do Departamento Administrativo da Rádio Caxias em setembro de 2017. Da esquerda para a direita: Guilherme Dambros Triches, Jane da Silva, Jacó Medeiros, Sandra Sachetti, Vinicius Bellaver, Fabrício Guimarães, Maiara Ferraz, Maicon Gris, Sandra Medeiros, José Rech, Sandro Giani, José Paulo de Oliveira e Marcos Guerras. Foto: Liliane Giordano. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

de entrevistar Mário Andreazza, então Ministro dos Transportes, que estava em visita a Caxias do Sul, sua terra-natal. Avisaram que ele almoçaria na casa do empresário Lívio Gazola, que morava bem no centro, a poucas quadras da emissora. Deram-me um gravador, um aparelho enorme, em aço escovado, 'zero quilômetro', ninguém ainda havia usado. Era a mais alta tecnologia em gravadores na época. Eu ainda era um gurizote, tímido e inexperiente, e não sabia mexer com aquilo. Deram-me uma aula rápida, ensinando como apertar os botões para gravar, e eu me fui, com as recomendações de que seria a entrevista mais importante que eu já havia feito até então; afinal, tratava-se de um ministro do governo federal, natural de Caxias do Sul.

Lá fui eu, tremendo. Quando chequei na casa, por volta de 11h10min, o ministro e o anfitrião estavam tomando um aperitivo e conversando na sala. Eu precisava gravar uma saudação dele para colocar já no jornal do meio-dia, que ja ao ar dali a pouco. Sentei, pedi licença, tímido, mas o ministro, experiente, tratou de me deixar à vontade: 'Pode ligar o gravador que eu falo'. Liquei e ele falou por longos 12 minutos. Falou sobre o Brasil, sobre as obras do governo militar, sobre os projetos que estavam em andamento, sobre a Transamazônica e assim por diante. Voltei correndo para a rádio, a uma quadra e meia dali. Levei o gravador para o rapaz da técnica e, daí, a surpresa: não havia absolutamente nada gravado. Não dei o comando certo no aparelho e já eram 15 minutos para o meio-dia. Voltei correndo à casa do seu Gazola, abordei de novo o ministro, pedindo desculpas e explicando o ocorrido: 'Sou iniciante, não gravou nada'. Sem se abalar, ele me ajudou a conectar os cabos e me concedeu nova entrevista, agora mais curta, de cinco minutos. Testamos tudo lá na hora para nos certificarmos de que, dessa vez, estava gravado. Voltei para a rádio e consegui colocar no ar. O ministro me salvou."

#### Luiz Bolsoni

Locutor e jornalista, acumula em sua trajetória profissional passagens por diversas rádios em Caxias do Sul e na região. Foi correspondente do jornal *Zero Hora* e do *Jornal do Comércio*, trabalhou em agência de publicidade e em assessorias de imprensa.

Bolsoni é uma voz que ficou conhecida pelos ouvintes da Rádio Caxias, conferindo identidade ao "Jornal Formolo", que apresentou durante muitos anos. Natural de Vacaria e hoje aposentado, estava com 60 anos de idade em 2016 (nasceu em 1956), quando deu entrevista para este livro.

"Comecei na locução em rádio ainda em Vacaria, na Rádio Esmeralda, em 1973, aos 17 anos de idade. Meu pai era alfaiate e um de seus clientes era o gerente da emissora. Gostava de escutar rádio desde menino e sonhava em trabalhar nessa área, pois achava que tinha uma boa voz. Um dia, o pai comentou com o gerente da rádio que o filho tinha atração pelo veículo de comunicação e ele então me convidou para passar lá e fazer um teste. Apareci lá sem muita expectativa. Fiz o teste, fui aprovado e comecei a trabalhar na mesma hora. Levaram-me para uma salinha ao lado do locutor que estava no ar e fiquei lá lendo os comerciais, ao vivo. Esse foi o meu teste, no ar. Aí o convite foi oficializado e comecei a trabalhar como locutor. Fiquei lá por seis meses.

Em Caxias do Sul havia a Rádio Independência, que depois a Rádio Caxias comprou e se transformou na Rádio 1010 (hoie, Rádio Tua Voz). Havia um técnico da Independência que viajava muito a Vacaria e lá ele me disse que estavam precisando de um locutor de notícias. Imediatamente, pedi demissão da Rádio Esmeralda, após seis meses, e fui direto a Caxias, me apresentar para a tal vaga. Naquele momento, estava no ar o Eloir Costa. Mas o diretor da rádio me disse que a vaga já havia sido preenchida. Aí ficou naquela coisa: 'Deixa o nome que nós te chamamos'. Aquilo foi um baque, pois eu tinha me demitido da Rádio Esmeralda e agora estava com 'uma mão na frente e a outra atrás'. Falei sobre isso com o Eloir, fora do ar, e ele me disse que a Rádio Caxias, que ficava a duas quadras dali, da Independência, estava precisando de locutor, e me levou até lá. Ali ele me apresentou ao Gildo Flores, então gerente da emissora, antes de ela ser vendida para o Grupo Triches. Ele me levou até a gravadora da rádio para gravar uns comerciais, a título de teste. Fui lá, gravei e ele gostou. Então ele me colocou direto no ar para ficar lendo os comerciais no programa da tarde. Figuei lá a tarde toda e, depois, ele me contratou."

Bolsoni trabalhou um ano na Rádio Caxias, apresentando o "Jornal do Meio-Dia", na época, patrocinado pela Madezatti, com o

comunicador Reni Sefeld. Permaneceu até 1974 e, depois, fez um retorno rápido à Rádio Caxias, de mais um ano. Voltou definitivamente em 2004, com a função específica de apresentar o "Jornal Formolo", ao meio-dia, onde permaneceu até 2015. Além disso, apresentava o "Notícias em Cima da Hora", bloco noticioso lido a cada hora dentro da programação geral da rádio. Nesse período, acompanhou a nova fase da emissora, uma época de profundas adequações, decorrentes de medidas como a transmissão simultânea em AM e FM, já na "Era Triches", quando a Rádio Caxias passou a integrar o Sistema Trídio de Comunicação.

"Passei por todas as adequações, todas elas necessárias para a época, devido às concorrências da televisão e da internet. Isso obrigou a Rádio Caxias a se reciclar, adotando uma linguagem nova, voltada a um público mais jovem. Em função disso, hoje a emissora desfruta de uma audiência fiel e ampla. Já o "Jornal Formolo" é o mais antigo radiojornal de todo o Rio Grande do Sul. Seu maior desafio hoje é o de não perder o público antigo e, ao mesmo tempo, conquistar o mais jovem. As notas de falecimento, que já são tradição de décadas, nunca podem faltar. A Caxias é a única rádio que, no horário do meio-dia, concorre em audiência com a televisão.

Aos poucos, a rádio foi mudando o perfil de locução e de apresentação. Nos dias de hoje, basta o profissional possuir dicção boa e natural; não é mais necessário ter a voz poderosa e empostada de antigamente. É preciso se adaptar a essas mudanças, senão, ficase fora do mercado. Eu tive de me reinventar como locutor nessa minha volta de dez anos à Rádio Caxias, para não ficar ultrapassado, e precisei me readaptar aos novos tempos da locução.

Antigamente, fazia-se radioescuta nas rádios nacionais, em ondas curtas, para gravar as notícias, copiá-las e, duas horas depois, transmitilas para o público local. Hoje, isso não é mais necessário, com o advento da internet e da profusão de notícias pelas plataformas digitais. As coisas mudaram muito nesses últimos anos, desde a época em que comecei a trabalhar no meio. Em tempos passados, a Rádio Caxias se distinguia também por ser a única emissora do interior do estado que possuía uma gravadora. Gravavam-se ali os comerciais para as rádios do interior, em disquinhos de vinil (fora isso, o serviço só era oferecido em Porto Alegre ou em São Paulo), e eu colocava a voz nesses comerciais. Ganhei muito cachê com esse trabalho."

# Edgar Vaz

Edgar Vaz é natural de Cachoeira do Sul, adotivo de Santa Maria e caxiense por opção. Nasceu em 20 de junho de 1961 e seu nome já é sinônimo de radiojornalismo não só na Serra gaúcha como também nas várias cidades do interior do estado pelas quais passou e deixou sua marca. Vivenciou momentos históricos na Rádio Caxias, como em 1988, quando da aquisição da emissora pelo Grupo Triches. Em seu depoimento a este livro, elenca alguns episódios em sua trajetória de radialista:

"Meu vínculo com o veículo rádio comeca no segundo semestre de 1977, quando passei a trabalhar como operador de som da Rádio Imembuí, em Santa Maria. A carteira trabalhista foi assinada em 1º de maio de 1978 como radialista. Em 1979, eu já fazia a produção de um programa de Clóvis Monteiro, que hoje é um ícone da rádio carioca. Em 1981, passei a repórter. Já possuía experiência em locução e virei setorista do Inter de Santa Maria, cobrindo o cotidiano do time. Acompanhava também o cenário do futebol de salão, que era muito forte na época, na cidade. Trabalhei na Rádio Imembuí até 1986. quando fui para a RBS TV e Zero Hora, como correspondente da Central do Interior em Santa Maria, até meados de 1987, quando saí para fazer free na Rádio Osório. Voltei a Santa Maria e fui convidado a trabalhar de novo na Rádio Imembuí, em fevereiro de 1988. Em agosto do mesmo ano, me mudei para Caxias do Sul, pois eu já vinha negociando minha vinda por indicação de um colega que havia trabalhado na RBS TV agui. Foi então que comecei na Rádio Jornal, do STC.

Logo depois, o empresário Paulo Triches adquiriu a Rádio Caxias e toda a programação da Rádio Jornal foi transferida para a Caxias. Pela manhã eu fazia a unidade móvel e, à tarde, cobria Caxias e Juventude. Durante um período, fiquei de interino na coordenação do Departamento de Esportes, para logo ser efetivado no cargo, até 1991, quando saí e fui para a Rádio São Francisco. Fiquei lá oito meses e saí. Voltei a Santa Maria, decepcionado com o setor rádio. Fui trabalhar como corretor de imóveis de 1992 a 1994.

Em 1989, eu estava em Brasília para cobrir a primeira eleição direta para presidente da República, depois do fim da ditadura militar. No primeiro turno, viajei pela Rádio Caxias somente eu. Um espaço enorme só para a imprensa de todo o País e internacional fora montado no Centro de Convenções de Brasília, onde eram centralizadas todas as informações com os representantes de partidos, juízes eleitorais, candidatos, deputados, senadores, presidente do Tribunal Superior Eleitoral, etc. Depois, para cobrir o segundo turno entre Collor e Lula, viajou também o Luiz Carlos Corrêa, como comentarista.

Em 1996, voltei a Caxias do Sul para trabalhar nas Rádios 1010 e Caxias, trazido pelo Jaime Walker. Fiquei até 1998 e tive a oportunidade de fazer as coberturas da Copa América de 1997, na Bolívia, e da Copa do Mundo da França, em 1998, acompanhando a Seleção Brasileira. Na Copa América fomos eu, o Alberto Meneguzzi, o Gerson Ben e o Dante Andreis. Ficamos 23 dias lá, fazendo entradas ao vivo na programação diária da rádio, acompanhando a campanha do Brasil até o título. Fazíamos alguns programas direto de lá, como o "Esportes na Onda".

Depois disso, me desliguei da Rádio Caxias em 1998 e fui trabalhar na UCS TV e também como correspondente da Rádio Guaíba em Caxias. Permaneci na UCS TV até 2004 e, na Guaíba, até 2008, quando fui trabalhar na assessoria de imprensa do Esporte Clube Juventude. Permaneci lá até 2012 e, em 2013, fui trabalhar na Rádio 1010 AM (coirmã da Caxias) e também na Caxias, de volta à casa."

#### Gerson Luis Ben

O radialista Gerson Luis Ben construiu uma trajetória marcante como locutor esportivo na Rádio Caxias. Teve uma primeira passagem pela emissora em 1987. Retornou à emissora em 1995, já na era do Sistema Trídio de Comunicação (STC), permanecendo até 2003, quando também se dedicou ao jornalismo geral. Porém, sua trajetória marcante deu-se na área esportiva. "As pessoas vão se lembrar de mim como narrador de jogos de futebol", resume. Entre os momentos que afirma terem marcado sua carreira à frente dos microfones da Caxias, Gerson Ben destaca a efervescente cobertura política em 1996, na campanha eleitoral a prefeito de Caxias do Sul, com disputa acirrada entre Gilberto Pepe Vargas e Germano Rigotto. Também ressalta a relevância do programa de entrevistas "Ponto Crítico", que comandou, trazendo presenças significativas da intelectualidade local como o historiador Mario Gardelin e outros.



Equipe do Departamento Técnico da Rádio Caxias em setembro de 2017. Da esquerda para a direita: Jeane Bratz, Johnatan Rabelo, Cláudio Freitas, Alan Cassol, Rodrigo de Oliveira, Gelson de Oliveira, Darlan Vilarino, Samuel Meloto e Anderson Alves. Foto: Liliane Giordano. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

Ben sente-se totalmente identificado com a Rádio Caxias. Elenca e recorda de seu empenho em tarefas importantes na emissora durante suas passagens por seus quadros funcionais, como as transmissões dos concursos de escolha das rainhas da Festa da Uva, bem como as difíceis transmissões dos corsos alegóricos. "Tudo isso dá identidade e voz a essa comunidade", afirma, ao externar sua visão sobre a relevância da emissora para a região:

"A Rádio Caxias foi e é muito importante na preservação da identidade de Caxias do Sul. Ela tem um papel fundamental nesse processo. Esse é um dos grandes méritos da Rádio Caxias, afinal, é uma empresa genuinamente caxiense. Sem dúvida, a emissora é elemento decisivo para o sucesso dos clubes de futebol da cidade e também para a manutenção desses clubes. A Rádio Caxias jamais se vergou ao apelo fácil da crítica pela crítica; sempre se posicionou ao lado dos clubes, incentivando-os de todas as maneiras, tendo sido fundamental no processo de valorização dos times locais. Inclusive, posicionou-se sempre a favor da profissionalização dos clubes e pela busca séria dos títulos que conseguiram conquistar. Quando o Juventude conquistou o Campeonato Gaúcho, em 1998, a Rádio Caxias esteve sempre junto, apoiando a frase dos dirigentes da época, de que 'Ao Juventude, é proibido comemorar vice-campeonato', pois o foco eram os títulos, que acabaram se concretizando."

Quando do aniversário de 70 anos da Rádio Caxias, em 2016, Gerson Ben postou uma mensagem no *Facebook*, que autorizou reproduzir:

"Setentona: Hoje a Rádio Caxias faz 70 anos. Direi em uma frase qual a importância que ela tem em minha vida: Muitas das coisas que contarei aos meus netos serão de minha vida na Rádio Caxias!

Parabéns a todas as pessoas que aí estão. Não será possível dizer os nomes. Listar sempre deixa de fora alguém. No fundo, amo a todas (as pessoas), portanto vocês, inclusos, Alessandro Valim, Jorge Estrada, Edgar Vaz, Marcus Vaz.

Beijos e Vivas!"

#### Evandro Fontana

Jornalista nascido em São Marcos, em 1969, Evandro Fontana passou por diversas funções na Rádio Caxias, em várias de suas passagens pela empresa, chegando a diretor de Programação. Ocupava o cargo de diretor-geral da emissora concorrente da Caxias, a Rádio São Francisco, quando recebeu o autor deste livro, no final de 2016, para conceder um depoimento pungente sobre a primeira emissora que lhe deu a oportunidade de realizar seu sonho de menino, o de se transformar em um profissional de rádio, e com uma das mais respeitadas trajetórias na Serra gaúcha.

"Desde a época em que era criança, eu já cultivava uma propensão a fazer discurso, a ler em voz alta. Eu fantasiava imitar jogador de futebol, narrava as partidas com os amigos e colegas, coisas de fantasias de adolescente. Eu imaginava locuções de rádio. Meus pais eram agricultores no interior e, até os dez anos de idade, morei na colônia. Mas desde aquela época já nutria um enorme fascínio pelo rádio. A gente ouvia muito os noticiários da Rádio Caxias e também da Rádio Diplomata, de São Marcos, além da Rádio Fátima, de Vacaria. Na nossa casa, havia um aparelho de rádio que ficava no alto de uma prateleira e eu, aos 10 anos de idade, subia na cadeira para ligar o rádio e escutar os programas de que mais gostava.

Ainda adolescente, a primeira vez que vim a Caxias do Sul foi para assistir a uma partida de futebol no Estádio Centenário, do time do Caxias. Ali, o que mais me chamou a atenção foi a movimentação e o trabalho dos repórteres no campo, muito mais do que o jogo em si. Observava mais os repórteres nas cabines da imprensa do que a partida no campo. Aquilo me fascinava desde pequeno. Na escola, gostava de narrar os jogos de futebol da turma. O pessoal ia me incentivando, dizendo que eu levava jeito. Quando comecei uma atividade profissional, ainda cursando o Ensino Médio, não tinha nada a ver com rádio. Foi em uma empresa que produzia pipas de vinho e artesanato. Mas sempre permanecia, no íntimo, aquela vontade de atuar na área da comunicação. Mais tarde, quando ingressei para trabalhar em um banco, já estava cursando Relações Públicas na Universidade de Caxias do Sul, pois não havia ainda Jornalismo e era o mais próximo que eu podia fazer relacionado à área. Mas o que eu gostava mesmo era de rádio. Certo dia, no curso de Comunicação, o professor de Português, Normelio Zanotto, pediu para alguém ler um texto em voz alta e eu me ofereci. Quando terminei, ele disse: 'rapaz, você leva jeito para isso, nunca pensou em trabalhar em rádio?' Aquilo, para mim, foi como se alguém desse o incentivo final para que eu seguisse mesmo esse caminho. Faltava alguém do meio me dizer isso.

Paralelamente, fiz meu primeiro teste na então Rádio Studio 93 e, em 1989, surgiu um estágio na Rádio Caxias, onde então vivenciei a minha primeira experiência profissional na área. Nunca esqueço o repórter Edgar Vaz, que fez a primeira entrevista comigo e me contratou como estagiário no Departamento de Esportes. Durante a primeira semana, fiquei conhecendo tudo, desde a radioescuta, passando pela produção, telefonando para convidar entrevistados, e fui gravando algumas coisas. Um mês e meio depois, ele me colocou no ar pela primeira vez. Eu tinha 19 anos. Foi no programa "Atualidades Esportivas", apresentado pouco antes do meio-dia. Deu certo e eu fiquei. Aí, depois, as coisas foram acontecendo ao natural.

Trabalhei em três períodos na Rádio Caxias. O primeiro deles, de 1989 a 1992. Eu era apresentador esportivo, produzia e apresentava programas de esportes, fazia o plantão esportivo. Sentia-me realizado nisso, eu adorava. Para conseguir os resultados paralelos aos jogos que a rádio estava transmitindo, tinha de fazer radioescuta e acompanhar várias outras emissoras. Hoje, isso é fácil, por meio da internet, vários sites atualizam as tabelas. Aquilo foi uma escola para mim. Trabalhava com pessoas muito experientes, como Dante Andreis, Adelar Neves, Edgar Vaz, José Domingos Susin, Athayde Ferreira. Isso até 1992, quando então saí para trabalhar na RBS TV, onde fiquei por três anos, cobrindo a área esportiva.

Em 1995 retornei para a Rádio Caxias, no Departamento de Jornalismo. Na sequência, assumi a coordenação do setor, sob a direção de Jaime Walker. Foi um período muito bom, em que permaneci até 1998. Lembro que enviamos uma equipe para cobrir a Copa do Mundo da França. Foi quando comecei a me envolver com outras áreas da emissora e a conhecer melhor o funcionamento dos diversos departamentos e setores. Na Festa da Uva de 1996 viajei com a comitiva que foi a Brasília convidar o presidente Fernando Henrique Cardoso a comparecer à abertura do evento. Isso foi me acrescentando muito conhecimento, em termos profissionais. Nesse meio tempo, surgiu o curso de Jornalismo na UCS e ingressei nele, para obter a formação que eu sempre almejara. Comecei na UCS e

terminei o curso na Unisinos, porque aqui as aulas aconteciam pela manhã. Na época, eu apresentava um programa na Rádio Caxias, bem cedo, e sempre chegava nas aulas na hora do intervalo. Então, tive de concluir o curso em São Leopoldo, onde as aulas eram ministradas à noite. Formei-me em 2002.

Meu segundo período na Rádio Caxias se deu entre 1995 e 1998. Depois disso, saí para trabalhar na UCS TV e na Rádio São Francisco, por um curto espaço de tempo. Em 1999, o Paulo Triches me telefonou convidando para assumir a direcão-geral da Rádio Caxias. Ele foi uma pessoa que me estimulou para entrar em uma área mais administrativa. que eu não dominava, mas tive apoio do Paulo e da minha família nesse desafio. Permaneci de 1999 a 2003 na direcão da emissora. vivenciando um grande aprendizado. Eu, com 29 anos de idade, já era diretor da Rádio. O maior ganho de uma experiência como essa é que se aprende a ouvir os mais experientes, a ter humildade. O ideal em uma empresa é conseguir obter um equilíbrio entre quem tem experiência com a iovialidade, a rapidez e a agilidade dos que estão chegando. Trouxemos pessoas que deram muita contribuição para a Rádio em vários setores. A emissora protagonizou um salto significativo de qualidade na área de esportes nesse período, com o trabalho de pessoas como Gerson Ben na narração, Alberto Meneguzzi, Alessandro Valim e vários outros.

Aquele era o período em que o STC possuía quatro emissoras e a família Triches decidiu empreender outros direcionamentos. Houve mudança de programação e a venda da 102.7 para a RBS. Obtive um aprendizado gigantesco no sentido de administrar situações de conflito, divergências e crises econômicas. Foi um período de construções e de dificuldades. Isso foi assim até 2003, quando novamente saí e fui para a Rádio São Francisco, até 2004. Assumi então a assessoria de imprensa da UCS e, mais tarde, em 2005, fui convidado para voltar e assumir a gerência da Rádio São Francisco, onde estou até hoje (2016).

No total, entre idas e vindas, somei 10 anos de atuação na Rádio Caxias. Presenciei a emissora fazer o processo de transição para a internet, com o uso do sistema digital. Logo que surgiu a internet, pouco depois, a Rádio Caxias já tinha um site, mantendo sua posição de empresa pioneira e sempre sintonizada com as novas tecnologias. É preciso salientar que a Rádio Caxias, durante seus 20 anos iniciais,

era a única emissora de Caxias e da região e uma das poucas do interior do estado. Isso foi importante para criar um vínculo com uma audiência fiel e cativa. A rádio teve o mérito de manter a continuidade de uma linha voltada ao jornalismo, às questões comunitárias, à prestação de servicos, ao noticiário, etc. Ao longo de seus 70 anos, o noticiário do meio-dia foi mudando de patrocinador, mas virou uma tradição, uma marca na cidade. Outro ponto fundamental foi que, em determinada época, a rádio promovia o cenário esportivo e cultural da cidade, com shows de auditório, radionovelas, e criou programas que viraram marca, como "O Cancioneiro das Coxilhas". A Rádio virou legitimamente a representante da alma caxiense. Talvez por ter sido fundada por Joaquim Pedro Lisboa, um dos idealizadores da Festa da Uva, contribuiu para a consolidação da emissora o fato de ela possuir essa ligação íntima com a essência da cidade. A rádio Caxias é o espelho da cidade, é patrimônio cultural de toda a região da Serra gaúcha. A empresa possui um acervo magnífico de áudio que contempla diversos aspectos e momentos da história da cidade. Tenho muito orgulho de ter trabalhado nela. É uma escola na comunicação e no rádio. Orgulho de ter sido diretor dela, de ter chegado a esse ápice em uma empresa tão importante na cidade."

#### Renato Henrichs

O jornalista Renato Henrichs deixa sua marca profissional nos meios de comunicação da cidade desde a década de 70. Natural de General Câmara, estudou em Porto Alegre e mudou-se para Caxias do Sul, com o então Segundo Grau completo, quando deparou-se com a propalada "cultura do trabalho". Sempre se interessou mais pelo jornalismo impresso, desde que participava de jornaizinhos na escola, no Primeiro e Segundo Graus (precursores dos Ensino Fundamental e Médio). "Sou fruto de uma imprensa ao estilo Pasquim, que foi um divisor de águas na imprensa nacional", analisa, em depoimento concedido para a confecção deste livro.

Em janeiro de 1973, ocorre a primeira edição do Festival de Cinema de Gramado, e o jovem Henrichs decide ir até a cidade da Região das Hortênsias conferir in loco o evento, afinal, era aficionado pela sétima arte, em uma cidade que, na época, contava com cinco cinemas de calçada. "Aquilo em Gramado me seduziu, um ambiente

cultural de contestação e de badalação", recorda. Antes de viajar a Gramado, conversou com Nestor Gollo, com quem deixou um cartão. Na volta, fez na TV Caxias um relato do que vivenciara na primeira edição do Festival, que premiou como melhor filme a obra "Toda nudez será castigada", dirigida por Arnaldo Jabor.

"Fiz um textinho para a TV Caxias, gostaram e, a partir daquilo, me ofereceram um comentário semanal. A apresentadora Carmem Tomasi lia no ar o que eu escrevia. Era junho de 1973, eu entregava textos ao Paulo Cancian, chefe de Jornalismo da Rádio Caxias, que posteriormente me avisou que o 'Correio Riograndense' estava precisando de gente. Apareci lá e fui contratado como revisor. Anos mais tarde, fiz o curso de Letras e consegui obter o registro de jornalista provisionado.

No início da década de 90, fui convidado para produzir a coluna política 'Mirante', no jornal Pioneiro. Anos depois, em 1998, o jornalista Alfeu de Oliveira trabalhava na Rádio Caxias e me sugeriu passar a fazer também rádio. O gerente da Caxias, Jaime Walker, me oficializou o convite para eu passar a fazer comentários na emissora. Eu disse que não tinha experiência em rádio, e ele rebateu dizendo que eu tinha informação, e era isso o que interessava. Então ingressei na Rádio Caxias, como comentarista. Saí do Pioneiro em 2003, mas permaneci na Rádio Caxias.

Ao passar a atuar no veículo rádio, levei um choque em termos de repercussão no público. No jornal, a repercussão do trabalho do jornalista é mais difícil de ser detectada, medida. No rádio, ela é imediata, o público tem mais proximidade, se manifesta mais. A repercussão chega ao jornalista de rádio de forma mais rápida, intensa e direta. O veículo rádio é mais democrático, tem um alcance mais amplo e imediato. Atinge do taxista ao empresário. O que move o profissional de rádio é esse contato com o retorno do ouvinte ao trabalho do comunicador. O jornal impresso tem repercussão, mas é mais limitada. Com o passar do tempo, resolvi então aceitar que sou também um profissional de rádio.

Sempre fui um ouvinte, mas mais de rádio musical do que de radiojornalismo. O veículo rádio sempre trabalhou com o fator "instantaneidade". Para o rádio, é mais fácil se adaptar e se reinventar, do que para o jornal impresso. O rádio se beneficiou com o advento



Locutores da Rádio Cidade em setembro de 2017. Da esquerda para a direita: Marcelo Oliveira, Alaor de Oliveira e Franck Almeida. Foto: Liliane Giordano. Acervo: Memorial Rádio Caxias.

das redes sociais e obteve ganhos com elas, pois ele ainda é o principal canal de integração de uma comunidade, com sua instantaneidade, sua proximidade, sua vocação à prestação de serviços.

Considero que o localismo, a programação voltada ao local, é o ponto crucial e vital da Rádio Caxias, abordando com cuidado especial os assuntos caxienses e serranos. O fundamental é que seja dada voz aos pontos de vista de quem é daqui, sobre os temas daqui, no futebol, na comunidade, no empresariado, etc. Essa prática foi se ampliando na comunidade a tal ponto de se transformar não só em marca da emissora, mas também em uma necessidade de seu público, a quem a Rádio Caxias atende diariamente, e muito bem".

#### Lisete Oselame

Ao sentar com o autor deste livro para conceder depoimento a respeito de sua relação profissional com a Rádio Caxias, em março de 2016, a comunicadora Lisete Oselame salientava os 19 anos de existência de seu programa diário de debates, entrevistas, informação e variedades, "Persona", um dos carros-chefes da programação matinal da emissora, e sua evolução ao longo dos anos, em função do crescente aumento de popularidade. Nos primeiros anos, o "Persona" tinha uma hora e 15 minutos de duração. Com as novas reestruturações de programação decorrentes da irradiação concomitante nas frequências AM e FM, e, desde outubro de 2016, somente em FM, o programa ganhou volume, indo ao ar de segundas a sextas-feiras das 9h até 11h.

"A linguagem específica de FM é mais refinada, e tivemos de fazer algumas pequenas adequações no formato, no tamanho e no estilo do programa. Com isso, comecei a observar mais meu próprio estilo de linguagem, e adequá-lo ao padrão corrente das FMs. Passei a escutar outras emissoras FM de notícias, a fim de atualizar o formato do programa, com acréscimo de música, dicas culturais, agenda empresarial, participação do ouvinte por telefone e redes sociais, notícias e assim por diante. O público vem dando um retorno positivo imenso ao que estamos fazendo, com um programa mais dinâmico, mais movimentado. A diversidade de perfil dos ouvintes não só permanece como vem sendo ampliada, em função dessa nova dinamicidade adotada pelo 'Persona'.

A verdade é que a Rádio Caxias vem nos últimos anos, como um todo, acompanhando e se adequando à necessidade de mudança de linguagem imposta pelo surgimento de novas mídias e o desafio de manter o público atual e conquistar novos ouvintes. Como é uma emissora altamente profissionalizada desde a sua origem, esse desafio de se readequar aos novos desafios já é uma constante na trajetória da empresa, uma marca registrada. Essa oxigenada aplicada na programação, nos profissionais e na linguagem se reflete diretamente no incremento da qualidade dos produtos que a Rádio Caxias coloca no ar todos os dias. A Caxias incorpora as novas tecnologias com muita rapidez, desde computadores até internet, redes sociais, e-mails e aplicativos, conferindo agilidade no contato com a informação e sua transmissão ao ouvinte.

As redes sociais criaram uma nova forma de veicular notícias e, concomitantemente a isso, surge um novo público consumidor de informações, que a rádio também consegue alcançar. Precisamos, sim, estar atentos às notícias que sacodem o mundo, o País e o estado; porém, o grande trunfo da Rádio Caxias sempre foi e continuará sendo a atenção especial que dá ao localismo. As pessoas daqui querem saber das coisas daqui, do seu dia a dia, e isso quem deve proporcionar são os veículos locais de informação. A Rádio Caxias tem consciência disso e cumpre bem esse papel, desde que foi fundada."

### Alessandro Valim

O atual diretor de Programação da Rádio Caxias, Alessandro Valim, se considera "cria" da emissora, onde começou sua vida profissional no ano de 1995, com 18 anos de idade, na condição de estagiário. O contrato oficial de trabalho veio já no ano seguinte, 1996, quando das comemorações do cinquentenário da empresa. Valim analisa que seu envolvimento com o veículo e com a emissora em si acabam se mesclando, a Rádio Caxias direcionando sua trajetória profissional, a partir do envolvimento profundo que ela tem com toda a comunidade.

"Eu era um torcedor que acabou virando jornalista. Minha ligação primeira com a Rádio Caxias foi a de ouvinte, especialmente das transmissões esportivas, desde que me conheço por gente. Mais tarde, quando chega a época do fim do Segundo Grau (hoje Ensino Médio), vem aquele dilema sobre o que fazer da vida, que profissão seguir.

Até já acalentava uma ideia de cursar Jornalismo, mas, dentro disso, em especial, o foco era o jornalismo esportivo. Essa percepção eu já tinha especialmente devido a essa minha relação de ouvinte sistemático das jornadas esportivas da Rádio Caxias. Antes de eu ingressar nela profissionalmente, a emissora já cumpria um papel determinante no direcionamento de meu destino.

Ingressei no curso de Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul no início de 1995, e na metade do ano decidi que já tentaria trabalhar na área. Nessa mesma época, precisei fazer um trabalho acadêmico sobre jornalismo esportivo, em que era necessário entrevistar algum profissional, e escolhi o Sinval Paim, que na época era o coordenador de Esportes da Rádio Caxias. Fiz a entrevista e entreguei depois a ele uma cópia de meu material, já com a segunda intenção de estabelecer um canal de contato e sondar sobre a possibilidade de um estágio. Passaram-se dois meses, insisti, liquei de novo e ainda não havia nada. Mas, de tanto insistir, ele me disse para ir até a rádio em um sábado. Depois descobri que havia uma baixa na equipe, o plantão esportivo havia saído e não estavam encontrando ninguém para suprir a vaga. Foi guando ingressei como estagiário, em 26 de agosto de 1995. No final de dezembro, eu já era o responsável pelo plantão esportivo, para o que fui contratado oficialmente já no ano seguinte.

Depois, gradualmente, fui galgando outras funções como produção, reportagem e apresentação de programas. Em 2000, me formei, mas a grande escola de jornalismo que tive mesmo foi aqui na Rádio Caxias. Permaneci na emissora até o início de 1999, guando então aceitei um convite da Rádio São Francisco, que no ano anterior havia criado uma equipe de esportes e buscava profissionais com alguma experiência para auxiliar no novo projeto. Fizeram uma boa proposta e migrei, mas por pouco tempo. Em dezembro, retornei à Rádio Caxias por convite do Evandro Fontana, que então acabava de assumir a direção-geral. Voltei como repórter esportivo, não mais como plantonista. Fiquei nessa função até metade de 2002, quando me tornei coordenador de Esportes. Isso até setembro de 2004, guando o Guilherme Triches já havia assumido como diretor da rádio e me conduziu ao cargo de coordenador de Jornalismo, o que representou uma mudança importante na minha carreira. Eu abandonava a função primeira que me havia conduzido ao jornalismo, que era a de ser jornalista esportivo, mas essa nova atividade me abriu um novo campo, expandiu meus horizontes profissionais. Permaneci nesse cargo até abril de 2012, quando deixei a coordenação de Jornalismo e fiquei somente como apresentador de programa (o Jornal da Caxias', de manhã cedo), para assumir como editor do jornal Folha de Caxias. Editei o jornal até o final daquele ano, saí e, em fevereiro de 2013, comecei na função de diretor de Programação da Rádio Caxias.

Nesse período de duas décadas em que acompanho diretamente a história da rádio, atuando como profissional nas mudanças trazidas pela tecnologia. Como surgiram muitas mídias e se abriram centenas de possibilidades para gerenciar notícias, hoje a informação externa, ou seja, aquela referente ao que acontece mundo afora, está mais acessível a todos. A partir da década de 90, percebeu-se que, dentro da 'aldeia global', seria necessário haver veículos de comunicação que atendessem bem às exigências do localismo. No entanto, isso sempre foi um traço da Rádio Caxias. Por sua característica e vocação naturais, a emissora se colocou em um nicho de mercado no qual ela já tinha experiência e tradição, e que acabou ganhando nova importância na atualidade. Isso garante à Rádio Caxias estar bem posicionada no mercado em que ela compete."

### Guilherme Triches

O atual diretor-geral da Rádio Caxias, Guilherme Triches, representa a terceira geração familiar à frente da emissora, se for levada em conta a linhagem que o liga diretamente a um dos fundadores da empresa, 70 anos atrás, e desconsiderando a ausência de continuidade no processo, já que a rádio não esteve sempre nas mãos da família. Guilherme é filho de Paulo Triches, o empresário criador do Grupo STC, que adquiriu a Caxias em 1988, e bisneto de Joaquim Pedro Lisboa, um dos integrantes do trio que fundou a emissora em 1946. A trajetória profissional de Guilherme na empresa tem início ainda em 1999 quando, com 20 anos de idade, começa a trabalhar como auxiliar financeiro da empresa.

"O setor administrativo, o RH, o financeiro e a contabilidade da rádio funcionavam na sede da Enxuta, empresa carro-chefe do grupo empresarial comandado por meu pai, Paulo Triches. Na sede física da rádio, no Edifício Estrela, era operado somente o setor comercial.



A Rádio Caxias no DNA: descendentes de Joaquim Pedro Lisboa, Guilherme Dambros Triches, atual diretor da emissora, e seu pai, Paulo Triches. Foto: Liliane Giordano. Acervo: Memorial Rádio Caxias

Logo assumi também o setor financeiro e não demorou para transferirmos tudo para a sede da rádio, no ano 2000, facilitando todas as operações referentes à emissora. Fiquei como coordenador financeiro até 2003, quando me formei em Administração de Empresas pela Universidade de Caxias do Sul. A título de comemoração de formatura, fiz uma viagem para a Europa que durou algumas semanas e, na volta, meu pai me colocou no cargo de diretor-geral da Rádio: 'Agora é contigo', disse ele. Isso foi no início de 2003.

Mas minha relação pessoal com a Rádio Caxias vem de família, desde a época em que eu era criança. Eu escutava especialmente a Rádio Studio FM devido à programação musical, mas também ficava ligado na Rádio Caxias, especialmente a partir da adolescência, pois gostava de sintonizar as jornadas esportivas. A partir dos 14 anos, já era um ouvinte assíduo. Quando o pai comprou a emissora, eu ainda era criança e ia com ele até as dependências da Rádio Caxias nos finais de semana. Ficava andando pelos corredores e acabei gostando daquele ambiente. Todos dizem que rádio é uma 'cachaça', e acabei sendo conquistado por esse meio. É um ambiente legal para se trabalhar".

Dentre os episódios que deixaram marcas ao longo dos últimos anos à frente da emissora, Guilherme recorda o falecimento de Dante Andreis e de Vivaldo Vargas de Almeida, dois ícones da Rádio Caxias. Também lembra um contratempo sério que tirou a rádio do ar por algum período.

"Um dos piores momentos que vivenciei aqui na emissora ocorreu na noite de Natal de 2005, quando um forte temporal acabou derrubando a torre FM da Rádio Caxias. Possuíamos uma torre excelente e, devido aos estragos causados pelos fortes ventos daquela noite, a emissora foi obrigada a ficar alguns dias fora do ar. Depois, conseguimos instalar um transmissor em cima do Edifício Estrela, mas com uma potência baixa. A rádio ficou uns seis meses com dificuldade de sinal, até a torre nova ser erguida.

Temos também uma preocupação prioritária com a qualidade dos programas que colocamos no ar, inclusive com a quantidade de profissionais que a emissora abriga, em todos os setores, todos muito bem qualificados. É também característica da Rádio Caxias a formação de futuros profissionais. Abrigamos estudantes que fazem estágio aqui e têm condições de aprender na prática as nuances da profissão.

Levamos sempre em conta e temos muito presente, constantemente, o aspecto de que a Rádio Caxias cumpre, perante a comunidade, o papel de ser um veículo tradicional, de Caxias, voltado para Caxias. Precisamos defender o que é daqui. Acho que meu pai, Paulo Triches, desempenhou um papel muito importante nesse processo todo. Ele sempre teve uma ligação forte com a questão do incentivo à cultura e ao esporte, bem como à informação na cidade. Paixões que ele herdou do meu bisavô, um dos fundadores da empresa. Meu pai adquiriu a rádio em favor da cidade, para que ela permanecesse caxiense, voltada aos interesses de Caxias. Por isso, ele nunca concordou em vender a emissora, especialmente para grupos de fora, que várias vezes demonstraram interesse em adquiri-la. Ele sempre teve consciência de que, se a Rádio Caxias fosse vendida, ela seria descaracterizada. E isso está fora de cogitação."

# Linha do tempo

- 1946 Em 27 de abril, os empreendedores Joaquim Pedro Lisboa, Luiz Napolitano e Arnaldo Ballvé inauguram a ZYF-3 Rádio Caxias, nas dependências do Recreio Guarany, na Rua Pinheiro Machado. A empresa integra o Grupo Emissoras Reunidas, de Arnaldo Ballvé. Em 15 de novembro, estreava o programa "Esportes na Onda", dando início às atividades do Departamento de Esportes.
- 1947 Aquisição de um terreno no Morro Leonardelli, onde é instalada a nova antena, com torre metálica irradiante de 52 metros. A potência da Rádio Caxias passa a 1 kW.
- 1950 Os estúdios da emissora são transferidos para toda a área do primeiro andar do Edifício Kalil Sehbe (atual City Hotel), na Avenida Júlio de Castilhos, esquina com a Borges de Medeiros. Inaugura-se, em 8 de dezembro, um auditório para programas ao vivo, com 90 lugares.
- 1955 Aquisição de um terreno de 100 metros por 105 metros no Bairro São Ciro, mais afastado da cidade, para onde foram transferidos os transmissores e a torre irradiante. A potência aumenta para 5 kW.
- 1958 Morre um dos fundadores, Arnaldo Ballvé, em 12 de junho, em Porto Alegre, com 62 anos. Seu lugar frente às empresas é ocupado por seu filho, Frederico Arnaldo Ballvé.
- 1965 Nestor Rizzo, o primeiro diretor-geral da Rádio Caxias, desliga-se da emissora e seu lugar passa a ser ocupado, a partir de 1º de maio, por Gildo Flores, proveniente de Passo Fundo, RS.

- 1972 Em 26 de junho, morre um dos fundadores da emissora, Luiz Napolitano, com 73 anos. No mesmo ano, ocorre a inauguração, em 28 de agosto, da sede própria da Rádio Caxias, instalada em todo o 21º andar do Edifício Estrela, na Rua Garibaldi. Um grande complexo de 440 metros quadrados.
- 1974 Em 8 de novembro, morre mais um dos fundadores da emissora, Joaquim Pedro Lisboa, com 88 anos.
- 1979 A Rádio Caxias é contemplada com nova freqüência, a partir da aprovação do Plano Nacional de Ondas Médias, passando de 1370 kHz para 930 kHz.
- 1980 Aquisição de um novo terreno no Bairro São Ciro, ao lado do anterior, de cerca de 5 mil metros quadrados, onde é instalada a nova torre irradiante de 96 metros de altura. A potência passa para 20 kW, a mais potente emissora do interior do estado.
- 1987 É criada pelo STC a Rádio Jornal, cuja programação será o embrião da renovação da Rádio Caxias sob nova direção, no ano seguinte.
- 1988 Em julho, a Rádio Caxias é adquirida pelo empresário caxiense Paulo Roberto Lisboa Triches, neto de Joaquim Pedro Lisboa, e passa a integrar o Sistema Trídio de Comunicação.
- 1996 Em comemoração aos 50 anos de fundação da rádio, é lançado o livro "Rádio Caxias, 50 Anos", reunindo depoimentos de vários ex-diretores e funcionários.
- 1997 Inauguração do *website* da emissora (www.radiocaxias.com.br), ingressando no seleto time de rádios gaúchas que proporcionavam essa ferramenta a seu público.
- **2000** A Rádio Caxias passa a disponibilizar o áudio da programação diária também no *site*, possibilitando que a emissora seja sintonizada em qualquer parte do mundo por meio da internet.
- 2001 Os 55 anos de atuação da Rádio Caxias são comemorados com a organização de um Memorial Histórico, que reúne centenas de fotos e áudios da emissora.
- 2003 Guilherme Triches, bisneto de Joaquim Pedro Lisboa, assume a direção da empresa.
- 2012 A partir de 7 de outubro, a Rádio Caxias começa a transmitir na frequência 93,5 FM, de forma concomitante à frequência

# **Painel**

### Diretores

Nestor Rizzo (1946 – 1965)

Gildo Alves Flores (1965 – 1988)

Nestor Fedrizzi (1988 – 1989)

Inaro Cruz (1989 – 1990)

Sérgio Augusto Simon (1990 – 1993)

Jaime Luiz Walker (1993 -1999)

Evandro Fontana (1999 – 2003)

Guilherme Triches (2003 até os dias atuais)

## Referências

GARDELIN, Mario (Coord.). Rádio Caxias 50 anos. Caxias do Sul: Educs, 1996.

ERBES, Luiz Carlos. *Festa da Uva*: a alma de um povo. Caxias do Sul: Maneco, 2012.

MACHADO, Maria Abel. *Construindo uma cidade*: história de Caxias do Sul – 1875/1950. Caxias do Sul: Maneco, 2001.

KIRST, Marcos Fernando. *A história nas estantes:* 60 anos da Biblioteca Pública Municipal Dr. Demétrio Niederauer. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2007.

PONZI, Luiz Carlos; BORDIN, Carla Viviane Mânica. *Um* speaker *com voz de veludo*. 1999. Monografia (TCC no curso Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul, 1999.

RADIODIFUSÃO NO RS: história & estórias. Porto Alegre: Feplam – RS, 1992. v. 1.

#### Fontes

NO AR: o rádio e a televisão em Caxias do Sul. Documentário em DVD. 2011, Caxias do Sul. Produzido por Gildo Alves Flores e dirigido por Juliano Barasuol Flores. Fundada em 27 de abril de 1946, a Rádio Caxias rapidamente se consolidou como um veículo de comunicação protagonista da integração regional de toda a Serra Gaúcha. Ao longo dessas sete décadas de história, a emissora vem se destacando como um marco preponderante na construção permanente do crescimento e do desenvolvimento de Caxias do Sul e de vários municípios vizinhos. Dando voz a todos os diferentes setores da comunidade, reportando os fatos que movimentam seu cotidiano e promovendo debates e análises contextuais, a Rádio Caxias cumpre seu papel social junto à sociedade. Plenamente inserida na comunidade local e regional e irmanada na defesa das demandas da população, a emissora vem desempenhando um papel de liderança na concretização das bandeiras locais. São aspectos como esses, além de tantos outros, que estreitam e aprofundam os laços da empresa com os ouvintes e a totalidade da população regional, no dia a dia da programação que coloca no ar da Serra Gaúcha desde o primeiro minuto em que uma antena de transmissão fez seu prefixo ser irradiado, traduzindo a voz da Serra Gaúcha em ondas de rádio. Os principais fatos relacionados a essa trajetória empresarial, humana e comunicacional de sucesso, juntamente com as biografias de alguns desses protagonistas, bem como histórias de bastidores, são os principais elementos que compõem esta obra, pronta para ser saboreada.

#### Financiamento:







#### **Apoio Cultural:**





ISBN 978-85-7061-8757



